

2025

AN AIS



SEMINÁRIOS DE EGRESSOS DO CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM DIVERSIDADE E INCLUSÃO DA UFF

ISBN 978-65-979253-0-8

Organização:

Fernanda Serpa Cardoso

Viviane de Oliveira Freitas Lione

Niterói, RJ - Brasil

Ano: 2025

Documento elaborado por: ASAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Seminário de Egressos do CMPDI UFF
(3. : 2025 : Niterói, RJ)
III Seminário de Egressos do CMPDI UFF [livro eletrônico] / organização Fernanda Serpa Cardoso, Viviane de Oliveira Freitas Lione. -- Niterói, RJ : ASAS - Superdotados, 2025.
PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-979253-0-8

1. Diversidade 2. Educação 3. Inclusão escolar
4. Inclusão social 5. Seminários I. Cardoso, Fernanda Serpa. II. Lione, Viviane de Oliveira Freitas. III. Título.

26-339022.0

CDD-370

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação 370

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

III Seminário de Egressos do CMPDI UFF

Comissão Organizadora

Dra. Fernanda Serpa Cardoso – CMPDI UFF – Brasil
Dra. Viviane de Oliveira Freitas Lione – CMPDI UFF – Brasil

Comitê Editorial

Dr. Felipe Martins - felipe_prof@yahoo.com
Dra. Jacqueline Ramos - jacefadu@gmail.com
Dra. Ilma Rodrigues de Souza Fausto - ilma.rodrigues@ifro.edu.br
Dra. Célia Maria Adão de Oliveira Aguiar de Sousa - Celia.sousa@ipleiria.pt
Dra. Osilene Maria Sá Cruz - osilenecruz@id.uff.br
Dr. Thiago Correa Lacerda - thiago.lacerda@ifrj.edu.br

Diagramação e Capa

Ailana de Sousa Bezerra

Niterói, RJ - Brasil
Ano: 2025

Documento elaborado por: Ailana de Sousa Bezerra

Comissão Científica do III Seminário de Egressos do CMPDI UFF

Dr. Felipe Martins ISERJ
Dra. Jacqueline Ramos Dra. Janie Garcia da Silva CMPDI UFF – Brasil
Dra. Ilma Rodrigues de Souza Fausto IFRO - Rondônia
Dra. Célia Maria Adão de Oliveira Aguiar de Sousa Portugal
Dra. Osilene Maria Sá Cruz CMPDI UFF – Brasil
Dr. Thiago Correa Lacerda CMPDI UFF – Brasil

Comissão Executiva do III Seminário de Egressos do CMPDI UFF

Me. Ailana de Sousa Bezerra - Egresso CMPDI UFF
Me. Bianca Borges Melo - CMPDI UFF
Me. Danielle Diniz - Egresso CMPDI UFF
Danielle Mattos- CMPDI UFF
Me. Fátima Raulusaitis - Egresso CMPDI UFF
Dra. Fernanda Serpa Cardoso - CMPDI UFF
Me. Leomar Rodrigues de Avellar Baptisa - Egresso CMPDI UFF
Me. Luciene Bressand - Egresso CMPDI UFF
Dra. Josiane Aguiar Cerqueira Feliciano – Egresso CMPDI UFF
Dra. Suelen Adriani Marques - CMPDI UFF
Dra. Viviane de Oliveira Freitas Lione - CMPDI UFF
Me William Kitzinger - Egresso CMPDI UFF



Autores

**Adezilton Cordeiro de Lima
Ana Paula Matos Ximenes
Ana Regina e Souza Campello
Augusto Machado dos Santos
Cristiane Naegele Bon,
Dagmar de Mello e Silva
Daniele Ramalho de Assis Hanemann
Edicléa Mascarenhas Fernandes
Elisabete Cristina Cruvello da Silveira,
Erica da Costa Barros
Fabiana Martins Ribeiro
Fernanda Serpa Cardoso
Flávia Câmara Neto Athayde Gonçalves
Helio Ferreira Orrico
Isabelle Barboza Maia
Izabelle Moreno
Jacqueline de Faria Barros Ramos
Janie Garcia da Silva
Krysamon Deoclécio Barbosa Cavalcante
Lenilda de Matos Pinheiro
Luciane Rangel Rodrigues
Marcela Gonçalves de Oliveira Pinto
Maria de Fátima de Oliveira Freitas Barbosa,
Mariana da Silva Fonseca
Neyse de Carvalho Ribeiro
Osilene Maria de Sá e Silva da Cruz
Paola Martins B. P. Bandeira,
Rejany dos Santos Dominick
Renata Rocha Egger Blakeley,
Ruth Maria Mariani Braz
Suzete Araujo de Oliveira Gomes
Tainara Chagas Matschuck
Thaliane Alves Cunha
Thiago Corrêa Lacerda
Vera Lúcia Prudência dos Santos Caminha
Viviane da Silva Pinheiro,
Viviane de Oliveira Freitas Lione
Waneska Ferreira Cavalcante**

APRESENTAÇÃO

O **Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão (CMPDI)**, vinculado ao **Instituto de Biologia da Universidade Federal Fluminense (UFF)**, uma das instituições de ensino superior mais renomadas do Brasil, foi criado em 2013 e está inserido na área de **Ensino da CAPES**. O curso tem como objetivo principal a formação de profissionais qualificados para atuar de forma interdisciplinar em questões relacionadas à **diversidade e inclusão**, capacitando-os para analisar criticamente a realidade e contribuir para transformações sociais significativas.

A missão do CMPDI é formar profissionais críticos e preparados para atuar em um mundo em constante mudança, com ênfase em uma formação prática e experimental. O curso prioriza disciplinas e atividades que envolvem **testes de hipóteses, trabalhos de campo, estágios em divulgação científica e docência**, garantindo uma formação sólida e abrangente.

Em **2023**, o CMPDI celebrou seus **10 anos de existência** com a realização do **I Seminário de Egressos**, um importante na trajetória do curso. O evento, realizado no **Instituto de Biologia (Bloco M – Campus Gragoatá)** no dia **16 de agosto de 2023**, contou com a presença de pesquisadores que foram fundamentais para a criação do curso, ex-coordenadores do programa, além de palestras e salas temáticas que promoveram debates enriquecedores sobre diversidade e inclusão.

Em **2025**, dando continuidade às atividades de integração e celebração, o CMPDI realizou o **III Seminário de Egressos** no mês de novembro. O evento incluiu **palestras, mesas de discussão com a participação de egressos e uma exposição de trabalhos na forma de pôsteres**, consolidando-se como um espaço de troca de conhecimentos e experiências entre alunos, egressos e pesquisadores.

Esta obra tem como objetivo compilar os **resumos expandidos** dos trabalhos exibidos na modalidade pôster. A organização desses anais reflete o compromisso do CMPDI com a formação de profissionais que possuem um **conhecimento abrangente** sobre questões de diversidade e inclusão, aliado a uma **formação humanística e tecnológica** de excelência.

O evento de egressos não apenas celebra a trajetória do curso, mas também fortalece a rede de colaboração entre seus participantes, reafirmando o papel do CMPDI como um espaço de **inovação, reflexão e transformação** na área da diversidade e inclusão.

Fernanda Serpa Cardoso
Viviane Lione

Organizadoras do Seminário de Egressos do CMPDI UFF

SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
PROGRAMAÇÃO DO III SEMINÁRIO DE EGRESSO	12
CADERNO DE RESUMOS.....	13
A ARTE NO PLANO EDUCACIONAL INDIVIDUALIZADO, CAMINHO INCLUSIVO E DE EMANCIPAÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: DE HEIDEGGER A PAULO FREIRE	14
Izabelle Moreno	
Mariana da Silva Fonseca	
Cristiane Naegele Bon	
Jacqueline de Faria Barros Ramos	
ABC DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL	19
Erica da Costa Barros	
Janie Garcia da Silva	
ATELIÊ DE ARTE SENSORIAL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NUMA PERSPECTIVA INCLUSIVA.....	23
Maria de Fátima de Oliveira Freitas Barbosa	
Dagmar de Mello e Silva	
CURSO DE EXTENSÃO PARA EDUCADORES: TRABALHANDO A INTERCULTURALIDADE POR MEIO DE LITERATURAS	28
Viviane da Silva Pinheiro	
Osilene Maria de Sá e Silva da Cruz	
DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: CONCEITOS E CONCEPÇÕES.....	33
Waneska Ferreira Cavalcante	
Osilene Maria de Sá e Silva da Cruz	
LOGOS ENTRE O TEATRO E O ENSINO INCLUSIVO: UMA PEÇA TEATRAL SOBRE O ESTIGMA VIVENCIADO PELO SUJEITO COM TDAH NO AMBIENTE ESCOLAR.	38
Ms. Renata Rocha Egger Blakeley	
Prof. ^a Dra. Elisabete Cristina Cruvello da Silveira	
Prof. ^a Dra. Flávia Câmara Neto Athayde Gonçalves	
ELABORAÇÃO DE CATÁLOGO SOBRE OS RECURSOS MATERIAIS DE TECNOLOGIA ASSISTIVA E MATERIAIS ADAPTADOS DISPONÍVEIS NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE NITERÓI	43
Paola Martins B. P. Bandeira	
Suzete Araujo de Oliveira Gomes	
ENSINO DE MATEMÁTICA PARA SURDOS EM PERSPECTIVA BILÍNGUE – GLOSSÁRIO EM LIBRAS E EM PORTUGUÊS ESCRITO	48
Ma. Isabelle Barboza Maia	

Dra. Osilene Maria de Sá e Silva da Cruz	
EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM JOGO DE EMPATIA SOBRE A COMUNIDADE SURDA NO SEMINÁRIO II DO CURSO DE LETRAS DA UFRRJ.....	53
Luciane Rangel Rodrigues	
GUIA PARA GESTÃO DO DESENVOLVIMENTO NO ESPECTRO DO AUTISMO SOB A PERSPECTIVA BIOECOLÓGICA	58
Daniele Ramalho de Assis Hanemann	
Viviane de Oliveira Freitas Lione	
GUIAS DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA DUPLA EXCEPCIONALIDADE (AHSD/TEA): ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DE PAIS E CUIDADORES.....	61
Danielle de Moraes Góis Diniz	
Viviane Lione	
Fernanda Serpa Cardoso	
INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO: O RELATO DE EXPERIÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO DO <i>CHATBOT</i> I.A.R.A.....	66
Krysamon Deoclécio Barbosa Cavalcante	
Edicléa Mascarenhas Fernandes	
Helio Ferreira Orrico	
LETRAMENTO PARA ALUNOS SURDOS: A PEDAGOGIA VISUAL EM VÍDEOAULA SOBRE O SISTEMA SOLAR	71
Ana Paula Matos Ximenes	
Osilene Maria de Sá e Silva da Cruz	
LISTA DE INDICADORES SOBRE COMPORTAMENTO SUPERDOTADO E COMPETÊNCIAS AO PENSAMENTO COMPUTACIONAL: UMA EXPERIÊNCIA NO CURSO TÉCNICO EM INFORMÁTICA DO IFRJ76	
Neyse de Carvalho Ribeiro	
Thiago Corrêa Lacerda	
Fernanda Serpa Cardoso	
METODOLOGIA ATIVA E SEUS ATRAVESSAMENTOS NA INTERDISCIPLINARIDADE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO ENSINO SUPERIOR	81
Tainara Chagas Matschuck	
Vera Lúcia Prudência dos Santos Caminha	
NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE PROFESSORES SOBRE INCLUSÃO E DIVERSIDADE	86
Lenilda de Matos Pinheiro	
Rejany dos Santos Dominick	

**O USO DO LÚDICO ENQUANTO FERRAMENTA EDUCACIONAL
UTILIZADA PARA ALUNOS SURDOS E OUVINTES COMO PROMOÇÃO
DE INCLUSÃO NO SISTEMA DE ENSINO REGULAR.....90**

Marcela Gonçalves de Oliveira Pinto
Ana Regina e Souza Campello

**PARA ALÉM DAS RAMPAS: AUDIOVISUAL SOBRE ACESSIBILIDADE
ARQUITETÔNICA DO CAMPUS GRAGOATÁ- UFF.....94**

Thaliane Alves Cunha

**PROJETO MOVIMENTA 60+, PROJETO PILOTO SOBRE A
IMPLEMENTAÇÃO DA FISIOTERAPIA NA UNIDADE DE REINserÇÃO
SOCIAL MARIA VIEIRA BAZANI99**

Marcele Barros de Oliveira
Fagner Henrique G. Neves
Paulo Pires de Queiroz

**QUADRINHOS COM CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA COMO FOCO
PRINCIPAL: O DIA-A-DIA DOS PERSONAGENS MESMO FORA DAS
PÁGINAS 104**

Adezilton Cordeiro de Lima
Janie Garcia da Silva. Doutora
Ruth Maria Mariani Braz

**UM LIVRO SOBRE TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM:
ABORDAGEM CLÍNICA E EDUCACIONAL SOBRE TECNOLOGIAS DE
INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO PARA ALUNOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL 109**

Fabiana Martins Ribeiro
Janie Garcia da Silva

**VISUALIDADE E MATERIAL BILÍNGUE PARA ALFABETIZAÇÃO E
LETRAMENTO DE ALUNOS SURDOS: PROTAGONISMO DO
PROFESSOR SURDO 114**

Augusto Machado dos Santos
Osilene Maria de Sá e Silva da Cruz

ÍNDICE REMISSIVO..... 119

SOBRE OS AUTORES 121

AGRADECIMENTOS 134

PREFÁCIO

A formação de Mestres em Diversidade e Inclusão pelo CMPDI UFF representa um marco significativo no fortalecimento do compromisso com a promoção da equidade, do respeito às diferenças e da valorização da pluralidade cultural. No contexto contemporâneo, em que a luta por justiça social e direitos humanos se faz cada vez mais urgente, o papel desses Mestres torna-se essencial para transformar realidades, desconstruir preconceitos e construir espaços mais inclusivos.

Essa iniciativa se torna ainda mais robusta e relevante quando é perceptível que o Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão da Universidade Federal Fluminense forma Mestres oriundos não só do Estado do Rio de Janeiro, mas de outras regiões do Brasil. A parceria com universidades de diversas partes do mundo, permitindo a troca de saberes, o compartilhamento de experiências e a construção de um conhecimento verdadeiramente global e interdisciplinar reforça o quanto à luta pela Inclusão é atual e global. A colaboração internacional amplia o olhar crítico e enriquece as abordagens teóricas e práticas dos profissionais formados, promovendo a conexão entre diferentes contextos sociais e culturais.

Reunir Egressos dessa formação para compreender suas produções e desdobramentos é um esforço valioso para avaliar o impacto concreto desse processo educativo. Conhecer as trajetórias profissionais, os projetos desenvolvidos e os resultados alcançados por esses Mestres permite não apenas mensurar a efetividade da formação, mas também inspirar novas práticas, revisar metodologias e fortalecer redes de colaboração que potencializam a transformação social.

Este prefácio, portanto, celebra os encontros acontecidos durante os III Encontro de Egressos do CMPDI UFF, ressaltando a importância dessa formação, a riqueza das parcerias internacionais estabelecidas e o compromisso contínuo com a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e diversa.

Fernanda Serpa Cardoso
Viviane Lione

Organizadoras dos I e II Seminários de Egressos do CMPDI UFF

PROGRAMAÇÃO DO III SEMINÁRIO DE EGRESSO

- **Data:** 07 de novembro de 2025
- **Local:** Instituto de Biologia (Bloco M – Campus Gragoatá, UFF)

8h30 – Credenciamento

9h00 - Mesa de Abertura

- Mesa de boas-vindas com a presença de pesquisadoras fundadoras do CMPDI, ex-coordenadores e representantes da UFF.

09h30 – Palestra: **Novo Sucupira: o papel ativo na avaliação de permanência da CAPES**

Palestrante: **Dra. Suelen Adriani**

10h30 – Palestra: **O impacto da educação inclusiva na prevenção do bullying no ambiente escolar**

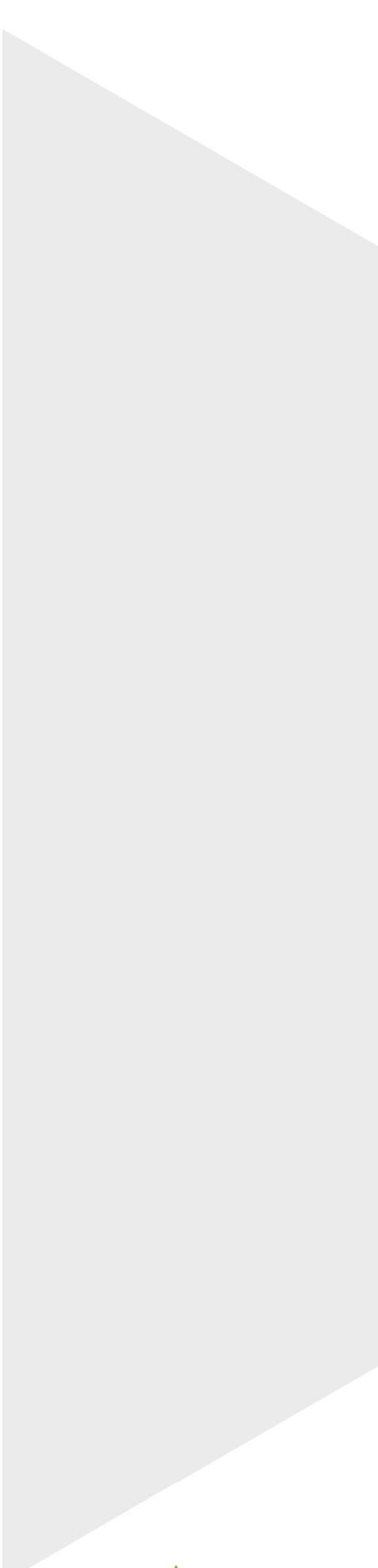
Palestrante:

11h30 – Intervalo

13:00 - Grupos de Trabalho: avaliação do Programa de Mestrado em Diversidade e Inclusão

15h45 - Apresentação dos Pôsteres e Lanche de Confraternização

17h00 - Encerramento



CADERNO DE RESUMOS



A ARTE NO PLANO EDUCACIONAL INDIVIDUALIZADO, CAMINHO INCLUSIVO E DE EMANCIPAÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: DE HEIDEGGER A PAULO FREIRE

Izabelle Moreno, Mestranda em Diversidade e Inclusão (CMPDI/UFF), izabellemoreno@id.uff.br
Mariana da Silva Fonseca, Mestranda em Diversidade e Inclusão (CMPDI/UFF), mfonseca@id.uff.br
Cristiane Naegle Bon, Mestranda em Diversidade e Inclusão (CMPDI/UFF), cnaegle@id.uff.br
Jacqueline de Faria Barros Ramos, Pós-doutora em Ciência, Tecnologia e Inclusão, jac_amos@id.uff.br

RESUMO

A proposta prevê uma pesquisa acerca da formação do professor do Ensino Básico pela perspectiva da inclusão, recorrendo à Arte sob os vieses heideggeriano e freiriano, como possibilidade de atuação/discussão do fazer pedagógico. Pela fenomenologia, observamos como a sensibilidade estética promove o reconhecimento das singularidades. Os procedimentos ancoram a proposta na Pedagogia da Diferença e na Filosofia da Deficiência, apontando o Plano Educacional Individualizado (PEI) como instrumento que capta a existência sensível do estudante com deficiência/neurodivergência. O objetivo é apresentá-lo como instrumento capaz de orientar práticas docentes, éticas e emancipatórias, diante das diferenças múltiplas e interseccionais desses sujeitos. Os resultados serão divulgados nas proposições concebidas e experimentadas a partir deste texto, no repositório <https://projetoalileugalilei.wordpress.com/> e no <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/1131977>, numa iniciativa do Grupo de Estudos “Diálogos transdisciplinares: para que filosofar?”, disciplina ‘Biologia do Conhecer’ (CMPDI/UFF).

Palavras-chave: Ensino; PEI; Pedagogia da Diferença; Filosofia da Deficiência; Infâncias.

INTRODUÇÃO

Este artigo tece uma reflexão acerca da formação docente na Educação Básica pela perspectiva inclusiva. Em uma turma, onde a diversidade é parâmetro e a inclusão uma necessidade, quais instrumentos promovem equidade?

Recorremos à Arte, como hipótese interdisciplinar, para analisar o questionamento. Para tanto, escolhemos Paulo Freire em sua obra “Educação como prática de liberdade” (2011). Ele é o caminho que nos serve de guia, como um contraponto para esse tempo assombrosamente bruto e desconectado das sensibilidades. Por meio de sua concepção educacional, baseada na prática da liberdade, no reconhecimento da cultura que a criança traz consigo e na



construção de um saber concreto, dialógico e significativo, refletimos acerca da construção da emancipação dos sujeitos.

A observação que realizamos é conceitual e empírica, pois se inicia pelos marcadores ontológicos do indivíduo na perspectiva heideggeriana do *Dasein*. Esses marcadores são observados nos registros artísticos brincantes do Plano Educacional Individualizado (PEI).

OBJETIVO

Apontar o PEI como um recurso ontológico-artístico - porque voltado às especificidades sensíveis (emocionais, biológicas, culturais, contextuais e familiares) – que se configura como representação do *Dasein* heideggeriano: princípio existencial que serve de base ao docente no reconhecimento descritivo/narrativo da criança/adolescente com quem ele lida no seu exercício pedagógico.

MÉTODO

A pesquisa fenomenológica, descritiva e qualitativa, pensa acerca da formação do docente da Educação Básica e, inevitavelmente, nas crianças e em suas infâncias. Não há como conceber o conhecimento fora da figura de um sujeito educador ou alheio à concepção de uma representação físico-simbólica de um sujeito ‘aluno’, nem mesmo há qualquer possibilidade de separá-lo de suas experiências como o infante que, um dia, ele foi.

Hoje, quando defendemos que as figuras docente e discente aprendem quando compartilham conhecimento, não defendemos somente o que entendemos como forma de aprendizado, mas como um ‘modo de ser’ do humano. Desse modo, quando humanos se encontram e se conectam, há desvelamentos que acontecem nesse evento de natureza ontológica, pois “a verdade deve ser arrancada primeiramente dos entes. O ente é retirado do velamento. O desvelamento em seu fato é, ao mesmo tempo, um *roubo*” (Heidegger,



2002, p. 291). Assim, o 'roubo' representa a totalidade do ser que se constrói naturalmente pela verdade.

A Constituição Brasileira admite que o conhecimento é um direito de todo cidadão. Entretanto, a despeito da Lei, muitos ainda se encontram apartados de suas autonomias e acessos. A emancipação humana, de acordo com Heidegger, nasce quando, de posse de seus direitos e reconhecendo limites civilizatórios (leis, decretos, regimentos e outros), o homem pode se expressar com liberdade acerca de si, do outro e da vida, expondo ideias, sonhos e sentimentos. A isso, supomos a nomeação do *Dasein* heideggeriano ou do cuidado de Freire: a configuração da independência do ente humano dos demais entes, inscrita por intermédio da linguagem que permite ao ser razão, sentir, duvidar, debater, nomear e amar.

Isso posto, para que a emancipação se efetive, há de se considerar certos elementos fundamentais e a Arte, como resultado de potências humanas, pode nos oferecer caminhos. Entendemos esses elementos artísticos numa correlação com o Plano Educacional Individualizado (PEI) - registro concebido como recurso pedagógico que planeja e adapta o ensino às necessidades específicas do sujeito com deficiência, apresentando e analisando, a partir de marcadores ontológicos, o sujeito ali descrito. A intenção de construção de um PEI se alinha à construção de um 'rosto' identitário para o sujeito naquele período (semestre/ano letivo do aluno). Aqui, defendemos que o PEI pode ser um espelho fidedigno do tempo/espço vivido em termos de experiência e experimentações do sujeito.

RESULTADOS

As concepções descritas não prescrevem teorias fechadas. A partir do que as autoras compreendem como Pedagogia da Diferença, inserida na Filosofia da Deficiência, elas apontam para princípios a serem adotados no PEI: a) desde a primeira infância, o sujeito precisa da Arte. A Arte é uma brincadeira séria, elemento-chave para uma formação empática e respeitosa. A Arte, por meio da experimentação estética (experiências individuais e coletivas com sensações artísticas), possibilita ao sujeito olhar para dentro de si e olhar para o outro,



levando-o ao refinamento desse olhar e motivando-o à autonomia; b) as escolas precisam valorizar as expressões artísticas, pois elas ressignificam a existência ao possibilitarem polissêmicas formas de expressão (na música, no desenho, na literatura, no cinema, entre outros modos), assim como compartilhamentos sensoriais e descobertas de outras capacidades com características ainda desconhecidas do sujeito; c) em termos cognitivos, biológicos, sociais e culturais, a Arte contribui promovendo seu desenvolvimento ao oferecer territórios interativos, criando realidades ricas no combate à desigualdade social, ao preconceito, ao bullying e ao racismo, pois a Arte transmuta realidades, permitindo trocas simbólicas em nome da diversidade; d) a Arte é elemento agregador entre diferentes e iguais, reavivando memórias e reminiscências humanas, evocando pertencimentos e ancestralidades.

Desse modo, a Arte é revolucionária no processo inclusivo, pois toca em lugares e pertencas onde antes não existia qualquer possibilidade de saída. Como concebe Freire em *Pedagogia da Esperança* (2013), a inclusão é mais do que um compromisso político e pedagógico. Ela é a comemoração das diferenças, não apenas uma adaptação à equivalência. Ela exige equidade, acontecendo quando o que se aprende, com a diversidade, valoriza a narrativa de vida de cada criança/estudante, incluindo nisso, a episteme libertária de uma sociedade que se repensa em termos históricos e sociais.

CONCLUSÃO

Este artigo reflete sobre a formação docente na Educação Básica pela perspectiva inclusiva cujo eixo norteador está na Arte. A inquietação sobre como o professor pode atuar diante das diferenças, fez surgir o problema da pesquisa e a necessidade de um recurso ontológico-artístico que colocasse em perspectiva as subjetividades dos sujeitos.

Diante disso, os pensamentos freiriano e heideggeriano servem de instrumentos de reflexão acerca da emancipação humana, como um acontecimento da linguagem. A Arte, nesse contexto, promove o *Dasein*:



legítima experiência de reconhecimento de si e do outro no ato de se expressar e ser ouvido.

Nesse entrecruzamento filosófico, a Arte sai da esfera didática para a político-ética, criando espaços de escuta e tornando as salas de aula criadoras de encontros entre mundos, rompendo silêncios e valorizando singularidades. O PEI emerge como ferramenta fundamental, pois longe de ser um recurso burocrático, ele desafia o docente a perscrutar afetos e vivências, funcionando como dispositivo estético-filosófico, destinado a ajudar o *Dasein* a se reconhecer. A partir dessa compreensão da Arte, a elaboração do PEI nasce de um olhar para a existência do discente com o objetivo de criar aprendizagens emancipatórias e significativas.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 34. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**, partes I e II. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002.



ABC DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Erica da Costa Barros, Mestre em Diversidade e Inclusão, ericacbarros2010@hotmail.com
Janie Garcia da Silva, Doutora em Ciências Biológicas, janiegarcia@id.uff.br

RESUMO

A presente pesquisa aborda a importância de ofertar uma orientação aos profissionais de Educação Infantil, no que tange à inclusão do aluno com deficiência na escola regular. Para isso, foram pesquisados artigos sobre a formação do professor, do processo de ensino - aprendizagem, da escola como ambiente inclusivo e das características próprias da Educação Infantil. Analisou-se textos legais que regem a Educação brasileira e levantou-se informações que pudessem auxiliar ao professor de Educação Infantil para atuar na Educação Especial, fornecendo suporte para lidar com crianças com deficiência. O produto dessa pesquisa é um e-book, elaborado a partir de demandas de professores da Educação Infantil.

Palavras-chave: Inclusão; Legislação; Ensino - aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho apresenta a base teórica que fundamenta a pesquisa, norteando o percurso para alcançarmos os objetivos gerais e específicos, desde o levantamento de artigos, legislações até a confecção do produto final. A metodologia mostra como foram alcançados os objetivos, escolhidas as Bases de Dados para obtenção de artigos e o porquê não se optou por textos em Língua Estrangeira.

Ainda na metodologia, descrevemos a busca pela Legislação municipal no site do município de Niterói, assim como o caminho percorrido para a utilização das demais legislações citadas no trabalho. Em resultados mostramos as demandas mais frequentes apresentadas pelos professores de Educação Infantil em relação à inclusão da criança com deficiência e uma análise dos textos legais e acadêmicos, respectivamente.



Articulamos os textos legais em relação ao fazer docente, seus direitos e deveres, salientando as obrigações estatais quanto à educação escolar desenvolvida nas Unidades.

Em reflexão sobre o papel do professor no que tange à inclusão total da criança com deficiência na Educação Infantil, reiteramos a importância do brincar e cuidar nessa etapa da Educação Básica.

O e-book, produto final do Curso de Mestrado, possui temas como acolhimento, documentação, modelos de PEI, relatórios e entrevistas, links com materiais para aprofundamento de estudos e legislação.

Nas referências constam as fontes utilizadas para dar subsídio ao texto, assim como aqueles que serviram de base para provocar reflexão, inquietações e incertezas.

OBJETIVOS

O Objetivo Geral foi produzir um e-book sobre Educação Especial para orientar professores de Educação Infantil sobre inclusão da criança com deficiência, para isso percorremos os seguintes objetivos específicos: Levantar informações disponíveis sobre Educação Especial na Educação Infantil; Investigar documentos legais do município de Niterói sobre a Educação Especial; Caracterizar o papel do professor no processo inclusivo para alunos com impedimento no ambiente escolar da Educação Infantil; Elaborar materiais que orientem professores da educação infantil sobre a inclusão de alunos com deficiência.

METODOLOGIA

Foi desenvolvida uma pesquisa de caráter qualitativo - quantitativo, tendo como público-alvo professores de Educação Infantil do município de Niterói. O levantamento de informações sobre Educação Especial na Educação Infantil utilizou como palavras chave os termos: “Inclusão”, “Educação Infantil” e “Educação Especial”. As Bases de Dados Google Acadêmico e Scielo foram



consideradas fontes de consulta, por apresentarem informações suficientes sobre os termos pesquisados. Foi elaborado um brainstorm a partir de questões mais comuns do cotidiano da experiência escolar com outros professores da rede municipal. Foram consultados os sites da Prefeitura de Niterói e da Fundação Municipal de Educação (FME) sobre documentos legais referentes à Educação Especial do município, comparando-os com a legislação nacional. A partir das questões mais frequentes nas bases de dados e nos elementos legais, foi caracterizado o papel do professor no processo inclusivo do aluno com deficiência no ambiente escolar da Educação Infantil. Foi confeccionado um e-book com uma linguagem direta, textos curtos e modelos de documentos produzidos durante os cursos de AEE e no período, como professora de sala de recursos abordando questões que aparecem como elementos de dúvidas entre os profissionais.

RESULTADOS

Devido à falta de variedades de materiais em outras Bases de Dados, optamos por considerar as Bases de Dados Google Acadêmico e Scielo, fontes de trabalho, pois ambas apresentaram diversidade de materiais suficiente com os termos pesquisados. As demandas mais encontradas foram referentes à insatisfação pela falta de apoio, o sentimento de despreparo para lidar com os alunos com deficiência, e conseqüentemente, favorecer a inclusão do aluno no ambiente escolar, a defasagem nas formações iniciais e continuadas quanto ao assunto e a falta de informações sobre como avaliar e criar documentações. Outras demandas que aparecem na pesquisa são a preocupação com a falta de estrutura do ambiente físico e a falta de recursos. Em menor frequência constata-se resistência à inclusão total, dificuldade para compreender os conceitos de deficiência e normalidade, assim como a ausência da autonomia do trabalho docente.

CONCLUSÃO



A presente pesquisa mostrou que os profissionais que atuam na Educação Infantil sentem-se angustiados, despreparados e sobrecarregados por desconhecerem seus direitos e pela ausência de material prático que os auxilie na execução de seus direitos. A formação do professor da Educação Infantil na perspectiva da inclusão do aluno com deficiência deve atender às demandas desses profissionais, considerando o processo que permeia os projetos educacionais inerentes a essa etapa de ensino e à ação docente que concretiza o que for projetado.

Examinando os materiais, percebemos que as demandas elencadas estagnaram no campo da pesquisa teórica, sendo os profissionais como coadjuvantes do processo, se não, culpabilizados pelo fracasso escolar da criança com deficiência. O objetivo da pesquisa fora alcançado, à medida que identificamos as demandas de professores da Educação Infantil mais frequentes em relação à inclusão, traçando o papel dos mesmos e ofertando orientações embasadas na legislação, alinhadas à realidade do cotidiano escolar.

Confeccionando um e-book com orientações diretas e exemplificadas, considerando a dinâmica de muitos profissionais que possuem escassez de tempo para a realização de leituras com textos longos, através de um material de suporte compilado.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Presidência da República. Brasília, DF, 2015. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato20152018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 23/10/2025.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO (FME). Portaria nº 087, de 12 de fevereiro de 2011. Estabelece as **Diretrizes Curriculares para Educação Infantil e Ensino Fundamental Regular no município de Niterói**. Jornal A Tribuna, Niterói, RJ, 12.fev.2011.



ATELIÊ DE ARTE SENSORIAL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NUMA PERSPECTIVA INCLUSIVA

Maria de Fátima de Oliveira Freitas Barbosa, Mestre em Diversidade e Inclusão no CMPDI – UFF, mfatima.ioko.edu@gmail.com

Dagmar de Mello e Silva, Doutora do PGCTIn e do Programa de Pós-graduação em Educação PPGE/UFF, dag.mello.silva@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar como a arte sensorial contribui para a formação continuada de professores que atuam na educação inclusiva, a partir das experiências vivenciadas durante as Oficinas de Arte Sensorial. Esta pesquisa surgiu como um desdobramento da dissertação de mestrado intitulada “A Arte como Ferramenta de Aprendizagem no Trabalho com Jovens e Adultos com Deficiência Intelectual”, que evidenciou o potencial da arte como mediadora da aprendizagem de estudantes com deficiência intelectual. A proposta busca oferecer aos docentes vivências práticas e reflexivas que favoreçam a compreensão da sensorialidade como recurso pedagógico, ampliando possibilidades de interação, mediação e acessibilidade curricular. Nas oficinas deste projeto, através de momentos de experiência artística e contribuições teóricas, os participantes elaboraram práticas mais sensíveis e ações mais estratégicas e contextualizadas, aplicadas posteriormente em seus contextos educacionais. Os registros produzidos pelos professores evidenciam transformações em suas concepções e metodologias, destacando a relevância da arte sensorial na construção de práticas pedagógicas mais humanas, responsivas e inclusivas.

Palavras-chave: Arte; Inclusão; Formação de Professores; Sensibilidade; Educação Sensorial.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo demonstrar a importância da arte no contexto escolar e, especialmente, no processo de formação de docentes numa perspectiva inclusiva. É cediço que o trabalho com as artes constitui uma experiência profundamente significativa, capaz de envolver o indivíduo de maneira integral e de mobilizar seus múltiplos sentidos.

O Ateliê de Arte Sensorial na Formação de Professores numa Perspectiva Inclusiva surgiu no âmbito da Educação Especial, a partir da pesquisa desenvolvida na dissertação intitulada *A Arte como Ferramenta de Aprendizagem no Trabalho com Jovens e Adultos com Deficiência Intelectual*. A



relevância dessa investigação motivou o desenvolvimento de novas iniciativas, resultando em desdobramentos como o projeto *A Formação Continuada de Professores por meio de Oficinas de Vivências em Artes Sensoriais*.

O *Ateliê de Arte Sensorial na Formação Continuada de Professores Numa Perspectiva Inclusiva* tem se mostrado de grande importância para docentes que atuam em contextos de educação inclusiva, pois, por meio das experiências de sensibilização e da redescoberta dos sentidos, os professores passaram a identificar diferentes possibilidades de interação e de mediação com estudantes neurodivergentes. Essa vivência tem contribuído para que os educadores repensem e adaptem suas práticas pedagógicas às necessidades reais de seus alunos, promovendo a acessibilidade curricular. Dessa forma, busca-se construir um processo de inclusão educacional mais humano, acessível e prazeroso, pautado na valorização das diferenças e na ampliação das possibilidades de aprendizagem para todos.

OBJETIVO

Proporcionar aos professores experiências sensoriais por meio da arte, favorecendo a aplicação dessas vivências em suas práticas pedagógicas com os alunos no contexto da educação inclusiva.

MÉTODO

A pesquisa desenvolvida adotou uma metodologia de natureza qualitativa, estruturada a partir de uma abordagem colaborativa, conforme os pressupostos teóricos de Ibiapina. Segundo Ibiapina (2008, p. 15), a investigação-ação emancipatória constitui uma prática social desenvolvida de forma colaborativa entre pesquisadores e docentes, com a finalidade de promover o aprimoramento da compreensão acerca de uma determinada realidade e de transformar as condições concretas em que o trabalho pedagógico se efetiva.



As oficinas formativas foram realizadas no âmbito dos encontros de formação de professores, com duração variável entre quatro e oito horas, dependendo das condições e especificidades do ambiente em que ocorreram. Essas oficinas foram organizadas em dois momentos distintos e complementares. O primeiro momento correspondeu à vivência prática, na qual foram apresentados experimentos e atividades relacionadas à realidade pedagógica dos docentes, considerando o público-alvo com o qual atuam. O segundo momento destinou-se ao estudo teórico e reflexivo acerca da temática explorada na etapa anterior, favorecendo a ampliação da compreensão sobre os fundamentos e implicações pedagógicas da experiência vivida.

Ao término de cada oficina, os participantes foram organizados em grupos, com o objetivo de elaborar uma proposta de trabalho colaborativo fundamentada na temática abordada e nas experiências práticas desenvolvidas. Essa proposta foi posteriormente aplicada no contexto profissional dos docentes. Como etapa conclusiva, os professores enviaram registros fotográficos e relatos descritivos das atividades de arte sensorial realizadas com seus alunos, possibilitando a análise e reflexão sobre os efeitos da proposta em suas práticas educativas.

RESULTADOS

Após a implementação do *Ateliê de Arte Sensorial na Formação Continuada de Professores numa Perspectiva Inclusiva*, observou-se que os docentes participantes das oficinas passaram a demonstrar maior compreensão acerca da importância do desenvolvimento de metodologias acessíveis, orientadas para um planejamento pedagógico mais humanizado e sensível, capaz de abranger todos os estudantes, tanto na Educação Infantil quanto no Ensino Fundamental.

O trabalho com artes sensoriais consiste na exploração livre e dirigida de espaços e objetos projetados para este fim, favorecendo a experiência de um ambiente transformável no momento presente, através de diferentes estímulos provenientes do contato com objetos dos mais diversos. (BAPTISTA, 2011, p. 1).



Essa constatação fundamenta-se na análise dos relatos dos professores participantes, os quais foram coletados por meio de relatórios reflexivos e registros fotográficos das práticas pedagógicas realizadas em sala de aula após a participação nas oficinas.

CONCLUSÃO

Conclui-se que o *Ateliê de Arte Sensorial* constitui uma proposta significativa para a formação de professores numa perspectiva inclusiva. Ao integrar arte e sensorialidade, o projeto possibilita experiências que sensibilizam o educador, ampliam sua percepção sobre a diversidade e fortalecem práticas pedagógicas mais humanas e acolhedoras.

A vivência formativa reafirma a arte como mediadora da inclusão e da aprendizagem, mostrando que o estímulo aos sentidos e às sensações é essencial para o desenvolvimento integral dos alunos. Assim, investir em formações que envolvam o fazer artístico e o olhar sensível é um passo fundamental para a construção de uma educação verdadeiramente inclusiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAPTISTA, A. L. BARCELLOS, E.; BRITTO, S. *Artes sensoriais*. 2011. Disponível em: <http://www.incorporarte.psc.br/sys/index.php?option=content&task=view&id=1>. Acesso em: 10 set. 2025.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos*. 9ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARDNER, Howard. *Inteligências múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artmed, 1995.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. *Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos*. Brasília: Líber Livro Editora, 2008.



OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. 26ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

VYGOTSKY, Lev S. *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.



CURSO DE EXTENSÃO PARA EDUCADORES: TRABALHANDO A INTERCULTURALIDADE POR MEIO DE LITERATURAS

Viviane da Silva Pinheiro, mestre em Diversidade e Inclusão, vivianesp@id.uff.br
Osilene Maria de Sá e Silva da Cruz, doutora em Linguística Aplicada, osilenecruz@id.uff.br

RESUMO

A presente pesquisa, de cunho qualitativo e exploratório (Denzin; Lincon, 2016), tem por finalidade apresentar a construção e implementação de um curso de extensão com foco em práticas cotidianas que possam oportunizar a seus aprendizes ações que enalteçam o conhecimento social, intercultural, linguístico e crítico, em prol do desenvolvimento da capacidade de narrativa dos alunos, da criticidade e do processo de ensino-aprendizagem de modo mais atraente, lúdico, prazeroso. O curso intitulado “Literaturas Negra, Surda e Feminista: Trabalhando e articulando a interculturalidade em práticas pedagógicas” foi planejado e realizado de forma remota para o público-alvo constituído por docentes, estudantes universitários e profissionais de educação, e destacou temas transversais necessários para a formação do cidadão por meio de diferentes e importantes literaturas. O Curso foi disponibilizado em uma plataforma online através da Coordenação de Educação a Distância (CEAD), com videoaulas elaboradas por professores/pesquisadores convidados, materiais de apoio, fóruns de debate e atividades. Como resultado, pode-se afirmar que o objetivo principal foi contemplado, uma vez que os cursistas corresponderam positivamente às ações e estratégias ofertadas e, em maioria, afirmaram que as temáticas agregaram na sua prática de forma satisfatória.

Palavras-chave: Interculturalidade; Formação Docente para Interculturalidade; Culturas; Literaturas

INTRODUÇÃO

O debate sobre interculturalidade nas escolas enfrenta desafios práticos na promoção da cidadania e respeito à diversidade. A educação escolar deve formar cidadãos críticos, conscientes e participativos, tanto nos conteúdos clássicos quanto nas questões sociais.

Dados do Censo 2023 mostram um aumento na autodeclaração de negros no Brasil, indicando maior valorização das identidades étnico-raciais. A escola, por sua vez, é essencialmente um espaço plural, que deve valorizar e respeitar as diferentes identidades culturais. Como avanços jurídicos, a Lei nº 10.436/2002



reconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a Lei nº 10.639/2003 estabelece o ensino de história e cultura africana.

No entanto, na prática, sua implementação ainda é limitada e grupos constituídos por surdos se mantêm na luta por demandas específicas sobre inclusão. A literatura é apontada como uma ferramenta essencial no desenvolvimento crítico das crianças, pois estimula a imaginação e quebra tabus. Obras literárias que abordem a diversidade cultural negra, feminina e surda são fundamentais para garantir a identificação de alunos e promover uma educação mais inclusiva. Este texto se trata de um recorte da pesquisa de mestrado (Pinheiro, 2023) e apresenta a importância do trabalho com a interculturalidade por meio de literaturas com docentes da educação básica.

OBJETIVO

Apresentar a construção e implementação do curso de extensão com foco em práticas cotidianas que possam oportunizar a seus aprendizes ações que enalteçam o conhecimento social, intercultural, linguístico e crítico.

MÉTODO

Para a presente pesquisa, de abordagem qualitativa e exploratória (Denzin; Lincon, 2016), primeiramente diante de um levantamento bibliográfico detalhado, foi planejado, elaborado e oferecido um curso de extensão, intitulado “Literaturas Negra, Surda e Feminista: Trabalhando e articulando a interculturalidade em práticas pedagógicas”.

A formação ocorreu de forma remota, destinada para docentes, estudantes universitários e profissionais de educação, com abordagem de temas transversais sobre literaturas: literatura negra, literatura surda e literatura feminista.

O curso foi disponibilizado em uma plataforma online da Coordenação de Educação a Distância da Universidade Federal Fluminense (UFF/CEAD),



contendo as videoaulas elaboradas por professores/pesquisadores convidados, os materiais de apoio, fóruns de debate e atividades.

RESULTADOS

Literaturas Negra, Feminista e Surda: Trabalhando e articulando a interculturalidade em práticas pedagógicas foi um curso de extensão como produto do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão (CMPDI) da Universidade Federal Fluminense (UFF) e teve em sua primeira implementação mais de cem cursistas, entre eles, docentes, mediadores, agentes educacionais, intérpretes de Libras, estudantes de graduação e gestores.

O curso de extensão on-line com carga horária de 30 horas, ofertado por meio da plataforma da Coordenação de Educação à Distância da Universidade Federal Fluminense (CEAD). Para a estruturação e formalização, contamos com a parceria da Faculdade de Educação, por meio da Professora e Doutora Alice Akemi Yamasaki, que obteve a autorização da ação de extensão, formalizada na ata departamental para registro no Sistema de Gestão de Projetos (Sigproj), cuja autorização foi registrada no protocolo 390722.2206.59937.20032023 e foi oferecido on line por meio da plataforma vinculada a Pró Reitoria de Extensão (Proex) da Universidade Federal Fluminense.

Para a docência, foram convidados pesquisadores de acordo com a temática planejada. Os temas dos módulos foram idealizados a partir dos conceitos pesquisados, visando à reflexão, provocação e ao interesse dos docentes. O curso foi organizado da seguinte forma:

- Módulo 1: Identidades e representatividades em sala de aula - A sala de aula é o ambiente onde os discentes são de múltiplas identidades e muitas vezes na prática pedagógica, essa diversidade não é representada nem contemplada na construção do conhecimento.
- Módulo 2: A escola é plural: a interculturalidade na vivência escolar - Local que abarca a pluralidade e as diferentes culturas e saberes, sejam por meio de seus funcionários, discentes e comunidade que a cerca, o conceito de interculturalidade nos provoca a sair do paradigma de



categorizar uma cultura como predominante e menosprezar saberes e culturas trazidos por outros participantes do processo educacional.

- Módulo 3: Literatura Surda: potência cultural, imagética e linguística - A conceitualização da literatura surda para além da narrativa em Libras e o quão potente é a estrutura imagética que abarca as obras de literatura surda, não somente para alunos surdos e sim para alunos ouvintes também.
- Módulo 4: Literatura negra: possibilidades para uma prática docente antirracista - Apesar da legislação vigente promover o ensino que enaltece a cultura negra, as escolas ainda têm resistência em ampliar as opções de obras e expressões oriundas da cultura de nossos ancestrais. A propagação de literatura negra seja ela por escritores negros ou por representatividade negra só torna a prática docente cada vez mais antirracista.
- Módulo 5: Literatura feminista: enfrentamento ao sexismo - O empoderamento feminino oportuniza as relações entre homens e mulheres um senso de equidade, quando as narrativas expressam o enfrentamento ao sexismo, enalteço as alunas suas potências e aos alunos melhor visão de cidadania e respeito as mulheres.
- Módulo 6: O livro infantil para além da contação de história: o olhar que se reconhece na narrativa - O recurso mais utilizado através da literatura é o livro, porém esse recurso, muitas vezes se torna apenas um momento de contação de história e não de identificação, interpretação e reflexão de ações. Através da literatura como manifestação artística podemos utilizar não somente o livro, mas o corpo, vídeos e outros recursos para construção de reconhecimento e, por que não, de pertencimento da narrativa?

Idealizado pelas autoras, a presente pesquisa teve como desdobramento a contribuição com docentes da educação básica por meio de um e-book, que será publicado em parceria com uma editora universitária, visando ampliar o debate e auxiliar na práxis intercultural nas salas de aula.

CONCLUSÃO



No decorrer desse percurso, constatamos a necessidade e o interesse pela temática desenvolvida, principalmente quando o docente, na ação de sempre buscar melhoria para o seu lecionar, procura aprimorar e ressignificar seus saberes, vivências e práticas.

Como produto da pesquisa de mestrado, o curso implementado apresentou alguns aspectos relevantes para a escola, como o reconhecimento da necessidade de formação continuada de fácil acesso para os educadores, porém, diante do retorno às atividades presenciais, o acesso e acompanhamento do curso reduziu em comparação ao número de inscritos. O interesse dos cursistas pela temática das práticas diante da diversidade existente em sala de aula, foi comprovado pelo preenchimento das vagas em poucas horas após a abertura das inscrições.

Foi possível verificar que os recursos literários, sejam livros, gibis, slam, filmes, poemas e/ou qualquer manifestação literária, podem contribuir na identificação de pares, dialogia metodológica e ressignificação de suas vivências e pertencimento na sociedade para além dos muros de qualquer instituição.

REFERÊNCIAS

DENZIN, Norma K.; LINCOLN, Yvonna. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, p. 15-41, 2016.

PINHEIRO, Viviane da S. **Curso de extensão para educadores: Trabalhando a interculturalidade por meio de literaturas**. 2023. 169 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão). Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=14285229 Acesso em 10 de out. 2025.



DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: CONCEITOS E CONCEPÇÕES

Waneska Ferreira Cavalcante (Mestre/ wfcavalcantelima@gmail.com)
Osilene Maria de Sá e Silva da Cruz (Doutora, osilene@ines.gov.br)

RESUMO

O professor tem autonomia em sua prática e deve realizar uma avaliação pedagógica da aprendizagem do aluno. Existem muitas barreiras a serem superadas pelo indivíduo para alcançar seus objetivos de aprendizagem, a começar pela nomenclatura. A Associação Americana de *Deficiência Intelectual* e Desenvolvimento (AAIDD) elegeu o termo *Deficiência Intelectual* (DI) para indicar o grupo de pessoas, por não possuir conotação negativa. O modelo de identificação desenvolvido pela AAIDD esclarece quem se encaixa no perfil de Deficiência Intelectual. O reconhecimento da importância do uso de suportes é fundamental para desenvolver um trabalho eficaz em todos os ambientes frequentados por pessoas classificadas com DI. O objetivo deste trabalho é apresentar as características da pessoa com Deficiência Intelectual, partindo da nomenclatura e terminologia utilizada ao se referirem a essas pessoas. Como metodologia, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a temática e os resultados descrevem a evolução da nomenclatura e das características que identificam o grupo. O estudo contribui para conscientizar a sociedade sobre a valorização e o respeito que as pessoas com DI merecem, por estarem amparadas legalmente.

Palavras-chave: Deficiência Intelectual, Conceito, Potencialidades, Comportamento adaptativo.

INTRODUÇÃO

Atualmente, a escola vivencia a chegada de muitos alunos com deficiência com e sem laudo médico. O diagnóstico médico pode influenciar o trabalho docente no seu fazer pedagógico. Para ser capaz de reconhecer especificidades, o docente precisa ser pesquisador e observar o desempenho pedagógico do aluno e seu caminhar no espaço escolar.

A pessoa com *Deficiência Intelectual*(DI) encontra na sociedade muito preconceito por parte daqueles que percebem suas limitações. Sem conhecerem, as pessoas agem com comportamento ofensivo, referindo-se a ela com adjetivos inadequados e depreciativos, por exemplo, *idiota*, *retardado mental*, *débil mental*.



Os termos *retardo mental* e *deficiência mental*, na concepção de Scharlock et al. (2007), traziam conotação negativa, eram percebidos de forma ofensiva, configurando o indivíduo como destituído de dignidade e respeito, trazendo-lhe prejuízos no convívio em sociedade. Atualmente, a terminologia e grafia reconhecidas para designar o grupo em questão é *Pessoa com Deficiência Intelectual*.

O modelo de identificação desenvolvido pela Associação Americana de *Deficiência Intelectual* e Desenvolvimento (AAIDD) anteriormente reconhecida como Associação Americana de Retardo Mental (AAMR), engloba o ser humano envolvido em seu meio social, considerando suas potencialidades e limitações e sua capacidade de interação com o ambiente. O termo deficiência é empregado com o propósito de enxergar o indivíduo como um produto da interação de seu estado funcional e convergência com o seu ambiente social, diferentemente da concepção utilizada anteriormente, *retardado mental*, que percebia a deficiência como um defeito na mente do indivíduo, algo que faltava a ele (Wehmeyer et al, 2008).

De acordo com a AAID, *Deficiência Intelectual* é um termo utilizado para definir atrasos e limitações significativas tanto no funcionamento intelectual quanto no comportamento adaptativo, que se originam antes dos 22 anos de idade do indivíduo. Nesse sentido, a *Pessoa com Deficiência Intelectual* demonstra dificuldades em aprender pela experiência, e segundo Fernandes e Corrêa (2008) percebe o mundo de maneira mais lenta, não consegue absorver informações e percepções do meio que a cerca, ao contrário do que acontece com a maioria das pessoas sem essa deficiência.

O termo *Deficiência Intelectual* se mostra bem amplo e, além de estabelecer uma relação de interação entre a pessoa e o ambiente, enumera que a aplicação de suportes individualizados oferece a oportunidade de melhorar o desempenho funcional humano. Uma pessoa que interage muito bem em um ambiente que conhece e em que confia, em uma escola de bairro, por exemplo, pode se isolar e ter queda de desempenho acadêmico em uma escola nova (Sharlock et al., 2007; Luckasson et al., 2002).

A AAIDD considera que o funcionamento humano é dividido em dois grupos principais. O primeiro grupo compreende as cinco dimensões: habilidades intelectuais, comportamento adaptativo, saúde, participação e



contexto. O segundo grupo é composto pela representação do papel que dá suporte ao funcionamento humano (Wehmeyer et al. 2008).

O comportamento adaptativo refere-se à capacidade de viver em sociedade com independência pessoal e social, se comparado a outros da sua idade que vivem no mesmo ambiente. Esse comportamento sofre influência direta da capacidade intelectual, idade, educação, aspectos da personalidade, experiência cultural, oportunidades e condições médicas coexistentes.

O DSM-V (APA, 2014) traz descrições sobre indivíduos com deficiência intelectual de grau leve, moderado, grave e profundo.

- *Deficiência intelectual de grau leve* - apresentam *déficits* mais sutis, que, na prática, podem passar despercebidos.
- *Deficiência intelectual moderada* - apresentam características mais evidentes, sua comunicação com as pessoas utiliza estrutura e vocabulários mais simples do que outros da mesma faixa etária em seu meio social; porém, se não houver outras especificidades ou comprometimentos, são capazes de aprender a manter sua independência e autonomia em cuidados pessoais.
- *Deficiência intelectual nos graus grave e profundo* – são mais dependentes do que todos os outros graus, de modo que o aluno com esse tipo de deficiência necessita de um currículo escolar diversificado e diferenciado, que considere suas necessidades e demandas.

Apesar de o DSM-V (APA, 2014) oferecer um detalhamento de habilidades da pessoa com *Deficiência Intelectual*, ele está concentrado no que a pessoa não consegue fazer, na oferta de suportes. Sendo assim, o estudante pode acessar o conhecimento necessário ao seu desenvolvimento e estimular seu potencial.

OBJETIVO

Apresentar as características da Pessoa com Deficiência Intelectual.

MÉTODO



Foi realizado um levantamento bibliográfico, por meio do descritor *Deficiência Intelectual* para identificar os termos utilizados ao longo do tempo para se referir a esse tipo de deficiência. Além disso, buscou-se identificar o uso de suportes no processo de aprendizagem.

RESULTADOS

A evolução da terminologia e do conceito de *Deficiência Intelectual* abre horizontes, ao considerar não somente os atrasos no funcionamento intelectual, mas também o comportamento adaptativo. Em outras palavras, o indivíduo deixa de ser percebido por um *déficit* isolado, desconectado de suas relações sociais, e passa a ser percebido como um ser humano que resulta da relação entre ele e o meio social.

O docente precisa se distanciar do foco de que o aluno não consegue fazer e se concentrar nas habilidades que ele pode desenvolver, mesmo que ele precise de apoios e suportes, que se configuram como importantes recursos na vida do indivíduo com *Deficiência Intelectual*, pois oferecem oportunidades de avanço.

Um ambiente onde a função social da escrita é estimulada pode influenciar positivamente a aprendizagem do aluno. A utilização de recursos e estratégias que evidenciem a função social da escrita para uso imediato pode concentrar interesse por parte dos alunos.

CONCLUSÃO

A pessoa com deficiência intelectual encontra muitas barreiras que começam pela questão social, refletida no comportamento das pessoas. Mediante a utilização de suportes, o indivíduo alcança oportunidades para alavancar seu potencial acadêmico, visto que os suportes são oferecidos para permitir que o indivíduo ultrapasse as barreiras que impedem seu crescimento.



REFERÊNCIAS

AMERICAN ASSOCIATION ON INTELLECTUAL AND DEVELOPMENTAL DISABILITIES. **Definition of intellectual disability. Intellectual disability: historical context definition, publications.** Available at: <<https://www.aidd.org/intellectual-disability>> Acesso 27 jan. 2020.

AMERICAN PSYCHITRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico de transtornos mentais:DSM-V.** Trad. Maria Inês Corrêa Nascimento. 5º ed.- Porto Alegre: Artmed, 2014, 948p.

FERNANDES, E. M.; CORRÊA, M. A. M. **Processo Ensino Aprendizagem com necessidades com necessidades educativas especiais: o aluno com deficiência mental.** Rio de Janeiro: Unirio, 2008.

SCHARLOCK, R. L.; LUCKASSON R.A.; SHOGREN K.A.; BORTHWICK-DUFFY S.; BRADLEY V.; BUNTINX W.H.; COULTER D.L.; CRAIG E.M.; GOMEZ, S.C.; LACHAPELLE Y.; REEVE A.; SNELL M.E.; SPREAT S.; TASSÉ M.J.; THOMPSON J.R.; VERDUGO M.A.; WEHMEYER M.L.; YEAGER M.H. The Renaming of mental retardation: Understanding the change to the term intellectual Disability. **Perspectives.** vol.45, n.2, p.116-124, 2007.

WEHMEYER, M. L.; BUNTINX, W.H.; LACHAPELLE, Y.; LUCKASSON, R.A.; SCHARLOCK, R.L.; VERDUGO, M.A.; BORTHWICK-DUFFY, S.; BRADLEY, V.; CRAIG, E.M.; COULTER, D.L.; GOMEZ, S.C.; REEVE, A.; SHOGREN, K.A.; SNELL M.E.; SPREAT, S.; TASSE, M.J.; THOMPSON, J.R.; YEAGER, M.H. The Intellectual Disability Construct and Its Relation to Human Functioning. **Intellectual and developmental disabilities**, vol.46, nº4, p.311-318, ago, 2008.



ELABORAÇÃO DE CATÁLOGO SOBRE OS RECURSOS MATERIAIS DE TECNOLOGIA ASSISTIVA E MATERIAIS ADAPTADOS DISPONÍVEIS NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE NITERÓI

Paola Martins B. P. Bandeira, Pós-Doutoranda do PGCTIn/UFF, paola.bandeira15@gmail.com
Suzete Araujo de Oliveira Gomes, Coordenadora do PGCTIn/UFF, suzetearaujo@id.uff.br

RESUMO

O objetivo do presente estudo foi quantificar e classificar a existência de materiais e recursos de Tecnologia Assistiva disponíveis para os alunos público-alvo da Educação Especial, na perspectiva inclusiva, matriculados na Rede Municipal de Educação de Niterói. Para tanto, foi realizado um levantamento dos recursos materiais existentes na Oficina de Tecnologia Assistiva/Fundação Municipal de Educação, bem como das escolas da Rede Municipal de Educação localizadas nos Polos 6 e 7. A proposta metodológica foi a da Pesquisa-Ação, que tem, no seu aporte teórico, Michael Thiollent. A Pesquisa deu-se por meio do método misto quanti-qualitativo, e a coleta dos dados em torno de materiais, jogos e atividades existentes possibilitou uma visão concreta do cenário real em que se encontram esses alunos e dos meios disponibilizados para o seu desenvolvimento. Por fim, o estudo incluiu a produção de um catálogo contendo todos os materiais existentes de Tecnologia Assistiva identificados, tais como jogos, atividades e demais recursos. O catálogo tem como principal objetivo viabilizar o fácil acesso e consulta dos professores, contribuindo para que eles possam aplicá-los no seu dia a dia.

Palavras-Chave: Tecnologia Assistiva, Alunos Público da Educação Especial, Recursos Materiais adaptados.

INTRODUÇÃO

A partir do acompanhamento sistemático e diário dos estudantes público-alvo da Educação Especial, na perspectiva inclusiva, em duas escolas municipais; iniciou-se a busca por materiais pedagógicos específicos e adaptados. Todavia, constatou-se a escassez de materiais disponíveis no mercado, bem como a necessidade de criar materiais e objetos para a execução de atividades e tarefas diárias.

Nesse sentido, a inclusão de alunos público-alvo da Educação Especial na perspectiva inclusiva na classe regular implica o desenvolvimento de ações adaptativas, como a flexibilização do currículo e a disponibilização dos recursos da Tecnologia Assistiva e de materiais adaptados, para que possam se



desenvolver de maneira efetiva em sala de aula, atendendo-se às necessidades individuais de cada aluno.

De acordo com Galvão Filho:

Conhecer quais são os recursos disponíveis que garantem autonomia e independência às pessoas deficientes é garantir a todos os direitos de ir e vir e de uma educação plena e de qualidade, que possibilite a formação de cidadãos críticos e participativos dentro da sociedade (Galvão Filho, 2009a).

É importante que o docente conheça as necessidades do aluno e pense em estratégias pedagógicas acessíveis que garantam o desenvolvimento do seu processo de ensino e aprendizagem.

OBJETIVO GERAL

O estudo teve como objetivo identificar a existência de materiais de Tecnologia Assistiva produzidos pela Oficina de Tecnologia Assistiva e materiais produzidos nas unidades escolares compreendidas nos Polos 6 e 7.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi conduzida por meio de método misto quali-quantitativo. A coleta de dados incluiu a aplicação de uma entrevista semiestruturada e de um questionário com perguntas abertas e fechadas com os profissionais responsáveis pela Oficina de Tecnologia Assistiva e da Sala de Recursos das respectivas escolas localizadas nos Polos 6 e 7.

Para análise dos dados quantitativos, utilizou-se a análise estatística descritiva. Para os dados qualitativos foram examinados com base no aporte teórico de autores como Goldenberg (1997), Deslauriers (1991) e Fonseca (2002).

A pesquisa de campo abrangeu 14 escolas públicas da Rede Municipal de Educação de Niterói, que atendem 184 alunos com deficiência, matriculados em turmas regulares e atendidos na Sala de Recursos Multifuncionais.



O objetivo da coleta de dados foi identificar, quantitativamente, os materiais de Tecnologia Assistiva disponíveis nas Salas de Recursos das escolas municipais nos Polos 6 e 7, que abrangem os seguintes bairros:

- Polo 6: Icaraí, Santa Rosa, São Francisco e Jurujuba.
- Polo 7: Itaipu, Piratininga, Pendotiba, Rio do Ouro e Várzea das Moças.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa alcançou 100% de seu foco e objeto de estudo, tendo sido visitadas todas as escolas compreendidas no âmbito do estudo e, conseqüentemente, realizadas as entrevistas, bem como efetuado o registro dos materiais nelas disponíveis

A educação inclusiva implica um ensino adaptado às diferenças e às necessidades individuais. Portanto, os educadores precisam estar habilitados para atuar de forma competente junto aos alunos inseridos nos vários níveis de ensino, bem como ter ciência do conceito de Tecnologia Assistiva e suas aplicações.

Sobre esta questão, Calheiros *et al.* (2018, p. 239) afirmam que modelos de formação de professores e dos demais profissionais envolvidos nas diversas ações junto ao público-alvo da Educação Especial devem ser repensados, no intuito de que esses profissionais possam conhecer o recurso de TA e fazê-lo atingir o seu objetivo na garantia de ampliação de funcionalidade e participação social do sujeito, por todo o seu curso de vida.

Na questão relativa à pergunta: “A sua formação a (o) preparou para lidar com essa demanda?” verificou-se um alto percentual (90%) de respostas que indicam a necessidade de um aperfeiçoamento constante e permanente para aquisição de conhecimentos aplicáveis à prática. A formação no AEE é condição para a atuação como profissional responsável pela Sala de Recursos. Os professores responsáveis pela Sala de Recursos participantes da pesquisa, ponderaram que as formações iniciais de carreira se mostraram insuficientes para lidar com a diversidade de casos e a própria demanda do AEE, razão pela qual enfatizaram a necessidade de um aperfeiçoamento contínuo.



Nesse sentido, Mantoan (2006) diz que as instituições escolares, apoiadas pelas esferas federais, estaduais e municipais, devem motivar os professores e dar-lhes subsídios para que possam exercer seu papel da melhor forma possível, visando à inclusão dos alunos com deficiência e a um ensino de excelência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência da pesquisa foi dialogada, compartilhada e socializada, sendo possível concluir que o uso de recursos de baixa tecnologia nas intervenções do AEE é uma possibilidade concreta que beneficia os alunos e promove a equidade do ato educativo, visto que propõe romper barreiras que o impeçam de uma aprendizagem ativa, autônoma e significativa.

A partir do estudo realizado em nível de Mestrado, desenvolveu-se uma pesquisa em nível de Doutorado sobre a Formação Docente e o conhecimento acerca de Tecnologia Assistiva e materiais adaptados nas intervenções junto aos alunos público-alvo da Educação Especial, na perspectiva inclusiva, com os professores da rede privada de ensino, com o intuito de estabelecer um paralelo na formação docente entre os âmbitos público e privado de ensino.

Na perspectiva de Formação Docente, a partir do estudo de Doutorado, foi realizado uma pesquisa sobre Formação Docente, AEE e os profissionais que atuam nas Salas de Recursos de Niterói. O estudo elencou temas e demandas de interesse desses profissionais para a realização de percursos formativos que possibilitem articular teoria e prática, agregando aos seus métodos de intervenções no AEE direcionados aos alunos público-alvo da Educação Especial na perspectiva inclusiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALHEIROS, Santos David; Enicéia Mendes, Gerusa Ferreira Lourenço. Considerações acerca da tecnologia assistiva no cenário educacional brasileiro. **Revista Educação Especial**, v. 31, n. 60, p. 229-244, 2018.

DESLAURIERS, Jean Pierre. **La recherche qualitative**: Guide Pratique. Québec (Ca): McGrawHill, Éditeurs, 1991.



FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia de Pesquisa Científica**, Apostila. Fortaleza, UEC, 2002.

GALVÃO FILHO, Teófilo Alves. Tecnologia Assistiva: de que se trata? *In*: MACHADO, Glauco, José Couri; SOBRAL, Maria Neide. (Orgs.). **Conexões**: educação, comunicação, inclusão e interculturalidade. Porto Alegre: Redes Editora, p. 207-235, 2009 a.

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar**: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2006.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.



ENSINO DE MATEMÁTICA PARA SURDOS EM PERSPECTIVA BILÍNGUE – GLOSSÁRIO EM LIBRAS E EM PORTUGUÊS ESCRITO

Ma. Isabelle Barboza Maia – Mestra em Diversidade e Inclusão - bellem Maia2017@gmail.com

Dra. Osilene Maria de Sá e Silva da Cruz - Doutora em Linguística Aplicada-
osilenecruz@id.uff.br

RESUMO

No contexto escolar bilíngue – Libras e português escrito –, espera-se que professores elaborem materiais didáticos e ministrem aulas em língua de sinais, utilizando recursos visuais que associem o conteúdo ao perfil dos alunos surdos, promovendo aprendizagem significativa (Brasil, 2014). Esta pesquisa exploratória e bibliográfica (GIL, 2002) analisou livros de Matemática do 8º ano do Ensino Fundamental e vídeos com sinais matemáticos, com o objetivo de elaborar um glossário bilíngue (Libras e português escrito). O glossário contém 56 termos, apresentados com imagens e demonstrações em Libras, e está disponível em plataforma do YouTube acessível via QR Code. O produto contribui para a elaboração de materiais didáticos para alunos surdos e serve como recurso para professores e intérpretes que atuam em contextos bilíngues ou inclusivos. Espera-se que este trabalho fortaleça a prática pedagógica e facilite a aprendizagem de Matemática por alunos surdos, promovendo interação, autonomia e compreensão de conceitos matemáticos.

Palavras-chave: Educação de Surdos; Ensino de Matemática Bilíngue; Glossário de Matemática em Libras e Língua Portuguesa; Material Didático para Surdos.

INTRODUÇÃO

Ainda que se verifiquem diretrizes e normativas jurídicas, visando ao desenvolvimento educacional de alunos surdos, muitas vezes, não é isso o que se observa na prática, impactando, diretamente e negativamente na formação dos aprendizes surdos, pois as práticas pedagógicas não condizem com as necessidades e não levam o aluno à compreensão e produção textual de forma adequada, independentemente da disciplina no contexto escolar. Fernandes (1989) e Trenché (1995) reiteram essas preocupações com a realidade escolar do surdo no Brasil, procuram discutir os problemas e apontar caminhos possíveis para a prática pedagógica eficaz.

Para adentrar no campo da surdez, é preciso sentir o momento, imaginar como é, tentar compreender como os surdos se comunicam. E a Matemática,



como deve ser? Como os surdos entendem as linhas de raciocínio presas a signos visuais: os símbolos? Como eles compreendem as definições e conceitos matemáticos? Esses questionamentos são importantes, porque levam o profissional a refletir sob o viés do olhar de uma pessoa surda e a buscar novos saberes e conhecimentos.

Ponte (1998, p.14), ao tratar sobre a definição de investigar, destaca que “a investigação, a curiosidade, o pensamento organizado aliado à vontade de resolver os problemas são ingredientes essenciais para o progresso em qualquer domínio da atividade humana”. Isso comprova que progredir em conhecimentos e organizar s pensamentos fazem parte da existência e, no caso específico desta pesquisa, é verídica a ocorrência de uma professora surda ensinando para outro(a) surdo(a), enfrentando o desafio de ensinar ao outro, com total interesse por sua aprendizagem, compartilhando as línguas – língua de sinais e língua portuguesa escrita.

A presença do professor surdo na escola, em sala de aula, é de suma importância para os alunos surdos, porque permite o uso da mesma língua, a Libras, no caso do Brasil. A relação entre professores surdos e alunos surdos possibilita maior interação, socialização, trocas de conhecimentos e de ideias. Conforme o Decreto nº 5.626/2005 aponta, a formação do professor de Libras deve ser oferecida, preferencialmente, ao profissional surdo (Art. 4º, Art. 5 e Art. 6º). Com base nessa questão, a principal motivação para a realização e apresentação desta pesquisa se resume no olhar de uma professora surda, amante de seu ofício e consciente de sua responsabilidade, em prol do desenvolvimento de alunos surdos, como pessoas autônomas e competentes em todos os contextos que presenciarem.

OBJETIVO GERAL

Apresentar um glossário bilíngue (Libras e português escrito), com termos de Matemática do 8º ano do Ensino Fundamental.



METÓDO

Esta pesquisa se classifica como exploratória, descritiva de abordagem qualitativa. A metodologia de pesquisa neste trabalho, conforme Minayo (2009), foi baseada em pesquisas documentais (fontes primárias) relacionando aos documentos oficiais, e em pesquisas bibliográficas (fontes secundárias), relacionando ao produto do presente trabalho.

As etapas percorridas até a construção do produto (glossário) foram: pesquisa sobre ensino de matemática para estudantes surdos do Ensino Fundamental; pesquisa sobre a existência de glossários de sinais de Matemática em Libras; análise do conteúdo de Matemática em livros de Matemática do 8º ano do Ensino Fundamental; organização do glossário a partir da análise dos livros de Matemática, mediante: relação dos termos do glossário, coleta e análise dos sinais em Libras referentes aos termos, compilação dos sinais existentes, criação de sinais não encontrados ou de sinais inadequados e elaboração do glossário incluindo termo, sinal em Libras, imagem correspondente e conceito em Libras.

RESULTADOS

O produto desta pesquisa foi um glossário bilingue, contendo termos da disciplina de matemática ofertada no 8º ano do Ensino Fundamental, apresentados em vídeos explicativos e que está disponível no canal do Youtube com Código QR, de forma a oferecer recursos e subsídios sobre conteúdo dessa série no que se refere a termos de Matemática, podendo ser utilizado por pessoas surdas ou ouvintes. Esse produto é fruto de uma pesquisa bibliográfica e exploratória bastante detalhada que revelou a carência de materiais que possam contribuir com a prática de professores e intérpretes de Libras, ocasionando dificuldade de encontrar sinais específicos e, consequentemente, atender alunos surdos

Os vídeos apresentam os termos, os sinais correspondentes e as explicações sobre cada um, de modo que usuários surdos e ouvintes, docentes, discentes e agentes responsáveis e interessados no ensino de matemática



possam utilizar a ferramenta e expandir seus conhecimentos em língua de sinais sobre conteúdos de matemática.

Os resultados foram considerados positivos e possibilitaram ampliar e aprofundar os sinais específicos para alunos surdos, garantindo seu direito ao ensino de qualidade e o desenvolvimento do professor, do aluno e do intérprete, expandindo para outros usuários do vídeo.

Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC9M8O5-wXUhaWW5305UjlzA>.

CONCLUSÃO

É muito importante que professores alunos, pesquisadores, usuários de Libras e intérpretes de Libras conheçam e utilizem sinais específicos para atender alunos surdos e tornar mais prazeroso e possível o entendimento de termos e conceitos da Matemática. O glossário busca sanar complexidades no ensino e aprendizagem de matemática, ainda que não contemple todos os sinais.

Os vídeos com sinal e conceito sobre termos da Matemática foram elaborados pela própria autora, a partir de sua reflexão acerca da sua prática e a prática de outros profissionais que exercem suas funções em contextos educacionais, mas que não dispõem de conhecimento teórico e metodológico para suprir a falta de sinais específicos. Nesse sentido, o Curso de Mestrado em Diversidade e Inclusão, oferecido pelo CMPDI, cumpre seu objetivo de promover formação e pesquisa para profissionais da educação interessados em evoluir academicamente e profissionalmente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Leis/2002/L10436.htm Acesso em: 01 nov. 2018.



BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 2005.

FERNANDES, S. (1989). **Linguagem, surdez e educação.** São Paulo: Cortez/PUCCAMP.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, R. S. A. **Educação Matemática dos Surdos: um estudo das necessidades formativas dos professores que ensinam conceitos matemáticos no contexto de educação de deficientes auditivos em Belém/PA.** Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemáticas) Universidade Federal do Pará, Pará, 2007.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** 28ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

PONTE, J. P. **O Desenvolvimento Profissional do Professor de Matemática.** 1994. Disponível em <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/index.html>. Acessado em 09 nov. 2018.

TRENCH, M. (1995). **A criança surda: educação para a marginalização.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo.



EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM JOGO DE EMPATIA SOBRE A COMUNIDADE SURDA NO SEMINÁRIO II DO CURSO DE LETRAS DA UFRRJ

Luciane Rangel Rodrigues, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ,
lucianerangel.uff@gmail.com

RESUMO

Este artigo relata uma experiência pedagógica realizada na disciplina Seminário II, do curso de Letras da UFRRJ, sob orientação da professora de Libras. O objetivo foi promover empatia e conscientização dos estudantes ouvintes sobre a realidade da comunidade surda brasileira. A maioria dos participantes não tinha conhecimento prévio de Libras. A metodologia envolveu uma dinâmica grupal com um jogo de empatia, realizada no primeiro semestre de 2025. Os alunos foram divididos em seis grupos de quatro a cinco integrantes, que selecionaram e debateram perguntas de um conjunto de cem questões, apresentando suas respostas ao coletivo. A atividade foi repetida com novas perguntas e finalizada com uma autoavaliação. Quatro estudantes inicialmente desinteressados demonstraram surpresa ao se depararem com questões sobre a vivência surda, o que despertou neles o interesse pelas barreiras linguísticas enfrentadas por esse grupo. Como resultado, os alunos refletiram sobre inclusão e acessibilidade linguística. A dinâmica revelou-se um espaço de escuta, reflexão e desenvolvimento da empatia.

Palavras-chave: empatia; Libras; surdez; educação; autoavaliação.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma experiência pedagógica significativa desenvolvida no âmbito da disciplina Seminário II, pertencente ao curso de Letras da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Baseado na tese de Rodrigues (2023)¹ e utilizando um jogo desenvolvido como produto, sob a orientação sensível e comprometida da professora responsável pelo ensino de Língua Brasileira de Sinais (Libras), a atividade teve como propósito central fomentar a empatia e ampliar a conscientização dos estudantes ouvintes acerca da realidade vivida pela comunidade surda brasileira. A maioria dos discentes envolvidos na proposta não possuía qualquer conhecimento prévio sobre Libras, tampouco sobre os desafios enfrentados cotidianamente por pessoas surdas em

¹ O olhar de crianças ouvintes sobre a empatia com o sujeito surdo: caderno de exercício e jogo didático. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/1056385>



contextos sociais, educacionais e comunicacionais. Diante desse cenário, a metodologia adotada buscou criar um ambiente de escuta ativa e reflexão crítica, por meio de uma dinâmica grupal intitulada “jogo de empatia”, realizada durante o primeiro semestre de 2025. A atividade consistiu na formação de seis grupos, compostos por quatro a cinco integrantes cada. A partir de um conjunto de cem perguntas cuidadosamente elaboradas, os grupos foram convidados a selecionar, debater e apresentar suas respostas ao coletivo. As questões abordavam aspectos diversos da vivência surda, incluindo barreiras linguísticas, acessibilidade, identidade cultural e direitos civis. Os surdos querem ser independentes e detentores de sua história, narrar suas vivências, como reforça Perlin (2003)

Os sistemas de representação que os surdos têm são imaginários e me permitem deslocar da cultura para a alteridade, a diferença e a identidade produzir suas constituições, através de suas visões. De modo geral, a representação também se desloca dessas posições possibilitando estratégias ambivalentes com constituições culturais diversas para a cultura diretamente como significados de representação e estereótipos subjacentes. (PERLIN. 2003, pag. 43)

A dinâmica foi repetida com novas perguntas, permitindo o aprofundamento das discussões e a ampliação das perspectivas dos participantes. Ao final, os estudantes realizaram uma autoavaliação, refletindo sobre o próprio envolvimento e os aprendizados adquiridos ao longo do processo. Um dos aspectos mais reveladores da experiência foi a transformação observada em quatro estudantes que, inicialmente, demonstravam desinteresse pela temática. Ao se depararem com perguntas que evidenciavam as dificuldades enfrentadas pela comunidade surda, esses alunos expressaram surpresa e inquietação, o que os levou a desenvolver um interesse genuíno pelas questões de inclusão e pelas barreiras comunicacionais que ainda persistem em nossa sociedade. Esse despertar evidencia o potencial de práticas pedagógicas que valorizam o diálogo, a escuta e o contato com realidades diversas como instrumentos de formação ética e cidadã. Como resultado, a atividade revelou-se um espaço fértil para o desenvolvimento da empatia, da consciência social e



da valorização da diversidade linguística. Da importância da pedagogia nesses processos, Libâneo (2005) explica

(...)Vivemos em uma sociedade desigual, baseada em relações sociais de antagonismo e de exploração. Por isso a pedagogia não se pode eximir de se posicionar claramente sobre qual direção a ação educativa deve tomar, sobre que tipo de homem pretende formar (LIBÂNEO, 2005, p.200)

Os estudantes foram instigados a refletir sobre a importância da acessibilidade comunicacional e sobre o papel que cada um pode desempenhar na construção de ambientes mais inclusivos. A experiência reafirma o compromisso da universidade com uma educação que transcende os limites do conteúdo acadêmico, promovendo o respeito às diferenças e o engajamento crítico com os desafios contemporâneos. Em síntese, a dinâmica realizada no Seminário II não apenas contribuiu para o aprendizado sobre Libras e a comunidade surda, como também se configurou como uma prática transformadora, capaz de sensibilizar e mobilizar os estudantes para uma atuação mais consciente e humanizada em suas trajetórias pessoais e profissionais.

OBJETIVO

Fomentar, por meio de uma dinâmica pedagógica em sala de aula, a empatia e a conscientização dos estudantes ouvintes acerca das vivências, desafios e barreiras enfrentadas pela comunidade surda na sociedade brasileira, estimulando a reflexão crítica sobre inclusão e acessibilidade linguística, bem como a valorização da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como instrumento legítimo de comunicação, expressão cultural e promoção da cidadania.

RESULTADOS



Muito embora alguns dentre os participantes assumissem que inicialmente não demonstraram interesse na proposta, ao final relataram que não esperavam que as perguntas abordassem temas tão profundos sobre a vida das pessoas surdas. Demonstraram surpresa ao perceber que os surdos enfrentam desafios reais, como barreiras linguísticas, exclusão social e dificuldades de acesso à educação. A partir dessa experiência, esses estudantes passaram a refletir sobre suas próprias atitudes e a importância de compreender e respeitar as diferenças linguísticas e culturais. A maioria dos participantes demonstrou engajamento crescente ao longo da atividade e relatou ter desenvolvido maior sensibilidade e empatia pela causa surda. Muitos afirmaram ter sido impactados pela necessidade de buscar mais conhecimento sobre Libras e a cultura surda. A atividade contribuiu significativamente para a formação crítica dos futuros professores de Letras.

CONCLUSÃO

A dinâmica do jogo de empatia revelou-se uma ferramenta eficaz para estimular nos alunos a reflexão sobre a realidade das pessoas surdas e as barreiras que enfrentam na sociedade. Ao vivenciarem a experiência de discutir e refletir sobre a surdez, os estudantes se tornaram mais conscientes e abertos ao conhecimento sobre Libras e à inclusão. A autoavaliação demonstrou que houve mudança de perspectiva entre os participantes, sobretudo entre aqueles que inicialmente mostraram desinteresse. Conclui-se que ações pedagógicas como essa são fundamentais para despertar nos futuros professores a responsabilidade social de incluir e respeitar a diversidade linguística e cultural. Recomenda-se que esse tipo de abordagem seja ampliado e incorporado de forma permanente nos cursos de licenciatura

REFERÊNCIAS

Libâneo, J. C. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005. 200p.



Perlin, G. *O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade*. Tese em educação. UFGRS, 2003.

RODRIGUES, Luciane Rangel. *Empatia com surdos*. Niterói: UFF, 2023.



GUIA PARA GESTÃO DO DESENVOLVIMENTO NO ESPECTRO DO AUTISMO SOB A PERSPECTIVA BIOECOLÓGICA

Daniele Ramalho de Assis Hanemann, Mestrado – drahanemann@id.uff.br
Viviane de Oliveira Freitas Lione, Pós-Doutorado – vlione@id.uff.br

RESUMO

O estudo aborda os desafios do desenvolvimento humano pleno, especialmente no contexto de pessoas neurodivergentes e suas famílias, propondo estratégias de gestão integrativas e sistêmicas. Conduzida no Programa de Enriquecimento do Ambiente da Associação Caminho Azul (PEA-ACA), a investigação utilizou pesquisa-ação e análise do discurso do sujeito coletivo (DSC), com coleta de dados por meio de documentos, questionários e observação participante. Os resultados incluem a concepção do papel do 'gestor do desenvolvimento', o mapa de acompanhamento individual no TEA (MAITEA) e uma ementa de treinamento para esta empreitada.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista (TEA), Tecnologia Assistiva, Abordagem Bioecológica, Gestão do Desenvolvimento, Famílias Atípicas.

INTRODUÇÃO

Avanços na compreensão dos transtornos do neurodesenvolvimento têm favorecido diagnósticos mais precisos e intervenções eficazes. Com prevalência crescente nas últimas décadas, os dados reforçam a necessidade de políticas públicas inclusivas e adaptadas às realidades regionais. No Brasil, o Censo Demográfico 2022 apontou que 1,2% da população possui diagnóstico de TEA (IBGE, 2025). Fundamentada na teoria bioecológica de Bronfenbrenner, a pesquisa reconhece a interação entre indivíduo e ambiente como motor do desenvolvimento, onde o modelo PPCT (Processo-Pessoa-Contexto-Tempo) organiza os contextos em sistemas hierárquicos, permitindo uma análise integrada de influências imediatas e duradouras. A gestão é entendida como articulação de contextos e redes de apoio que promovem o desenvolvimento integral.



OBJETIVO

Sistematizar práticas de gestão do desenvolvimento humano na perspectiva bioecológica, e: (1) síntese sobre o papel do gestor bioecológico; (2) construção do MAITEA; e (3) materiais para capacitação de profissionais e familiares.

MÉTODO

A pesquisa adotou abordagem qualitativa, combinando pesquisa-ação e etnografia, e a técnica do DSC, que segundo Lefèvre e Lefèvre (2014), permite um discurso de síntese na primeira pessoa do singular, como se uma coletividade estivesse falando por meio de um indivíduo. Para aprofundar a caracterização dos sujeitos da pesquisa, utilizou-se também abordagem quantitativa. Foram aplicados questionários a três grupos, totalizando 17 respondentes: sete gestoras do PEA, cinco familiares e pacientes do PEA, e cinco participantes externos.

RESULTADOS

O perfil das gestoras é de formação e experiência diversificadas. De acordo com a análise do DCS, o gestor de família é alguém com formação especializada que atua no apoio ao desenvolvimento da pessoa, articulando eventos e contextos junto aos familiares, cuidadores e demais envolvidos nas rotinas nos diversos ambientes. Já o MAITEA, como tecnologia assistiva, demanda mais acessibilidade. Ao extrapolar os limites da técnica, o conceito de gestor do desenvolvimento e o MAITEA se consolidam como dispositivos de cuidado, escuta e articulação, capazes de reunir dimensões emocionais, relacionais e sistêmicas, reafirmando o compromisso de fortalecer ações integradas, promovendo autonomia, inclusão e qualidade de vida.



CONCLUSÃO

A função de gestor do desenvolvimento humano, na perspectiva bioecológica, é essencial na articulação entre sistemas que influenciam o percurso de autistas. Ao promover vínculos, autonomia e adaptação, fortalece o desenvolvimento integral e a inclusão social. Este estudo oferece subsídios para políticas públicas e práticas colaborativas, apontando caminhos. Essa jornada exige investimento, escuta ativa e coragem coletiva para enfrentar desafios e valorizar a diversidade como potência.

REFERÊNCIAS

BRONFENBRENNER, U. *Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CAVALCANTI, D. N.; ABUJADI, C. (Org.). *Ebook Science TEA - Atualização técnico-científica sobre o autismo: Uma imersão na visão translacional do 3º Congresso Internacional sobre o Transtorno do Espectro do Autismo*. ISBN: 978-65-01-33376-2. 62 p. Disponível em: https://caminhoazul.org.br/wp-content/themes/caminhoazulv2/ebooks/ebook_science_tea_3_congresso_internacional.pdf. Acesso em: 13 mar. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico 2022: Pessoas com deficiência e pessoas diagnosticadas com transtorno do espectro autista: Resultados preliminares da amostra*. IBGE, Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102178.pdf>. Acesso em: 24 maio 2025.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. *O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos)*. Caxias do Sul: EDUCS, 2003. 256 p. (Coleção Diálogos). Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1074470>. Acesso em: 19 out. 2024.



GUIAS DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA DUPLA EXCEPCIONALIDADE (AHSD/TEA): ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DE PAIS E CUIDADORES

Danielle de Moraes Góis Diniz, Mestre em diversidade e inclusão (UFF), dmgdiniz@id.uff.br

Viviane Lione, Doutora em Bioensaios (UERJ), vivianelione@gmail.com

Fernanda Serpa Cardoso, Doutora em Ciências e Biotecnologia (UFF), fernandaserpa@id.uff.br

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo elaborar um guia para subsidiar a formulação de políticas públicas voltadas à Dupla Excepcionalidade (DE), que, neste trabalho, compreende a coexistência de Altas Habilidades ou Superdotação (AHSD) e Transtorno do Espectro Autista (TEA). A DE ainda é invisível nas políticas e práticas institucionais brasileiras, o que dificulta o diagnóstico e o atendimento adequado, gerando intervenções ineficazes e sofrimento psicoemocional nos estudantes. Para preencher essa lacuna, adotou-se uma abordagem mista, combinando métodos qualitativos e quantitativos, por meio de questionários e rodas de conversa com pais e cuidadores de crianças e jovens com DE. Os resultados indicam a necessidade de estratégias integradas e específicas para garantir a inclusão efetiva e o suporte educacional apropriado, contribuindo para a ampliação do conhecimento e das ações públicas que atendam às necessidades dessa população. Destaca-se a importância de políticas inclusivas que reconheçam e valorizem as singularidades da DE, propondo diretrizes que possam orientar gestores e educadores na promoção de um atendimento mais eficaz e humanizado.

Palavras-chave: Altas Habilidades; Superdotação; Autismo; Dupla Excepcionalidade; Políticas Públicas.

INTRODUÇÃO

A ausência de políticas públicas integradas e de práticas pedagógicas sistematicamente estruturadas para o atendimento à DE, neste estudo, como a concomitância AHSD e TEA, demonstra a fragilidade das ações importantes ao reconhecimento e à promoção de direitos desse grupo. A coexistência dessas condições desafia os sistemas educacionais e clínicos, que frequentemente operam com abordagens fragmentadas e insuficientes. Tal cenário revela a urgência de estratégias intersetoriais capazes de garantir o desenvolvimento pleno de sujeitos com DE, respeitando suas especificidades cognitivas, emocionais e sociais.



A presente investigação fundamenta-se na Teoria dos Três Anéis, formulada por Renzulli (1985), que define a superdotação como o resultado da interação entre habilidades acima da média, elevada criatividade e intenso envolvimento com a tarefa. Esta perspectiva permite interpretar de maneira ampliada a manifestação das altas habilidades em coexistência com os desafios do TEA, delineados segundo os critérios diagnósticos do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* — DSM-5 (American Psychiatric Association, 2014). Essa interação complexa entre potencialidade e limitações suscita uma análise mais sensível e interdisciplinar sobre o processo de identificação e o atendimento educacional especializado.

A pesquisa justifica-se pela inexistência de um arcabouço jurídico e institucional específico à DE no contexto brasileiro, mesmo diante dos avanços legais isolados que abrangem o TEA e as AHSD. Essa lacuna normativa contribui para a sobrecarga emocional e socioeconômica das famílias, ocasionando rupturas nas trajetórias profissionais e ampliando a invisibilidade social — sobretudo de mães que assumem, em grande parte, o papel central no acompanhamento e cuidado.

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo ampliar a compreensão teórico-prática sobre a DE, culminando na elaboração de um guia que fornece subsídios para a formulação de políticas públicas equitativas e sensíveis à diversidade humana.

MÉTODO

O estudo adotou uma abordagem exploratória e descritivo-analítica, iniciando com levantamento bibliográfico e documental sobre legislações relativas a AHSD e TEA. A pesquisa empírica envolveu questionários e rodas de conversa com pais de crianças do curso de verão para superdotados da UFF (Grupo AHSD) e de grupos de apoio a autistas (Grupo TEA).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados evidenciam a complexidade inerente ao reconhecimento e ao atendimento da DE, que exige um olhar ampliado para além das categorias diagnósticas ocasionais. Essa abordagem desafia a visão reducionista que se limita à



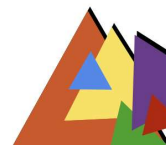
mensuração do quociente intelectual, ressaltando a importância de práticas que valorizam a multiplicidade das dimensões do potencial humano. No entanto, essa pluralidade frequentemente fica ofuscada pelo específico do “mascaramento recíproco” (Baum; Schader; Hébert, 2017), em que os traços característicos do Transtorno do Espectro Autista (TEA) ocultam as altas habilidades e vice-versa, dificultando a identificação precisa da DE.

A baixa frequência de acesso ao Atendimento Educacional Especializado (AEE) - somente 18,2% para o grupo AHSD e 20% para o grupo TEA — confirma a invisibilidade estrutural da DE nas políticas educacionais brasileiras, conforme critica Mantoan (2003) e Cardoso e Souza (2021). Tal negligência institucional contrasta com os direitos previstos na Resolução CNE/CEB nº 4/2009 e na Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015), evidenciando a distância entre as normativas e a prática efetiva nos serviços públicos.

O grupo TEA apresenta maior cobertura terapêutica multidisciplinar, em consonância com o Protocolo para Atenção Integral às Pessoas com TEA (Brasil, 2014), enquanto o grupo AHSD recebe respostas mais limitadas, centradas principalmente no suporte psicológico. Essa situação reflete a crítica de Vieira e Fleith (2019) sobre a ausência de protocolos específicos para superdotação nos serviços públicos e a terceirização do atendimento às redes privadas, o que contribui para o aumento das desigualdades no acesso. A desigualdade no acesso às terapias foi percebida por meio dos relatos dos pais, que expressaram dificuldades no acesso a serviços adequados, evidenciando as limitações das políticas públicas e a fragilidade das articulações intersetoriais entre saúde, educação e assistência social (Pletsch, 2019).

Os responsáveis apontaram que a formação docente em DE ainda é incipiente, refletida na carência de práticas pedagógicas diferenciadas e integradas, como salienta Renzulli e Reis (2014). A prevalência de um foco exclusivo nas dificuldades do TEA ou apenas nas potencialidades do AHSD, sem considerar sua coexistência, reforça o modelo de “inclusão restrita” que carece de uma abordagem holística e interligada (Baum; Schader; Hébert, 2017).

As demandas apontadas pelas famílias por atendimento multidisciplinar, valorização das potencialidades e suporte pedagógico e socioemocional alinham-se diretamente aos princípios da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), que defendem uma resposta educativa que respeite as



singularidades dos sujeitos. Isto ressalta a urgência da implementação de diretrizes locais claras, treinamento contínuo dos educadores e ampliação do acesso ao AEE, para que a inclusão supere o acesso meramente físico e promova o desenvolvimento integral.

Os resultados confirmam a necessidade de desestruturação das categorias tradicionais e da superação do modelo deficitário (Nakano, 2021; Alves; Nakano, 2015), registrando a complexidade e a potencialidade inerente à DE. Promover políticas intersetoriais e práticas pedagógicas diferenciadas constituem um imperativo para garantir direitos e efetivar uma inclusão concreta daquelas que simultaneamente trazem desafios e talentos.

CONCLUSÃO

O estudo destacou como problema central a ausência de um marco legal específico para DE, o que prejudica tanto o diagnóstico quanto a oferta de atendimentos adequados, resultando em intervenções pouco eficazes e sofrimento psicoemocional para os estudantes e suas famílias. Os resultados mostram que, embora existam políticas isoladas para AHSD e TEA, a combinação dessas condições ainda não é reconhecida explicitamente, o que contribui para a dupla invisibilidade dessa população.

As instituições de ensino geralmente têm uma compreensão limitada das AHSD, focando o atendimento na aceleração escolar e negligenciando aspectos socioemocionais e cognitivos, principalmente quando o TEA está associado. Por sua vez, o atendimento voltado ao TEA tende a centrar-se nas limitações, deixando de considerar talentos e potencialidades. A falta de protocolos específicos para identificar a DE, assim como a ausência de articulação entre os setores de educação, saúde e assistência social, agravam a situação.

Nesse contexto, as famílias acabam assumindo o papel principal na busca por diagnóstico, adaptações escolares e defesa dos direitos, enfrentando uma sobrecarga significativa e a ausência de apoio institucional. A não implementação do Plano Educacional Individualizado (PEI), a escassez de centros de referência e a carência de políticas intersetoriais comprometem a inclusão e a equidade educacional. Conclui-se que é urgente reconhecer a Dupla Excepcionalidade como uma condição



específica nas políticas públicas, com diretrizes claras, formação especializada para os profissionais e práticas pedagógicas que valorizem as singularidades e potencialidades desses indivíduos, garantindo-lhes reconhecimento, oportunidades de desenvolvimento e inclusão efetiva.

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association. (2014). **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders** (5th ed.). APA.

BAUM, S. M; SCHADER, R. M; HÉBERT, T. P. A espada de dois gumes da superdotação e do transtorno do espectro autista. **Journal of Psychoeducational Assessment**, v. 35, n. 5, p. 513-526, 2017.

DAVIDSON, J. E (Org.). **Concepções de superdotação**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 246–279.

GALLAGHER, J. J. (2004). Educating children with multiple exceptionalities. In N. Colangelo & G. A. Davis (Eds.), **Handbook of gifted education** 3. ed., p. 371–380. Pearson.

MACHADO, J. P.; Pan, M. A. G. de S. Do Nada ao Tudo: políticas públicas e a educação especial brasileira. **Educação & Realidade**, v. 37, n. 1, p. 273–294, 2012. <https://doi.org/10.1590/2175-623616130>

MANTOAN, M. T. E. **Educação inclusiva: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

BRASIL, **Política Nacional De Educação Especial Na Perspectiva Da Educação Inclusiva**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2008.



INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO: O RELATO DE EXPERIÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO DO *CHATBOT* I.A.R.A.

Krysamon Deoclécio Barbosa Cavalcante, Mestre em Diversidade e Inclusão no CMPDI – UFF,
krysamon_dbc@id.uff.br

Edicléa Mascarenhas Fernandes, Docente na Universidade do Estado do Rio de Janeiro –
UERJ, Docente nos Programas de Mestrado e Doutorado da Universidade Federal Fluminense
– UFF, professoraediclea.uerj@gmail.com

Helio Ferreira Orrico, Doutor em Educação, Universidade Estadual Paulista – UNESP/SP,
orrico.helio@gmail.com

RESUMO

O acesso a informações confiáveis sobre doenças raras é um desafio para pacientes, familiares e, sobretudo, profissionais da educação que buscam promover a inclusão escolar. A desinformação e a fragmentação do conhecimento criam barreiras à participação social e à elaboração de estratégias pedagógicas. Este trabalho relata a experiência prática no desenvolvimento do protótipo de um assistente virtual, o Chatbot I.A.R.A. (Inteligência Artificial para Raras Assistência), concebido como produto educacional para disseminação de conhecimento qualificado sobre o tema. A metodologia foi a pesquisa exploratória e experimental, centrada na criação de um protótipo funcional. O processo envolveu a curadoria de dados de fontes abertas e confiáveis (SUS e Orphanet) e o desenvolvimento da ferramenta em plataforma no-code integrada à API da OpenAI Assistant. O resultado é um chatbot capaz de oferecer respostas interativas sobre doenças raras e seus impactos funcionais, com base na Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF) da OMS. Conclui-se que o I.A.R.A. apresenta potencial como ferramenta de apoio à educação inclusiva, auxiliando educadores a compreender necessidades específicas e elaborar planos de ensino individualizados.

Palavras-chave: Inteligência Artificial, Doenças Raras, Inclusão Educacional, Produto Educacional, *Chatbot*.

INTRODUÇÃO

A jornada de indivíduos com doenças raras e suas famílias é frequentemente marcada pela dificuldade de acesso a informações atualizadas e centralizadas. Essa lacuna informacional se estende no campo do ensino, onde



educadores enfrentam o desafio de promover a inclusão de alunos com condições raras, sem dispor de conhecimento adequado sobre suas especificidades e necessidades funcionais. A informação incorreta não apenas prejudica o desenvolvimento acadêmico, mas também reforça barreiras que impedem a plena participação social desses estudantes (Drago; Pinel, 2014).

Diante desse cenário, identificou-se a necessidade de uma solução tecnológica que conectasse o conhecimento científico especializado à comunidade em geral, com foco no apoio às práticas de educação inclusiva. Assim, propôs-se o desenvolvimento de um assistente virtual inteligente (chatbot) capaz de democratizar o acesso à informação de forma interativa e acessível. O projeto centraliza dados de fontes confiáveis, como a Orphanet (2024) e o SUS (Brasil, 2014), em consonância com os princípios da ciência aberta. Fundamenta-se na Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (OMS, 2003), que adota o modelo biopsicossocial e orienta a construção de estratégias pedagógicas inclusivas.

OBJETIVO

O objetivo geral deste relato é apresentar o processo de desenvolvimento do protótipo do *Chatbot I.A.R.A.* (Inteligência Artificial para Raras Assistência).

MÉTODO

A criação do protótipo do Chatbot I.A.R.A. foi conduzida por meio de uma metodologia de pesquisa de natureza qualitativa, com abordagem exploratória e de caráter experimental (Gil, 2008), focada no desenvolvimento de um produto tecnológico. O processo foi estruturado conforme as seguintes etapas:

1. **Levantamento e Curadoria de Dados:** A etapa inicial envolveu a seleção de fontes confiáveis e abertas, utilizando as diretrizes terapêuticas do SUS (Brasil, 2014) e a base internacional Orphanet (2024). O diferencial do projeto foi o cruzamento dessas informações, destacando apenas as doenças raras que possuíam diretrizes nacionais



e dados sobre impacto funcional, conforme a Classificação Internacional de Funcionalidade (CIF) da OMS (OMS, 2003).

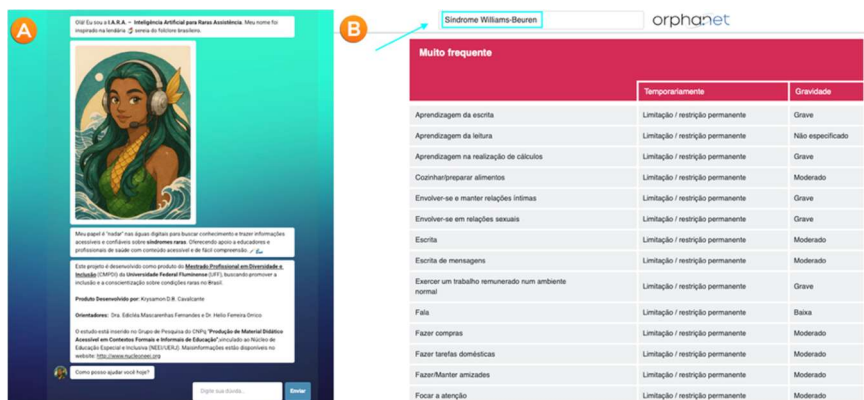
2. **Seleção de Ferramentas e Tecnologias:** Para o desenvolvimento ágil do protótipo, adotou-se uma abordagem no-code com a plataforma TypeBot, que facilitou a criação da interface e do fluxo conversacional. O assistente foi integrado à API da OpenAI Assistant, permitindo o uso de uma base de conhecimento personalizada (knowledge base) criada a partir dos dados do SUS e da Orphanet.
3. **Desenvolvimento e Treinamento do Protótipo:** O chatbot foi desenvolvido e treinado com os dados selecionados, sendo programado para responder sobre diagnóstico, tratamento e impactos funcionais (limitações de atividade e restrições de participação) das doenças raras incluídas.
4. **Implementação e Disponibilização:** Finalmente, o protótipo do chatbot foi incorporado ao domínio web do projeto (<http://iara.me>), tornando-o publicamente acessível para interação e testes iniciais.

RESULTADOS

Como resultado do estudo, obteve-se o protótipo funcional do Assistente Virtual I.A.R.A.. A plataforma se destaca por oferecer uma experiência de usuário interativa e humanizada no acesso a informações complexas. A interface do assistente (Figura A) foi projetada para ser intuitiva e acolhedora, facilitando a interação e o acesso ao conhecimento. O chatbot fornece respostas estruturadas com base nas diretrizes do SUS (Brasil, 2014) e nos dados do Orphanet Functioning Thesaurus (Orphanet, 2024) (adaptados à CIF (OMS, 2003) Figura B), fornecendo informações sobre limitações em atividades pedagógicas associadas a cada síndrome. Sua principal inovação é a ênfase na funcionalidade, apoiando professores na elaboração de Planos de Ensino Individualizados (PEI), uma necessidade premente para alunos com síndromes raras na escola comum (Drago; Pinel, 2014).

Figura A: Tela inicial do Assistente I.A.R.A. Figura B: Portal ORPHANET base para a I.A.R.A.





Fonte A: Print da tela do Assistente IARA. Elaborada pelo autor (2024).

Fonte B: Portal ORPHANET: Doenças Raras, 2024.

Disponível em: <https://www.orpha.net/pt/disease/disability/>

Como parte da validação e divulgação da experiência, o projeto foi apresentado ao Comitê Estadual de Defesa dos Direitos Humanos das Pessoas com Doenças Raras do Rio de Janeiro (CEDDHPDR/RJ), em janeiro de 2025, recebendo um retorno positivo sobre seu potencial de impacto social e educacional.

CONCLUSÃO

A experiência no desenvolvimento do *Chatbot* I.A.R.A. demonstrou o significativo potencial da inteligência artificial como ferramenta para promover a inclusão e democratizar o acesso ao conhecimento sobre doenças raras. Ao integrar dados de fontes confiáveis e apresentá-los de forma interativa e contextualizada, o assistente virtual se consolida como um produto educacional inovador, capaz de superar as barreiras informacionais enfrentadas por educadores, famílias e pacientes.

O principal diferencial do I.A.R.A. reside em sua capacidade de traduzir informações clínicas em implicações funcionais práticas, com base na CIF (OMS, 2003), oferecendo um subsídio direto para a adaptação de práticas pedagógicas e para a construção de um ambiente escolar verdadeiramente inclusivo (Drago; Pinel, 2014). O projeto não apenas atinge seu objetivo de criar um protótipo funcional, mas também abre caminhos para futuras pesquisas e para o aprimoramento contínuo da ferramenta, reforçando a importância da conexão

entre tecnologia, saúde e educação. Conclui-se que a I.A.R.A. é um recurso valioso, alinhado às demandas por uma sociedade mais informada, empática e inclusiva.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria Nº 199, de 30 de janeiro de 2014.** Institui a Política Nacional de Atenção Integral às Pessoas com Doenças Raras, aprova as Diretrizes para Atenção Integral às Pessoas com Doenças Raras no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS) e institui incentivos financeiros de custeio. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

DRAGO, Rogério; PINEL, Hiran. **Alunos com síndrome rara na escola comum:** um olhar fenomenológico-existencial. *Linhas Críticas*, v. 20, n. 43, p. 605-627, 2014.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde – CIF.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

ORPHANET. **Portal para doenças raras e os medicamentos órfãos.** Disponível em: <https://www.orpha.net> . Acesso em: 8 abr. 2024.



LETRAMENTO PARA ALUNOS SURDOS: A PEDAGOGIA VISUAL EM VÍDEOAULA SOBRE O SISTEMA SOLAR

Ana Paula Matos Ximenes – Mestra em Diversidade e Inclusão - anapmx@gmail.com
Osilene Maria de Sá e Silva da Cruz - Doutora em Linguística Aplicada - osilenecruz@id.uff.br

RESUMO

É importante proporcionar aos alunos acesso aos contextos escolares que lhes ofereçam condições dignas de ensino e aprendizagem. Aos alunos surdos não basta o acesso, mas sim a permanência nas escolas, por meio de estratégias de ensino adequadas e de recursos pedagógicos e linguísticos pertinentes, que atendam as suas necessidades visuais e culturais, em perspectiva bilíngue – Libras e Língua Portuguesa escrita (BRASIL, 2002; 2005). Esta pesquisa bibliográfica e exploratória (GIL, 2002) tem como objetivo refletir sobre a realidade desse público-alvo em ambientes escolares regulares e bilíngues e traz uma proposta de materiais didáticos autênticos, elaborados por uma professora surda. Foram realizadas pesquisas sobre leis relativas à educação de surdos e o ensino para discentes surdos (Lebedeff, 2006; Campello, 2008). O resultado culminou em uma videoaula em Libras sobre o sistema solar e recursos didáticos lúdicos para verificação e assimilação da aprendizagem dos alunos surdos: jogo de dominó e jogo da memória. O estudo contribuiu para a ampliação de materiais pedagógicos voltados para aprendizes surdos em perspectiva bilíngue e para a conscientização profissional para se pensar e executar a educação bilíngue adequadamente e condizente com as necessidades dos aprendizes surdos.

Palavras-Chave: Ensino para Surdos, Educação Bilíngue – Libras e português escrito, Videoaula em Libras sobre Sistema Solar, Material Didático para surdos, Ensino Fundamental.

INTRODUÇÃO

A pauta da educação de surdos não é recente, pois, ao longo de décadas, passou por vários momentos, com abordagens/filosofias de ensino, como o Oralismo, a Comunicação Total e o Bilinguismo - Libras e português escrito (Strobel, 2009). Dentro da trajetória escolar, alguns surdos conseguem superar o analfabetismo funcional por conta do apoio familiar e de condições financeiras mais adequadas, evidenciadas por matrículas em escolas adequadas e preparadas para contribuir com seu processo de amadurecimento cognitivo, como foi o meu caso, autora e pesquisadora surda.

Políticas nacionais de educação têm tratado, ultimamente, da educação de alunos surdos e/ou com deficiência auditiva em escolas regulares, tentando



promover o ensino na perspectiva bilíngue, ou seja, reconhecendo a Libras como língua das comunidades surdas e como língua de comunicação, expressão e instrução (Brasil, 2002; 2005; 2021). Não se pode ignorar, entretanto, que no processo de ensino-aprendizagem e na apropriação de saberes é fundamental a presença de profissionais comprometidos com a educação, considerando-se suas experiências, habilidades e competências. As motivações para o aprendizado ocorrerão para cada aluno de acordo com seus interesses, experiências de vida e idade, uma vez que esse público é constituído, sobretudo, por alunos surdos que ultrapassaram a faixa etária do grupo de alunos de ensino regular.

A motivação para esta pesquisa foi possibilitar ao leitor o olhar de uma professora surda, que valoriza o desenvolvimento do aluno surdo e sua formação no processo de ensino-aprendizagem. Por isso, a atuação na função de professora inserida na comunidade surda tem muito a contribuir, pelo lugar de “fala” e de representatividade para ensinar os alunos surdos em prol do seu conhecimento e sua autonomia social, profissional e acadêmica.

Procuramos refletir em prol de soluções para um dos problemas que merecem atenção na educação de surdos: a carência de materiais didáticos autênticos e voltados para o ensino bilíngue. Segundo Gil (2002, p. 31), “(...) a hipótese é a proposição testável que pode vir a ser a solução do problema”. Assim sendo, partimos da hipótese de que a carência de material didático bilíngue voltado para o aluno surdo, principalmente para as séries iniciais do Ensino Fundamental, é um problema que causa limitação de aprendizagem nesse aprendiz.

OBJETIVO GERAL

Produzir material didático bilíngue (em vídeo) para o ensino do Sistema Solar a alunos surdos do terceiro ano do Ensino Fundamental.

MÉTODOS



Foi realizada uma pesquisa exploratória e, com relação aos procedimentos técnicos, o estudo consiste em uma pesquisa bibliográfica (GIL, 2002), pois nos baseamos em estudos anteriores sobre tema de ensino para o terceiro ano do primeiro segmento do Ensino Fundamental e sobre estudos que tratem a educação e o ensino para surdos dentro da modalidade educacional bilíngue.

Para o desenvolvimento desse tipo de ação, ou seja, de reflexão sobre as experiências docentes anteriores, adotamos a terminologia “pesquisa reflexiva”, corroborando as ideias de Wallace e Louden (1992), ao considerarem que ser professor implica experimentar estratégias, reformulações de ideias antigas e propostas de ideias novas. Buscamos, portanto, com este estudo, mostrar a experiência de uma professora pesquisadora, ou seja, “(...) do profissional reflexivo; aquele que ‘pensa-na-ação’, e cuja atividade profissional parece estar aliada à atividade de pesquisa” (Schön, 1992, p.41).

RESULTADOS

O estudo conquistou varias ações: Levantamento bibliográfico sobre questões relacionadas à temática da educação de surdos; Pesquisa sobre materiais e recursos didáticos voltados para o ensino de ciências – O Sistema Solar - a alunos surdos do terceiro ano do Ensino Fundamental; Análise de aulas em Libras (vídeos) sobre O Sistema Solar em sites de domínio público; Planejamento do material didático sobre o Sistema Solar para a faixa escolar equivalente ao terceiro ano do Ensino Fundamental; Roteiro da aula em Libras e os materiais decorrentes; Aula em Libras (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n01KOjEKxe0>); Materiais pedagógicos após reflexão docente: cartaz demonstrativo do Sistema Solar, atividades sobre o Sistema Solar, livro com a organização do Planeta Terra e Jogos – jogo da memória e jogo dominó.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



A pesquisa do mestrado nos provoca uma reflexão sobre os materiais específicos para a educação de surdos e o ensino de Ciências, com foco no “Sistema Solar”. Na realidade, muito se fala que professores surdos e ouvintes não estão preparados para atender às necessidades linguísticas dos alunos surdos, muitos relatam que encontram problemas para implantar e ampliar a educação em uma abordagem bilíngue.

A maioria dos professores encontram dificuldades para desenvolver um trabalho dentro de uma perspectiva educacional bilíngue para os alunos surdos ou não se conscientizam de que o aluno surdo tem potencial e capacidade para aprender e atuar em todos os contextos. Nas escolas onde estão matriculados esses alunos, os professores ouvintes utilizam os materiais disponíveis ou copiados da internet (google), ignorando as necessidades e as dificuldades linguísticas dos alunos surdos e provocando as dificuldades no seu processo de ensino-aprendizagem.

Os resultados foram considerados positivos e evidenciam e possibilitam a ampliação e aprofundamento de uma educação bilíngue para alunos surdos, garantindo o direito deles a uma educação de qualidade, pelo uso de jogos e de recursos interativos que contribuem para o desenvolvimento do professor e do aluno, usuários do produto. Espera-se que o material disponibilizado no youtube possa ser acessado e visto por qualquer pessoa, surdo ou ouvinte, interessada em causas em prol de pessoas surdas em busca de formação e ampliação de conhecimentos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Leis/2002/L10436.htm Acesso em: 01 nov. 2018.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 2005.



CAMPELLO, A. R. S. (2008). **Aspectos da visualidade na educação de surdos**. Tese (doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-graduação em Educação. <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91182>. Acesso em 22 jan 2023.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

LEBEDEFF, Tatiana Bolívar. Análise das estratégias e recursos "surdos" utilizados por uma professora surda para o Ensino de Língua escrita. **Perspectiva**, Florianópolis, vol. 24, nº 3, p.139-152, 2006.

SCHÖN, Donald A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, António (Coord.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

STROBEL, Karin. **História da educação de surdos**. Florianópolis: UFSC, 2009. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificaf/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf. Acesso em: 12 mar. 2023.



LISTA DE INDICADORES SOBRE COMPORTAMENTO SUPERDOTADO E COMPETÊNCIAS AO PENSAMENTO COMPUTACIONAL: UMA EXPERIÊNCIA NO CURSO TÉCNICO EM INFORMÁTICA DO IFRJ

Neyse de Carvalho Ribeiro, Mestre em Diversidade Inclusão/UFF e neyse_ribeiro@id.uff.br
Thiago Corrêa Lacerda, Doutor em Física/UFF e thiago.lacerda@ifrj.edu.br
Fernanda Serpa Cardoso, Doutora em Ciências e Biotecnologia/UFF e fernandalabiomol@yahoo.com.br

RESUMO

Embora as políticas públicas voltadas para a Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva estejam em franco crescimento, o percentual de estudantes com Altas Habilidades ou Superdotação (AH/SD) identificados na Educação Básica corresponde a 0,05%, segundo Censo 2021. Para compreender um recorte do fenômeno, esta pesquisa foi realizada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro/*Campus* Niterói. O objetivo foi criar três listas de observação para a indicação pedagógica de estudantes com AH/SD com tendências ao pensamento computacional. As listas foram aplicadas aos discentes do curso Técnico em Informática integrado ao Ensino Médio e aos docentes que lecionavam disciplinas exatas no mesmo curso. Se configura em uma pesquisa qualiquantitativa, do tipo pesquisa-ação e baseou-se nos referenciais teóricos de Renzulli, Gardner, Wing e legislação pertinente à inclusão e Educação Especial. Os resultados revelaram que, em média, 20% dos estudantes dos 3º, 4º, 5º e 6º períodos apresentaram indicação pedagógica de comportamento superdotado e pensamento computacional, um número quatro vezes maior do que os 5% previstos pela Organização Mundial da Saúde.

Palavras-chave: Competências Cognitivas; Lista de observação de Altas habilidades ou Superdotação; Pensamento Computacional; Educação Técnica; Inclusão Educacional.

INTRODUÇÃO

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) *campus* Niterói faz parte da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. Iniciou suas atividades em julho de 2016, na sede provisória e em 2018 foi para seu campus definitivo, localizado no bairro Sapê. Atualmente, oferta cursos técnicos nas modalidades subsequente, concomitante e integrado e outros cursos a nível superior. O Curso Técnico em Informática integrado ao



Ensino Médio ofertado pelo IFRJ, campus Niterói, tem como prioridade, de acordo com seu Projeto Pedagógico de Curso (PPC), a articulação entre o conhecimento dos discentes a respeito do mundo em que eles vivem (senso comum) e o currículo escolar (senso teórico) presente nas ementas das disciplinas, através de uma metodologia que privilegie a interdisciplinaridade de saberes (IFRJ, 2018).

De acordo com a Lei nº 9394/96, pessoas com Altas Habilidades ou Superdotação (AH/SD) compõem o público da modalidade Educação Especial (Brasil, 1996). Para compreender esses sujeitos, a Teoria dos Três Anéis de Joseph Renzulli, apresenta a superdotação como fruto da interação de três características – habilidades acima da média, criatividade e envolvimento com a tarefa – cuja intercessão entre os três anéis indica o comportamento superdotado (Renzulli, 2014).

Howard Gardner, ao apresentar a Teoria das Inteligências Múltiplas (Gardner, 1994), traz à discussão um novo paradigma no que diz respeito ao conceito de inteligência. Apresenta inicialmente sete inteligências: inteligência linguística; operações lógico-matemáticas; musical; espacial, cinestésica, interpessoal, intrapessoal (Gardner, 1994). Posteriormente ele acrescenta mais duas: naturalista e existencial (Gardner, 2001). De acordo com essa teoria, todos têm essas inteligências e algumas se destacam mais do que as outras em determinados indivíduos em função de fatores sociais, culturais, estímulo da família e da escola.

Em 2006 foi oficialmente cunhada a terminologia “Pensamento Computacional” (PC) pela cientista da computação e professora Jeannette Wing com a publicação do artigo “*Computational Thinking – It represents a universally applicable attitude and skill set everyone, not just computer scientists, would be eager to learn and use*”. No texto, Wing apresenta o PC em vários âmbitos, como por exemplo: Pensamento computacional envolve raciocínio recursivo, processamento paralelo, interpretação de código e dados, análise de tipos, uso de alias, estética e simplicidade em programas e interfaces (Wing, 2006).

O objetivo geral do trabalho foi “Criar Listas de Indicadores sobre Comportamento Superdotado e Competências ao PC a partir de uma experiência no Curso Técnico em Informática do IFRJ.” Para tanto, foi realizado



estado da arte a respeito do tema através de uma revisão de literatura em formato de artigo científico.

Os dados empíricos foram coletados no IFRJ campus Niterói, os participantes foram os discentes e docentes do curso técnico de informática integrado ao Ensino Médio. A pesquisa foi devidamente submetida ao Conselho de Ética. Os dados coletados a partir da aplicação dos questionários foram inseridos em planilha do programa Excel 2203.

As informações geradas foram tratadas utilizando o programa Excel, onde foram criados gráficos, possibilitando o levantamento dos dados. Foram estabelecidos códigos alfanuméricos a serem atribuídos aos discentes envolvidos durante a apresentação dos dados para que o sigilo quanto à identidade deles fosse preservado. Os dados obtidos após a aplicação dos questionários dos discentes foram confrontados com os dados dos docentes e de seus pares, gerando a lista de nomes dos discentes com indicadores de AH/SD do Curso Técnico em Informática do IFRJ campus Niterói.

Os resultados da pesquisa revelam que, em média, 20% dos estudantes investigados foram indicados pedagogicamente. Em contrapartida ao apresentado pela OMS (cerca de 5%) esse recorte – estudantes do IFRJ – merece reflexão ampliada do ponto de vista de estudantes ingressantes no curso, uma vez que indica um número 4 vezes maior. Esse dado demonstra a necessidade de ampliação do uso de ferramentas de indicação e atividades suplementares voltadas ao público AH/SD.

Logo, propiciar aos estudantes a vivência de um currículo escolar que rompa com as limitações encarceradoras das tradicionais grades curriculares é oportunizar aos estudantes AH/SD a fruição do pensamento, da imaginação, da criatividade e da produção teórico e prática do conhecimento.

O estudo destaca a importância de um ambiente educacional que reconheça e valorize as habilidades dos estudantes, especialmente aqueles com AH/SD. A análise dos dados revela que, embora haja um reconhecimento crescente das capacidades dos alunos, ainda existem lacunas significativas na implementação de políticas que garantam o pleno desenvolvimento dessas potencialidades para uma educação profissional e tecnológica que seja inclusiva e capaz de integrar a técnica e o conhecimento de mundo na formação do estudante ao término da Educação Básica.



CONCLUSÃO

Em consonância com os princípios da Educação Profissional e Técnica integrada ao ensino médio nos termos da lei 11.892/2008, é possível inferir que existe a necessidade de um currículo inclusivo e adaptado; que permita a todos os estudantes, independentemente de suas habilidades, acesso a uma educação que promova seu crescimento intelectual e social.

As novas configurações de relacionamentos interpessoais e de ser e estar no mundo estão intimamente ligadas à cultura, ao meio social e às práticas educativas em que as pessoas AH/SD estão inseridas. Nesse sentido, é preciso estimular espaços de aprendizagem que respeitem suas características e que prezem pela ética e estímulo à fruição de seus conhecimentos, capacidades e potencialidades.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira no 9.394. Brasília, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Lei nº 11.892, de 29 de dez. de 2008. Institui a educação profissional técnica de nível médio e transforma as escolas técnicas federais em instituições de educação científica e tecnológica e dá outras providências. Diário Oficial da União: República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 30 dez. 2008.

GARDNER, Howard. Estruturas da mente: a Teoria das Múltiplas Inteligências. Porto Alegre: Artes Médicas, c1994.

GARDNER, Howard. Inteligência: um conceito reformulado. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001

IFRJ. Resolução do Conselho Superior no 29, de 24 de outubro de 2018. Aprova o Plano de Curso Técnico em Informática integrado ao Ensino Médio. Rio de Janeiro, RJ. 2018

RENZULLI, Joseph S. A concepção de superdotação no Modelo dos Três Anéis: Um modelo de desenvolvimento para a promoção da produtividade



criativa. In: VIRGOLIM, M. R.; KONKIEWITZ (Org.). *Altas Habilidades/Superdotação, Inteligência e Criatividade*. Papirus Editora. 2014.

WING, J. M. Computational Thinking. *Communications of the ACM*. 49(3), 2006. p.33-35



LOGOS ENTRE O TEATRO E O ENSINO INCLUSIVO: UMA PEÇA TEATRAL SOBRE O ESTIGMA VIVENCIADO PELO SUJEITO COM TDAH NO AMBIENTE ESCOLAR.

Ms. Renata Rocha Egger Blakeley, Mestre em Diversidade e Inclusão, renataegger@id.uff.br
Prof.^a Dra. Elisabete Cristina Cruvello da Silveira, orientadora, elisabetecruvello@id.uff.br
Prof.^a Dra. Flávia Câmara Neto Athayde Gonçalves, coorientadora, flaviacamara@id.uff.br

RESUMO

Busca produzir uma peça teatral sobre o estigma vivenciado pelo sujeito com Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) como uma ferramenta dialógica de ensino inclusivo, para o combate ao preconceito e à discriminação. A questão de partida é: Como o teatro na escola pode configurar-se uma ferramenta crítica contra a estigmatização que diz respeito ao TDAH, constituindo-se uma linguagem dialógica para o ensino inclusivo e a diversidade? Ademais, duas questões secundárias são respondidas: Como a Neurociência aborda o TDAH e sua caracterização? Como os sujeitos com TDAH vivenciam o estigma no contexto escolar e social? Partiu-se da premissa de que o TDAH é um transtorno do neurodesenvolvimento que impacta significativamente a trajetória escolar dos sujeitos diagnosticados, sendo frequentemente atravessado por estigmas, preconceitos, exclusões e interpretações equivocadas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de revisão bibliográfica crítica, articulando as contribuições dos campos do Ensino Inclusivo, da Neurociência e do Teatro na escola. Os analistas escolhidos são do campo da neurociência, ensino inclusivo, diversidade, estigma e teatro na escola como Goffman; Mattos; Arcangeli; Gendran; Mantoan; Stainback e Stainback; Candau; Oliveira; Heliadora. O produto deste trabalho investigativo é a peça teatral voltada ao público da educação básica, intitulada “Gente como a gente”.

Palavras-chave: TDAH; Ensino inclusivo; Teatro na escola; Diversidade; Estigma

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objeto o ensino inclusivo em diálogo com uma produção teatral, sobre a temática Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), possibilidade e limites, salientando o processo de estigma enfrentado por pessoas com o transtorno no ambiente escolar.

Segundo a Donatella Arcangeli (2022), as características reconhecíveis do sujeito com TDAH, são a hiperatividade, a impulsividade e a desatenção. Assim



também, sustenta que essas características desenvolvem comprometimentos no contexto escolar, a saber: no comportamento, na interação social e no rendimento escolar.

Assim sendo, pensar o ensino inclusivo com os sujeitos com TDAH a partir do teatro pode constituir como uma ferramenta crítica imprescindível a fim de responder e refletir sobre a principal indagação da pesquisa: 1ª) Como o teatro na escola pode configurar-se uma ferramenta crítica contra a estigmatização que diz respeito ao TDAH, constituindo-se uma linguagem dialógica para o ensino inclusivo e a diversidade? A partir da pergunta principal e ponto de partida, desdobram-se duas questões secundárias afins:

1ª) Como a Neurociência aborda o TDAH e sua caracterização?

2ª) Como os sujeitos com TDAH vivenciam o estigma no contexto escolar e social?

A metodologia empregada é qualitativa, visando captar os valores subjetivos e conflitos dos sujeitos com TDAH, como também, explicitar as três predominâncias do transtorno: hiperatividade, impulsividade e a desatenção, em diálogo analítico com os referenciais teóricos escolhidos. A elaboração do texto da peça de teatro tem enfoque pedagógico, com diálogos sucintos acerca da estigmatização do sujeito com TDAH no espaço escolar e da valorização do ensino inclusivo, sublinhando características no que tange à hiperatividade, impulsividade e desatenção, além de especificar os três tipos: Predominantemente hiperativos-impulsivos; Predominantemente desatentos; Combinados.

OBJETIVOS

O objetivo geral é produzir uma peça teatral sobre o estigma vivenciado pelo sujeito com TDAH como uma ferramenta dialógica para o ensino inclusivo. A partir deste, os objetivos específicos desenhados a fim de responder às indagações centrais da pesquisa são: 1. Levantar e analisar referências atuais sobre TDAH a partir da Neurociência, bem como do estigma na escola como uma categoria das Ciências Sociais e, 2. Explicar o significado do teatro como uma ferramenta crítica para o ensino inclusivo dos sujeitos com TDAH no



contexto escolar, a partir da elaboração da peça teatral intitulada “Gente como a gente”, acerca dos três tipos de TDAH e o processo de estigmatização vivenciado por cada um.

REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo a Neurociência, o TDAH é um transtorno do neurodesenvolvimento que possui como principais características a desatenção, hiperatividade e impulsividade gerando prejuízos e sofrimento em todas as áreas na vida do sujeito, afetando mais de um ambiente da vida, bem como gerando prejuízos no desempenho acadêmico e nas relações interpessoais. Para Arcangeli (2022), as predominâncias são resumidamente descritas da seguinte forma:

HIPERATIVIDADE: levanta-se e vagueia pela sala, deita-se debaixo da carteira, brinca com o material na carteira, tagarela e atrapalha a aula, é caótica e barulhenta no jogo;

IMPULSIVIDADE: não respeita a sua vez, interrompe e é invasiva, comete sempre os mesmos erros, não evita o perigo e não consegue ser paciente;

DESATENÇÃO: não anota as tarefas, interrompe e é invasiva, vive com a cabeça nas nuvens, tem dificuldade de organizar-se e perde e esquece os objetos.

A Enciclopédia de Antropologia da Universidade de São Paulo (USP) define o estigma em sua dimensão relacional, uma vez que “[...] vincula atributos e estereótipos a formas de estigmatização, de maneira a compreender como eles são criados e manipulados, e quais os seus efeitos nas interações sociais.” (Assensio; Soares, 2022, p. 1). No contexto escolar pode ocorrer a associação do TDAH com a violação das normas sociais estipuladas pela instituição, fazendo com que sejam estigmatizados, por ficarem excluídos e desencaixados da sistemática da sala de aula tradicional ou por apresentarem padrões diferenciados de aprendizagem e relacionamentos sociais, provocando a construção de estereótipos, discriminações, preconceitos, exclusão social.

Mantoan salienta a relevância das práticas inclusivas que contemplam a diversidade:



As diferenças culturais, sociais, étnicas, religiosas, de gênero, enfim, a diversidade humana está sendo cada vez mais desvelada e destacada e é condição imprescindível para se entender como aprendemos e como compreendemos o mundo e a nós mesmos. Nosso modelo educacional mostra há algum tempo sinais de esgotamento, e nesse vazio de ideias, que acompanha a crise paradigmática, é que surge o momento oportuno das transformações. (2003, p.12)

RESULTADOS

O teatro pode ser pensado como uma ferramenta crítica potente para o ensino inclusivo. O propósito é ofertar um texto dramático dialógico envolvendo personagens que vivenciam conflitos em ambiente escolar. O ensino inclusivo é marcado pela premissa de ensinar para todos sem diferenciação, condenando práticas pedagógicas excludentes.

O texto teatral concebido conta com personagens adolescentes de 13 a 15 anos, profissionais da escola e pais. Na dramaturgia fica claro que a instituição é abertamente comprometida com a prática inclusiva. A peça intitulada “Gente como a gente” é dividida em três cenas:

Aline entre as nuvens – 1ª cena (Predominância da desatenção)

Henri: o terror incontrolável da sala de aula? – 2ª cena (Predominância da hiperatividade)

Renato em: eu sou o sincero – 3ª cena. (Combinado - Características da desatenção e impulsividade)

Além da encenação, pontua-se que outras atividades sejam engendradas a fim de reforçar o conteúdo trabalhado nas cenas, desenvolvendo desdobramentos, tais como: rodas de conversa, cartas escritas discorrendo sobre as impressões obtidas ao assistirem às cenas e/ou espetáculo, desenhos e pinturas, ou, até mesmo, a decupação da dramaturgia e possíveis reformulações e adaptações do texto.

CONCLUSÃO

A peça “Gente como a gente” traduz um esforço de aplicar os saberes acadêmicos em uma linguagem acessível, fértil, crítica e mais próxima do



universo vocabular das juventudes, admitindo que os conceitos de diversidade, estigma, ensino inclusivo e crítico são discutidos nos diálogos das cenas. Ademais, a peça é uma ilustração viva da questão central proposta no trabalho: “Como o teatro pode configurar-se uma ferramenta crítica contra a estigmatização que diz respeito ao TDAH, constituindo-se uma linguagem dialógica para o ensino inclusivo e a diversidade?”

O referencial teórico adotado é fundamental para a análise das dimensões sociais, biomédicas e emocionais do TDAH. A produção da dramaturgia emerge como resposta criativa e crítica a esse cenário, com o intuito de promover reflexões no espaço escolar sobre convivência, respeito à diferença, importância do acolhimento pedagógico e divulgação das potencialidades das pessoas com TDAH.

REFERÊNCIAS

ARCANGELI, D. **TDAH**: o que fazer e o que evitar: guia rápido para professores e professoras do Ensino Fundamental. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2022.

ASSENSIO, C. B; SOARES, R. Estigma – Erving Goffman (conceito). In: **Enciclopédia de Antropologia da USP**. São Paulo, 2022.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar**: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.



METODOLOGIA ATIVA E SEUS ATRAVESSAMENTOS NA INTERDISCIPLINARIDADE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO ENSINO SUPERIOR

Tainara Chagas Matschuck, Mestra em Diversidade e Inclusão (CMPDI/UFF),
tainaramatschuck@gmail.com.

Vera Lúcia Prudência dos Santos Caminha, Doutora em Engenharia de Sistemas e
Computação, (COPPE/UFRJ), veraprudencia@id.uff.br.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar as metodologias ativas e seus atravessamentos na promoção da interdisciplinaridade no Ensino Superior, destacando suas contribuições para uma aprendizagem significativa e autônoma. As metodologias ativas, conforme Moran (2018), deslocam o foco do ensino centrado no professor para o protagonismo do estudante, favorecendo o desenvolvimento crítico e reflexivo. Nesse contexto, a interdisciplinaridade emerge como uma estratégia essencial para integrar saberes e superar a fragmentação do conhecimento, conforme defende Fazenda (2011). A pesquisa, de abordagem qualitativa e natureza bibliográfica, apoia-se em autores que discutem inovação pedagógica e práticas interdisciplinares no ensino universitário. Os resultados apontam que o uso de metodologias como a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), sala de aula invertida e projetos integradores contribuem para a construção de conhecimentos contextualizados e colaborativos. Assim, o diálogo entre diferentes áreas amplia a compreensão dos fenômenos complexos da realidade, promovendo uma formação mais crítica e humanizadora. Conclui-se que as metodologias ativas, ao estimular o protagonismo discente e o trabalho coletivo, potencializam a interdisciplinaridade como eixo estruturante do ensino superior contemporâneo.

Palavras-chave: Metodologias ativas; Interdisciplinaridade; Ensino Superior; Aprendizagem significativa; Inovação pedagógica.

INTRODUÇÃO

O ensino superior contemporâneo tem enfrentado desafios complexos diante das transformações sociais, culturais e tecnológicas do século XXI. A ampliação do acesso à universidade e a diversidade de perfis estudantis exigem repensar as práticas pedagógicas, superando o modelo tradicional de ensino centrado na transmissão. Nesse cenário, as metodologias ativas emergem como alternativas que deslocam o foco do ensino para a aprendizagem.



Segundo Moran (2018, p. 17), “as metodologias ativas propõem desafios reais, que exigem dos alunos iniciativa, tomada de decisões e colaboração”, promovendo maior envolvimento e autonomia. De modo convergente, Bacich e Moran (2018) apontam que tais metodologias permitem ao estudante tornar-se protagonista, assumindo papel ativo na construção de seu conhecimento. Paralelamente, a interdisciplinaridade desponta como um princípio estruturante de uma educação integradora. Para Fazenda (2002, p. 15), “a interdisciplinaridade é uma atitude diante do conhecimento, que busca superar a fragmentação e compreender o todo em sua complexidade”. Assim, compreender o diálogo entre metodologias ativas e interdisciplinaridade é fundamental para uma formação que responda aos desafios da sociedade contemporânea.

O presente trabalho discute os atravessamentos entre metodologias ativas e interdisciplinaridade no ensino superior, refletindo sobre seus fundamentos, potencialidades e limites no contexto da prática docente universitária.

OBJETIVO

O objetivo geral deste estudo é analisar como as metodologias ativas se articulam à interdisciplinaridade no contexto do ensino superior, destacando suas contribuições para a formação integral dos estudantes e para a inovação pedagógica nas instituições.

Os objetivos específicos são:

1. Identificar os fundamentos teóricos que sustentam as metodologias ativas e a interdisciplinaridade;
2. Compreender como as práticas pedagógicas ativas promovem a integração entre diferentes áreas do conhecimento;
3. Apontar desafios e possibilidades para a consolidação de uma cultura interdisciplinar nas instituições de ensino superior.

MÉTODO



Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, baseada em autores que discutem inovação pedagógica, formação docente e integração curricular. Foram analisados textos de Freire (1996), Fazenda (2002), Bacich e Moran (2018) e Behrens (2015), entre outros.

A análise dos materiais seguiu o método de análise temática (BARDIN, 2016), que permitiu identificar categorias relacionadas à prática docente, integração curricular e aprendizagem significativa.

RESULTADOS

Os resultados apontam que as metodologias ativas favorecem o desenvolvimento de práticas interdisciplinares, por compartilharem princípios como protagonismo, autonomia e colaboração.

Entre as metodologias analisadas, destacam-se a Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP), a Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL), a sala de aula invertida, estudos de caso e gamificação. Todas promovem a integração de diferentes áreas do saber em torno de problemas reais, estimulando o raciocínio crítico e a cooperação. Como apontam Bacich e Moran (2018, p. 49), “as metodologias ativas estimulam o estudante a conectar conteúdos, aplicar o que aprende e refletir sobre o próprio processo de aprendizagem”.

Outro ponto evidenciado é que a interdisciplinaridade não se resume à justaposição de conteúdos, mas envolve a construção de um currículo integrado e flexível, que permita a circulação de saberes e a cooperação entre docentes. No entanto, os estudos apontam que há resistências institucionais e culturais que dificultam a implementação de práticas verdadeiramente interdisciplinares, como a rigidez das matrizes curriculares, a falta de tempo para planejamento coletivo e a formação docente ainda pautada em especializações disciplinares. A integração entre metodologias ativas e interdisciplinaridade requer, portanto, uma mudança de paradigma: o foco desloca-se do ensino para a aprendizagem, da transmissão para a problematização e do individualismo para a colaboração. Essa transformação demanda que o professor assuma um papel de curador e facilitador do processo de aprendizagem, orientando os estudantes na



construção de conhecimentos contextualizados e críticos.

CONCLUSÃO

Os resultados da pesquisa indicam que as metodologias ativas constituem um potente meio de promoção da interdisciplinaridade no ensino superior, pois ambas se fundamentam em perspectivas que colocam o estudante como sujeito de sua própria aprendizagem. A integração entre essas abordagens favorece o desenvolvimento de competências cognitivas, sociais e emocionais, promovendo uma formação mais crítica, colaborativa e ética. Entretanto, sua consolidação requer comprometimento institucional, reorganização curricular e formação docente contínua, como enfatiza Behrens (2015, p. 79), ao afirmar que “não há inovação metodológica sem mudança de concepção e sem investimento na formação do professor”. Portanto, compreender os atravessamentos entre metodologias ativas e interdisciplinaridade significa repensar a própria função social da universidade: formar sujeitos autônomos, criativos e capazes de intervir na realidade. A educação superior, ao articular saberes e práticas, cumpre seu papel transformador e humanizador, em consonância com os princípios de uma pedagogia crítica e emancipatória.

REFERÊNCIAS

- BACICH, L.; MORAN, J. **Metodologias ativas para uma educação inovadora**. Porto Alegre: Penso, 2018.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.
- BEHRENS, M. A. **O paradigma da complexidade na formação e na prática docente**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas: Papirus, 2002.
- FAZENDA, I. C. A. **Práticas interdisciplinares na escola**. São Paulo: Cortez, 2011.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



MORAN, J. Metodologias ativas e o processo de inovação educacional. *In*:
BACICH, L.; MORAN, J. (Orgs.). **Metodologias ativas para uma educação
inovadora**. Porto Alegre: Penso, 2018.



NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE PROFESSORES SOBRE INCLUSÃO E DIVERSIDADE

Lenilda de Matos Pinheiro, Mestra em diversidade e Inclusão – CMPDI/UFF –
lenildapinheiro@id.uff.br.
Rejany dos Santos Dominick, Doutora em História, Filosofia e Educação – UNICAMP –
rejany_dominick@id.uff.br

RESUMO

Este estudo tem como objetivo apresentar narrativas autobiográficas de professores sobre inclusão e diversidade extraídas durante o Curso de Formação Continuada online, produto do Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão - CMPDI. No campo metodológico, caracteriza-se, como uma pesquisa de cunho qualitativo. A produção dos estudos se deu pelos princípios da pesquisa-ação e da pesquisa de formação narrativa autobiográfica, utilizando-se o caminho metodológico das rodas de conversa para a produção das narrativas docentes por meio do diálogo. Foram realizadas cinco rodas de conversa tendo como temática aspectos da inclusão e da diversidade, direitos humanos e práticas inclusivas. A utilização de narrativas autobiográficas demonstrou ser uma excelente metodologia para reflexão das temáticas apresentadas, mas que ainda há a necessidade de ampliarmos as escutas entre os docentes. E a análise das narrativas revelou que os professores têm vivenciado uma variedade de experiências inclusivas e da diversidade como também de práticas pedagógicas de exclusão, em especial na questão étnico-racial.

Palavras-chave: Narrativas Autobiográficas; Inclusão; Diversidade; Práticas Pedagógicas

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo apresentar algumas narrativas reflexivas sobre práticas inclusivas educativas e da diversidade extraídas nas rodas de conversa do Curso de Formação Continuada, produto educacional do Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão – CMPDI. Dentro do contexto da diversidade e inclusão, as narrativas versaram sobre o atendimento da pessoa com deficiência, as questões étnico-raciais, de gênero e de sexualidade entre outras.



Utilizou-se como aporte teórico para reflexão e análise das narrativas os seguintes autores: Alarcão (2011), Barbosa (2011), Santos (2013), entre outros. No que se refere as experiências inclusivas e de exclusão vividas pelos professores em suas práticas pedagógicas, recorremos a Larrosa (2016) que diz que a experiência é: “algo que nos passa, que nos acontece, que nos toca” (p.18) ou então como “um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova” (p.26).

Este estudo é de cunho qualitativo (Minayo, 2004) produzido dentro dos princípios da perspectiva da pesquisa-ação (Thiollent, 1994) e da perspectiva da pesquisa formação narrativa autobiográfica (Henriques, 2018; Ferrarotti, 2010; Nóvoa, 2010).

As narrativas dos professores participantes são oriundas das experiências pessoais e profissionais no campo da diversidade e da inclusão. Foram coletadas nas rodas de conversa (Warschauer, 2001), decorrentes do curso de Formação Continuada. As histórias narradas partiram sempre de um estímulo que girou em torno de vídeos, imagens, músicas, dentre outras.

A utilização da roda de conversa como instrumento de coletas de dados teve como objetivo abrir espaço ao diálogo como também proporcionar uma maior interação entre os professores de forma que expressassem suas opiniões e concepções acerca do tema da diversidade e da inclusão de forma espontânea, produzindo-se assim narrativas em um processo reflexivo.

O estudo contou com a participação de 14 pessoas que se inscreveram através do *google forms* divulgado por e-mail e via WhatsApp nas escolas parceiras do projeto de Extensão “Inovações pedagógicas para formar professores em diálogo com a inclusão e a diversidade”. Todos os participantes da formação, ou seja, os sujeitos que narraram suas experiências inclusivas, receberam certificados emitidos pela PROEX- UFF.

As rodas de conversa tiveram a duração máxima de 2 horas por encontro, num total de 5 encontros. As temáticas das rodas foram o acolhimento, aspectos da inclusão e da diversidade, direitos humanos em termos legais e humanísticos, práticas educacionais inclusivas e relatos de experiências.

No intuito de preservar o anonimato, os participantes da formação continuada foram identificados com nomes de pedras preciosas. Estas, por sua vez, foram escolhidas como forma de valorização do profissional da educação.



As narrativas foram agrupadas por aproximação e similaridade e, posteriormente analisadas e comentadas considerando-se os referenciais de cada temática.

CONCLUSÃO

As experiências inclusivas e de diversidade foram as mais variadas, suscitando diálogos longos e acalorados. No campo da inclusão, a questão da pessoa com deficiência e dos alunos LGBTQIAP+ foram temas considerados relevantes para o processo de formação. As reflexões sobre os relatos de exclusão tiveram um destaque expressivo que variaram desde situações de racismo, de etarismo, intolerância religiosa, gordofobia, de classe social e de gênero. A questão étnico-racial, por sua vez, contou com narrativas de militantes do movimento negro, colocando em evidência que o racismo está estruturado na sociedade e na prática dos professores, onde se concluiu que não basta não ser racista, é preciso ser antirracista.

A utilização de narrativas constitui uma excelente estratégia de reflexão e diálogo para abordar a temática da inclusão e diversidade e as práticas que ocorrem dentro e fora do ambiente escolar. Ela permite de maneira extraordinária o compartilhamento de experiências, e é de extrema relevância para que se desenvolva uma postura crítico-reflexiva.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BARBOSA, L. M. de A. (Org.). **Relações étnico-raciais em contexto escolar: fundamentos, representações e ações**. São Carlos: EduFSCar, 2011.

FERRAROTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. *In*: NÓVOA, A; FINGER, M. (Orgs). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

HENRIQUES, E. M. de O. Dimensões subjetivas, sociais e formativas do aporte (Auto)Biográfico em Educação: alguns aspectos epistemológicos e metodológicos. VIII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica.



UNICID, São Paulo, 17 a 20 de setembro de 2018. **Anais VIII CIPA** – ISSN 2178-0676.

MINAYO, M. C. de S. *et al.* **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 23. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Trad. João Wanderley Geraldi. *In*: LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiência. Trad. Cristina Antunes; João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

SANTOS, M. P. dos. **Dialogando sobre inclusão em Educação**: contando casos (e descasos). Curitiba: CRV, 2013.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. S. Paulo: Cortez, 1994.

WARSCHAUER, C. **A roda e o registro**: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento. 3. ed. São Paulo: Paz e terra, 2001.



O USO DO LÚDICO ENQUANTO FERRAMENTA EDUCACIONAL UTILIZADA PARA ALUNOS SURDOS E OUVINTES COMO PROMOÇÃO DE INCLUSÃO NO SISTEMA DE ENSINO REGULAR

Marcela Gonçalves de Oliveira Pinto, Mestre, marcelagop@id.uff.br
Ana Regina e Souza Campello, Doutora, anacampello@id.uff.br

RESUMO

A presente pesquisa ocorre na Escola Municipal Reginaldo Domingues dos Santos, no município de Maricá – RJ onde alunos surdos e ouvintes são estimulados a desenvolverem atividades lúdicas em conjunto com o objetivo de aproximação e interação entre eles sobretudo ao inserir brincadeiras da comunidade surda no contexto permitindo que a cultura, a identidade surda e suas peculiaridades sejam trabalhadas e apresentadas ao grupo enfatizando o sentimento de respeito às diferenças e produzindo conhecimento. O brincar com intencionalidade pedagógica pode ser uma ferramenta eficaz para promover o uso da Língua Brasileira de Sinais e para iniciar a prática do bilinguismo nas escolas regulares. A pesquisa utilizou a metodologia bibliográfica e observacional. Os resultados alcançados demonstraram que a ludicidade fortalecer os vínculos dos grupos envolvidos através da sociointeração e produz conhecimento e cultura no contexto escolar. Concluímos que a brincadeira pode ser uma estratégia e recurso para que alunos surdos e ouvintes troquem experiências e saberes cooperando para o estímulo da inclusão e fortalecendo o ensino bilíngue dando ênfase à importância do uso de Libras no contexto escolar.

Palavras-chave: Alunos surdos e ouvintes; Escola Regular; Inclusão; Ludicidade.

INTRODUÇÃO

Dentro da escola regular onde alunos surdos e ouvintes convivem e dividem sua experiências, proporcionar momentos lúdicos entre eles pode ser uma ferramenta estratégica para promoção da inclusão. O brincar pode ser considerado aquele momento de construção prazerosa em que o professor dotado de intencionalidade pedagógica consegue promover a construção do aprendizado sem que haja a imposição do currículo formal, para Moyles (2006, p.120) somente quando os educadores reconhecerem a importância do seu papel no brincar imaginativo é que eles poderão intervir e começar a desenvolver o verdadeiro potencial dessa atividade. Quando crianças surdas e crianças



ouvintes compartilham o momento da brincadeira certamente serão traçados vínculos entre eles, esses vínculos se fortalecerão na proporção em que as brincadeiras forem sendo estabelecidas e isso é de extrema importância para fortalecer o ambiente inclusivo pois permitirá a convivência entre interesses comuns e trocas entre os alunos.

O brincar é um meio de preparo para a vida adulta, a criança pode simular momentos, profissões e situações que observa no cotidiano, proporcionar que alunos surdos e ouvintes brinquem juntos certamente estimulará o respeito, a empatia e a construção da cidadania dos envolvidos, a criança ouvinte conseguirá perceber que para brincar com a criança surda precisará utilizar movimentos e sinais sendo este um bom momento para que o professor fale da importância do uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras), explique que enquanto as crianças ouvintes utilizam a Língua Portuguesa enquanto primeira língua, para as crianças surdas a Libras é que deve ser utilizada, conseguinte, é pertinente que o docente introduza alguns sinais necessários para a comunicação entre eles durante a brincadeira e crie um ponto de partida para o bilinguismo dentro do contexto escolar.

OBJETIVO

- Utilizar o lúdico como ferramenta de promoção da inclusão nas escolas regulares através das brincadeiras entre alunos surdos e ouvintes sobretudo.

METODOLOGIA

A metodologia aplicada foi a bibliográfica e qualitativa. A pesquisa foi realizada na escola Reginaldo Domingues no município de Maricá onde durante uma semana foi oferecido momentos entre crianças surdas e ouvintes tendo como mediador uma professora surda que direcionou as brincadeiras e as piadas utilizadas pela comunidade surda para todos os alunos. Zabala (1996, p.130) afirma que o papel do adulto é o de atuar como guia durante o processo: não dá soluções, mas atua como intermediário entre os conhecimentos da criança, os



fatos da realidade e as interpretações da cultura, e essa foi a postura que adotamos na pesquisa. Inicialmente foi enviado o planejamento das atividades e seus objetivos e relevâncias, após a aprovação pela equipe pedagógica, todas as turmas da escola, que são do Ensino Fundamental Anos Iniciais, puderam compartilhar momentos entre alunos surdos e ouvintes, estes passarão a conhecer diferentes sinais e poderão aplicar no seu cotidiano.

RESULTADOS

Os resultados observados foram uma maior integração entre crianças surdas e ouvintes e o uso de alguns sinais de Libras pelas crianças ouvintes durante a execução da brincadeira e consequentemente estreitamento de laços afetivos e interação entre os envolvidos o que é primordial para que a escola regular consiga inserir o bilinguismo na perspectiva da Libras e Língua Portuguesa. O nível de dificuldade das brincadeiras foram direcionadas conforme a idade dos alunos o que trouxe maior interesse por parte desses. O resultado favoreceu a ideia da implementação de uma escola bilíngue na perspectiva da Libras e da Língua Portuguesa no município de Maricá que vem fazendo a implementação de várias escolas bilíngues mas nenhuma ainda nessa perspectiva. Os resultados demonstraram que as crianças ouvintes passaram a ter maior interesse pelo uso de Libras depois das brincadeiras e isso reforça a necessidade de romper com uma pedagogia eurocêntrica que sobrepõem idiomas estrangeiros ao nosso.

CONCLUSÃO

É possível concluir que o lúdico pode ser uma estratégia eficaz para a promoção de um ambiente inclusivo e usadas para compreensão da cultura surda e das suas peculiaridades desde a primeira infância. O brincar seja livre, heurístico ou direcionado entre crianças surdas e ouvintes é um direito inerente à infância e favorece conceitos como tolerância, empatia e convivência, é um momento que deve ser aplicado no contexto escolar com regularidade, ultrapassando os paradigmas do currículo formal e rompendo as relações de



poder deste. Conforme Diretrizes Curriculares Nacionais Brasileiras (2013, p.93) os professores necessitam articular a interação nas atividades para que as crianças possam expressar sua imaginação na oralidade e/ou língua de sinais. Pensar em construir um sistema regular bilíngue em Libras e em Língua Portuguesa significa pensar em construir uma sociedade inclusiva e isso precisa partir de ações presentes no cotidiano e no contexto escolar, em atividades que não demandem esforços inatingíveis mas que permitam que os participantes consigam perceber que através de pequenos esforços é possível que alunos surdos e ouvintes construam conhecimento e aprendizagem mutuamente e que a comunicação não acontece somente de uma única forma mas de múltiplas maneiras.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Brasília: MEC, 2013.

MOYLES, J. R. A excelência do brincar: a importância da brincadeira na transição entre educação infantil e anos iniciais. Porto Alegre. Artmed. 2006.

ZABALA, M. A. Qualidade em Educação Infantil. Porto Alegre. Artmed. 1998.



Para Além das Rampas: Audiovisual sobre Acessibilidade Arquitetônica do Campus Gragoatá- UFF

Thaliane Alves Cunha, Mestre - thalianeac@id.uff.br
Osilene Maria de Sá e Silva da Cruz, Doutora - osilenecruz@id.uff.br

RESUMO

Apesar dos avanços normativos, como a Lei nº 13.146/2015 (LBI) (Brasil, 2015) e a NBR 9050/2020 (ABNT NBR, 2020), o direito de ir, vir e permanecer não é uma realidade plena. O presente trabalho, derivado da dissertação “Para Além das Rampas: Audiovisual sobre Acessibilidade Arquitetônica do Campus Gragoatá-UFF”, apresenta algumas condições de acessibilidade arquitetônica no referido campus. O objetivo geral da pesquisa é produzir o audiovisual “Para Além das Rampas: caminhos e ensaios pelo Gragoatá”, a partir da análise das condições de acessibilidade no campus sob a perspectiva autoetnográfica. A metodologia qualitativa e autoetnográfica compreendeu as etapas: levantamento teórico-documental, análise das políticas institucionais da UFF, avaliação *in loco* conforme a NBR 9050/2020 e produção do audiovisual. Os resultados revelaram contradições entre o discurso de inclusão e a realidade física, assim como avanços (normas internas, elevadores com Braille, atuação da SAI) e barreiras significativas (banheiros trancados, sinalização incompleta, má conservação de rotas). Conclui-se que a acessibilidade exige planejamento sistêmico e compromisso institucional contínuo. O audiovisual atua como ferramenta de diagnóstico e sensibilização, essencial para uma educação superior digna e inclusiva.

Palavras-chave: Acessibilidade Arquitetônica; Audiovisual sobre acessibilidade; Inclusão no Ensino Superior; Pessoas com Deficiência.

INTRODUÇÃO

Este resumo expandido deriva da dissertação de mestrado intitulada “Para além das rampas: audiovisual sobre acessibilidade arquitetônica do campus Gragoatá- UFF” (Cunha, 2025), focada na acessibilidade arquitetônica em áreas do Campus Gragoatá da Universidade Federal Fluminense (UFF), incluindo os Blocos A e M, o Restaurante Universitário e seus trechos de circulação.



A pesquisa evidencia que a acessibilidade ainda se configura como um desafio, ultrapassando barreiras físicas e revelando desigualdades estruturais e institucionais. O referencial teórico e jurídico destacou a Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988), a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) (Brasil, 2015) e a NBR 9050/2020 (ABNT NBR, 2020) como marcos, embora a efetivação plena do direito de ir, vir e permanecer permaneça limitada para pessoas com deficiência. O tema nasceu da vivência da autora, mulher com deficiência física e usuária de cadeira de rodas, no Campus Gragoatá, transformando a experiência pessoal em instrumento de análise e assumindo a acessibilidade não como mera adaptação, mas como um princípio ético e político para uma universidade inclusiva (Cunha, 2025). A problemática central que guiou o trabalho foi: "O que a vivência de uma pessoa com deficiência pode revelar sobre a acessibilidade arquitetônica na UFF?". A partir da pergunta de pesquisa, são propostos os objetivos na próxima seção.

OBJETIVO

O objetivo geral do estudo foi produzir um audiovisual, a partir da perspectiva autoetnográfica da própria pesquisadora, uma mulher usuária de cadeira de rodas, sobre a acessibilidade arquitetônica no campus do Gragoatá (UFF).

MÉTODO

A pesquisa é de natureza qualitativa (Gil, 2002) e estruturada sob uma abordagem autoetnográfica (Santos, 2017), assumindo a autora simultaneamente como sujeito e objeto da investigação. O estudo metodológico foi desenvolvido em quatro etapas principais: Levantamento Bibliográfico e Documental, voltado à compreensão dos movimentos de luta, legislação e normas técnicas, a exemplo da NBR 9050/2020 (ABNT NBR, 2020); Análise das Políticas Institucionais da Universidade Federal Fluminense (UFF), com foco na acessibilidade e inclusão; e Avaliação *in loco* da infraestrutura de circulação da



pesquisadora no campus do Gragoatá (Restaurante Universitário, Blocos A e M), tomando como referência a NBR 9050/2020 (ABNT NBR, 2020).

Esse levantamento gerou um corpo de dados empíricos composto por 806 registros (fotos e vídeos) feitos pela autora, que culminou no *Relatório da observação in loco*. Por fim, desenvolveu-se a produção do audiovisual intitulado “Para além das rampas: caminhos e ensaios pelo Gragoatá” (Cunha, 2025), concebido como síntese da investigação, traduzindo as vivências e o diagnóstico da acessibilidade.

RESULTADOS

Os resultados, revelaram contradições entre o discurso institucional de inclusão e a realidade física do campus. A visita identificou importantes avanços e persistentes barreiras, cujo detalhamento deram origem ao relatório de observação in loco do campus Gragoatá, presente na dissertação. No campo dos avanços, além das normativas internas da instituição, foram observados aspectos positivos como a presença de elevadores com sinalização em braile, rotas acessíveis que ligam as edificações, rampas e a atuação crucial da Secretaria de Acessibilidade e Inclusão (SAI), que oferece suporte especializado e tecnologias assistivas aos discentes com deficiência.

Contudo, persistem falhas significativas que comprometem a autonomia e o reconhecimento dos usuários: a prática de manter banheiros acessíveis trancados (tanto no Bloco A quanto no Bloco M) exige a solicitação de chave e contraria os princípios de autonomia; a sinalização tátil é incompleta e as rotas acessíveis se encontram em má conservação em alguns trechos, obstruídas ou danificadas.

O audiovisual produzido e disponibilizado no Youtube, com duração de 15 minutos e 36 segundos, transformou esses achados em uma narrativa sensível e crítica, convidando o espectador a vivenciar os desafios cotidianos enfrentados por pessoas com deficiência no ambiente universitário. O audiovisual encontra-se disponível no link: https://youtu.be/xGmW_VFvT1E.



CONCLUSÃO

Conclui-se que a acessibilidade na universidade vai além das rampas, não se limita à instalação de estruturas físicas como elevadores ou adaptações pontuais. Ela exige planejamento sistêmico, manutenção contínua e um compromisso institucional permanente com a inclusão. Na UFF, apesar de avanços já alcançados, ainda é necessário consolidar políticas e práticas que integrem a acessibilidade à cultura universitária, de modo que o direito de ir, vir e permanecer seja plenamente garantido.

Ao transformar a experiência pessoal em narrativa coletiva, o audiovisual autoetnográfico produzido nesta pesquisa assume papel central como ferramenta de diagnóstico e sensibilização, ampliando o debate sobre as barreiras e possibilidades de inclusão no Ensino Superior. Em síntese, reafirma-se que a acessibilidade arquitetônica é condição indispensável para uma educação verdadeiramente inclusiva, autônoma e digna, capaz de refletir o compromisso ético e social de uma universidade pública.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro**, p. 16. 2020. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/391/2020/08/ABNT-NBR-9050-.pdf>
Acesso em: 01 abr. 2024

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Presidência da República, Casa Civil: Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 24 abr. 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015.** Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, 2015.



Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 28 abr. 2024.

CUNHA, T.A. **Para além das rampas: audiovisual sobre acessibilidade arquitetônica do campus Gragoatá- UFF**. 2025. Dissertação do Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão- Universidade Federal Fluminense. Niterói, Rio de Janeiro, 2025.

CUNHA, T.A. **Para além das rampas: caminhos e ensaios pelo Gragoatá**. Youtube, 6 de setembro de 2025. 15min36s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xGmW_VFvT1E. Acesso em: 17 de out de 2025.

GIL, A.C. **Como Elaborar projetos de pesquisa**. 4ª Edição. São Paulo: Atlas S.A. 2002. ISBN 85-224-3169-8.

SANTOS, S.M.A. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural**, São Paulo, Brasil, v. 24, n. 1, p. 214–241, 2017. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs.2017.113972> Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/113972> Acesso em: 6 fev. 2025.



PROJETO MOVIMENTA 60+, PROJETO PILOTO SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DA FISIOTERAPIA NA UNIDADE DE REINserÇÃO SOCIAL MARIA VIEIRA BAZANI

Marcele Barros de Oliveira, Doutoranda e-mail: marcelebarros@id.uff.br

Fagner Henrique G. Neves, Doutor e-mail: fagnerneves@id.uff.br

Paulo Pires de Queiroz, Doutor e-mail: ppqueiroz@yahoo.com.br

RESUMO

Os idosos compõem o segmento populacional que mais cresce no Brasil e no mundo. Tal crescimento acarreta desafios importantes para a sociedade, cujo enfrentamento depende, em grande parte, do conhecimento das características dos múltiplos aspectos do envelhecimento, da velhice e da longevidade. O conhecimento construído a partir de dados de pesquisa orienta as práticas direcionadas à população idosa, aos familiares e à sociedade. **Objetivo:** Desenvolver o Projeto Piloto de implementação dos serviços de fisioterapia na Unidade de Reinserção Social (URS) Maria Vieira Bazani, com o foco no idoso com grau de dependência II, favorecendo este idoso a ir para grau I e postergando ou impedindo que ele avance para grau de dependência III. **Método:** Trata-se de uma pesquisa de campo descritiva e exploratória com abordagem qualitativa. A metodologia das intervenções fisioterapêuticas foi pautada em um processo contínuo, com uma frequência semanal, por meio de técnicas manuais, físicas e respiratórias. **Resultados:** Qualidade nos atendimentos aos idosos e melhora na socialização desses usuários; esses resultados contribuíram para a melhoria contínua dos usuários, garantindo-se, assim, promoção da cidadania e a efetiva proteção dos direitos dos usuários atendidos.

Palavras-chave: Idosos, Fisioterapia, Reinserção, Social

INTRODUÇÃO

Os idosos compõem o segmento populacional que mais cresce no Brasil e no mundo. Tal crescimento acarreta desafios importantes para a sociedade, cujo enfrentamento depende, em grande parte, do conhecimento das características dos múltiplos aspectos do envelhecimento, da velhice e da longevidade.

O conhecimento construído a partir de dados de pesquisa orienta as práticas direcionadas à população idosa, aos familiares e à sociedade. O distanciamento entre as evidências produzidas e as abordagens direcionadas a esses grupos constituem um erro que resulta em intensificação dos problemas relativos ao envelhecimento populacional e mau uso dos recursos sociais.



A partir da década de 1980, o objeto de trabalho do fisioterapeuta foi redefinido, sendo incluído em sua atuação a promoção e prevenção da saúde da população (Rebellato; Botomé, 1999).

A determinação promove a atuação do fisioterapeuta em todos os níveis de atenção à saúde, permitindo a inserção nas redes assistenciais de saúde e colaborando com ações que atendam à demanda de uma determinada população (Souza; Ribeiro, 2011).

Envelhecer é um processo natural e com ele vêm desafios específicos que podem impactar significativamente a qualidade de vida. A fisioterapia é essencial para melhorar a mobilidade. Técnicas específicas podem aumentar a amplitude de movimento; fortalecer os músculos, prevenindo lesões e melhorando a estabilidade; manter a Independência; ensinar idosos a realizar atividades diárias com segurança e prevenir quedas, um dos maiores riscos nesta faixa etária. Além desses aspectos físicos, a fisioterapia para idosos também tem um impacto positivo no aspecto emocional, oferecendo uma sensação de autonomia e controle sobre a própria saúde.

Sob a ótica da qualidade de vida, a fisioterapia é uma das profissões da saúde mais importantes. Como citado, é capaz de prevenir, tratar e reabilitar uma grande variedade de doenças e lesões que afetam o movimento e as funções do corpo humano. Ela é indicada para todos que desejam prevenir e atenuar as mudanças de mobilidade, força e equilíbrio mencionadas acima.

Manter-se ativo fisicamente é a chave para manter uma boa qualidade de vida. Nesse sentido, a fisioterapia para idosos é uma excelente opção. Os principais benefícios da fisioterapia para idosos e como ela pode melhorar a qualidade de vida são:

1. Manutenção da mobilidade e flexibilidade: com o tempo, a flexibilidade das articulações diminui e a rigidez muscular aumenta. A fisioterapia na terceira idade ajuda a manter a amplitude de movimento e a flexibilidade dos músculos, facilitando a realização das atividades diárias.
2. Prevenção de quedas: a fisioterapia é crucial na prevenção de quedas em idosos. Por meio de exercícios específicos, o fisioterapeuta fortalece os músculos e melhora o equilíbrio do idoso, reduzindo o risco



de quedas, que são uma das principais causas de lesões graves nessa faixa etária.

3. Alívio de dores crônicas: muitos idosos sofrem de dores crônicas, como as causadas, por ex: pela artrite, osteoporose e a fibromialgia. A fisioterapia oferece alívio por meio de técnicas como terapia manual, alongamentos e exercícios terapêuticos funcionais, melhorando a qualidade de vida no dia a dia.

4. Recuperação de cirurgias e lesões: a indicação clássica da fisioterapia é após cirurgias, como colocação de próteses de quadril ou joelho, ou lesões, é a chamada fisioterapia para reabilitação, que é essencial para restaurar a força, mobilidade e função, garantindo uma recuperação segura e eficiente.

5. Promoção da autonomia e independência, a fisioterapia ajuda os idosos a manterem sua independência na terceira idade, permitindo que continuem a realizar tarefas diárias com segurança e confiança. Isso impacta diretamente na autoestima e qualidade de vida.

OBJETIVO

O objetivo é desenvolver o Projeto Piloto de implementação dos serviços de fisioterapia na URS Maria Vieira Bazani, com o foco no idoso com Grau de dependência II, favorecendo este idoso a ir para grau I e postergando ou impedindo que ele avance para grau de dependência III.

METODOLOGIA

O método trata de uma pesquisa de campo descritiva e exploratória com abordagem qualitativa. As metodologias das intervenções fisioterapêuticas foram pautadas em um processo contínuo, com uma frequência semanal por meio de técnicas manuais, físicas e respiratórias.

O enfoque foi na construção de uma sala de fisioterapia. A seguir, detalhamos as etapas metodológicas que guiaram os atendimentos:



1. Diagnóstico: o fisioterapeuta iniciou com uma fase de diagnóstico, na qual foi realizado o primeiro atendimento individualizado, com avaliação física e anamnese e consulta ao prontuário do idoso. Nessa fase, também foi realizada a identificação das principais ações que foram desenvolvidas para elaboração do plano de tratamento, mediante a sua avaliação.
2. Prescrever, analisar, aplicar métodos, técnicas e recursos para restaurar as funções articular, óssea, muscular, tendinosa, sensoriais e motoras dos usuários;
3. Acompanhamento e Avaliação Contínua: houve um processo contínuo de acompanhamento e avaliação dos pacientes.
4. Atendimento coletivo: Todos os usuários participaram das atividades coletivas na área de convivência da unidade.

RESULTADOS

Os resultados foram: melhora da saúde dos idosos, melhora na qualidade dos atendimentos aos idosos, melhora da qualidade de vida dos usuários, por meio de prevenção e intervenções fisioterapêuticas propostas acima.

No que tange à socialização, os idosos apresentaram melhora no desenvolvimento motor, melhora do equilíbrio e melhoria da cognição, por meio de atividades coletivas. Esses resultados contribuíram para a melhoria contínua dos usuários, garantindo-se, assim, promoção da cidadania e a efetiva proteção dos direitos dos usuários atendidos

CONCLUSÃO

O Projeto foi implementado comprovando a eficácia da fisioterapia na melhora da saúde física, os idosos com avaliação grau II conseguiram evoluir para grau I e na melhora da socialização dos idosos residentes da Unidade de Reinserção Social citada.



REFERÊNCIAS

REBELATTO, José Rúbens; BOTOMÉ, Sílvia Paulo. **Fisioterapia no Brasil:** fundamentos para uma ação preventiva e perspectivas profissionais. 2. ed. São Paulo: Manole; 1999.

SOUZA, Ana Ruth Barbosa de; RIBEIRO, Kátia Suely Queiroz Silva. A rede Assistencial de fisioterapia no município de João Pessoa: uma análise a partir das demandas da atenção básica. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, São Caetano do Sul, v. 15, n. 3, p. 357-368, 2011.



QUADRINHOS COM CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA COMO FOCO PRINCIPAL: O DIA-A-DIA DOS PERSONAGENS MESMO FORA DAS PÁGINAS

Adezilton Cordeiro de Lima. Mestre em Diversidade e Inclusão, adeziltoncl@id.uff.br

Janie Garcia da Silva. Doutora. Docente, Mestrado em Diversidade e Inclusão,
janiegarcia@id.uff.br

Ruth Maria Mariani Braz. Doutora. Docente, Mestrado em Diversidade e Inclusão,
ruthmariani@id.uff.br

RESUMO

A humanização na relação com pessoas com deficiência no ambiente comunitário passa pelo processo de naturalização. Quanto mais comum o modo como a sociedade as enxerga, menor será a incompatibilidade de planejamento estrutural que as reneguem em projetos como um todo. Fruto do Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão, a produção de histórias em quadrinhos protagonizadas por crianças com deficiências, teve por objetivo contribuir com sua visibilidade. Em bases bibliográficas, foram levantados artigos e estudos especializados para aplicá-los no processo criativo e analisar contextualmente deficiências. Procurou-se especificar pontos que contribuíssem com atributos de concepções criativas, desde a visual até propostas narrativas, para dar características próprias aos personagens, possibilitar a elaboração de personalidades e histórias baseadas em argumentos pertinentes. Como resultado, foram criados 6 personagens, entre 8 a 10 anos, com diferentes tipos de deficiências. As histórias foram contadas em uma escola pública de Niterói a fim de promover a socialização de pessoas com deficiência, especialmente em ambiente escolar. Após contação de histórias em sala, aplicou-se um questionário para alunos entre 9 e 11 anos, para avaliar o grau de aceitação junto ao público-alvo e validar a pesquisa. Os dados obtidos demonstraram que a arte contribui com causas sociais educativas relevantes.

Palavras-chave: Quadrinhos; deficiências; inclusão, diversidade.

INTRODUÇÃO

Toda história começa com uma narrativa, um contexto, que pode ser simplório, um argumento que sirva como propósito às ações transmitidas por intermédio da linguagem, seja ela verbal ou não verbal. A partir da invenção da prensa, por volta de 1430 (Gombrich, 2000), a união entre texto e imagem permitiu a elaboração de ideias que se complementam sob os aspectos de leitura e contemplação do olhar. Os simbolismos interpretativos de uma imagem puderam sair da esfera especulativa. Com a evolução dos mecanismos e meios de comunicação gráfica, jornais, livros e revistas se tornaram cada vez mais comuns.



Assim, a importância da divulgação consiste na disseminação do conhecimento sobre ciência para a população, possibilitando a apreensão de saberes presentes no cotidiano (Costa, 2014). Complementando o âmbito estrutural adequado citado, Vergueiro (2017) nota que, nas HQs:

O leitor é conduzido de um modo que outras linguagens não conseguem emular, engajando-o em um nível de construção participativa de sentido de uma maneira extremamente “peculiar” (Vergueiro, 2017, p. 43).

Nesse contexto, o acesso à informação pode, por exemplo, contribuir para dar visibilidade a pessoas com deficiência, para que elas tenham maior acesso na sociedade e dela possam participar de modo mais igualitário. Especialmente no contexto educacional, as HQs sempre permitiram abordar por sua essência de vanguarda, a crítica social. Assim, a presente pesquisa teve por objetivo produzir histórias em quadrinhos protagonizadas por crianças com deficiência, como uma proposta inclusiva no ensino fundamental.

METODOLOGIA

A pesquisa é de cunho qualitativo e exploratório. A produção de história e quadrinhos se baseou em personagens com deficiências, cujas informações foram extraídas de autores como Oliveira, Pessoa, Vergueiro e Ramos e tipos de deficiências foram escolhidos por serem predominantes no Brasil conforme dados do IBGE (2012).

Como público alvo foram escolhidos alunos entre 9 e 11 anos da quarta série do Ensino Fundamental da Escola Municipal Alberto Francisco Torres, de Niterói, cujo lema é o “compromisso com a democracia, a diversidade e a inclusão”, conforme seu perfil no Instagram (<https://www.instagram.com/emaftniteroi/>). Para validar a hipótese da pesquisa, as HQs com personagens com deficiência foram disponibilizadas para leitura individual, após uma contação de histórias em sala estabelecendo uma maior proximidade com o produto e suas narrativas. O grau de aceitação das HQs, foi avaliado através de questionários aos alunos e professores.



RESULTADOS

Em 2024, em continuidade ao conceito iniciado na Fiocruz, as pesquisas no Mestrado (CMPDI-UFF), resultaram na produção de uma série de HQs intitulada 'Classe Extraordinária', protagonizada por personagens com idade entre 8 a 10 anos com deficiência. Os personagens Cauê (amputado), Jana (deficiente visual), Kenzo (cadeirante), Léo (paraplégico), Naty (síndrome de Down) e Tina (deficiente auditiva), representam crianças existentes na sociedade.

Em 25 de setembro/2025, As HQs foram expostas no evento em homenagem ao Dia Nacional da Luta da Pessoa com Deficiência, organizado pelo Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro. Um público bem diverso tanto em condições atípicas quanto em classe social, teve acesso a elas. A maioria foi de adultos, devido à porcentagem de presença desse grupo no evento. A experiência com eles, mesmo não sendo o público alvo, foi satisfatória por sua opinião. Foi possível destacar o olhar das mães atípicas, em especial das que tem um filho dentro do diagnóstico do autismo. Elas observaram que entre os personagens, não existia um com autismo. E, de forma veemente, solicitaram a criação de um novo integrante nessas condições, demonstrando uma aceitação da forma de representação do tema nos moldes apresentados por intermédio das HQs.

A participação no Musal Airshow (04/10/25) também trouxe retorno positivo, com um público misto de faixa etária, uma vez que vários adultos passaram pelo espaço do Instituto Oceano Azul, onde as histórias estavam sendo apresentadas. O interesse pelas revistas passou pelos olhares de crianças e adultos também no evento Operação Diversão 2025 (19/10/2025), organizado pela Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ) no Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças (CEFAP). As crianças se inspiraram em personagens da história para fazer peças em biscoito na oficina de modelagem que Adelson Cordeiro de Lima operava em conjunto com a temática.



CONCLUSÃO

Em um panorama continuado, os leitores têm demonstrado bastante interesse pelas histórias e narrativas dos personagens criados no intuito de normalizar a presença de crianças com deficiência na sociedade. Fora do espaço acadêmico e educacional, como as escolas, tem ocorrido uma atração por parte do público. A presença das HQs em ações sociais dentro de eventos culturais tem despertado interesse do público geral, sendo elas crianças ou mesmo adultos, em especial as mães atípicas. Assim, podemos considerar este retorno muito bom.

O formato de revista impressa é um fato a ser considerado positivo, que possibilita uma dinâmica prática na participação em eventos e ações facilitando o processo de manutenção e logística.

A solicitação do público para criar um novo personagem, com autismo, intensifica o envolvimento com esse tipo de linguagem, que demonstra ser flexível ao se ajustar de forma viável com possíveis novas criações e enredos, conseguindo agregar ao que já foi estabelecido. A intenção é ampliar a proposta com outras mídias e formatos, como jogos, brinquedos e livros. Para viabilizar uma distribuição em escolas e eventos, dando acesso do conteúdo a alunos e transeuntes que quiserem um exemplar, é preciso contar com a possibilidade de mais tiragens das HQs. Isso requer apoio e parcerias que propiciem ampliar a proposta resultando em benefícios instrutivos educacionais e sobre saúde para a sociedade.

REFERÊNCIAS

COSTA, V. A importância da divulgação científica. **Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência**, 29 jan. 2014. Disponível em: <http://portal.sbpcnet.org.br/noticias/tunel-da-cienciaquebraa-importancia-da-divulgacao-cientifica/> Acesso em: 14 dez. 2021.

GOMBRICH, E.H. **A História da Arte**. 16. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE. Censo



Demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

OLIVEIRA, H. Principais formatos de HQs. **Hugo Criativo**. Disponível em: <http://hugocriativo.com/2018/04/principais-formatos-de-hqs.html#.YS61P7BKjIV>
Acesso em: 31 ago. 2021.

PESSOA, A.R. **A linguagem das histórias em quadrinhos**: definições, elementos e gêneros. João Pessoa: Editora da UFPB, 2016.

VERGUEIRO, W. **Panorama das Histórias em Quadrinhos no Brasil**. São Paulo: Petrópolis, 2017.



UM LIVRO SOBRE TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM: ABORDAGEM CLÍNICA E EDUCACIONAL SOBRE TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO PARA ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Fabiana Martins Ribeiro, Mestre em Diversidade e Inclusão, fabianamartins@id.uff.br
Janie Garcia da Silva, Doutora. Docente, Mestrado em Diversidade e Inclusão, janiegarcia@id.uff.br

RESUMO

A escola, sob a perspectiva inclusiva, enfrenta desafios na busca por estratégias eficazes que atendam às demandas de alunos com Transtornos Específicos de Aprendizagem. Frequentemente, os professores carecem de recursos pedagógicos e conhecimento aprofundado para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem. Esta pesquisa qualitativa e exploratória teve como objetivo produzir um livro sobre a abordagem clínica e educacional dos Transtornos Específicos de Aprendizagem com o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) voltadas a alunos do Ensino Fundamental. Para compreender o perfil dos participantes, foram utilizadas bases de dados e análise in loco, consultando diagnósticos validados por profissionais da saúde em uma escola de Niterói (RJ). Dezoito alunos foram avaliados por meio do Teste de Desempenho Escolar (TDE-II) e participaram, por três meses, de uma intervenção pedagógica com atividades mediadas por TICs. A seguir, eles foram reavaliados quanto ao desempenho. Paralelamente, aplicou-se um questionário a dezesseis professores, investigando dificuldades e superações. Os resultados evidenciaram evolução dos alunos e crescimento pedagógico dos educadores. Espera-se fomentar estudos que legitimem a atuação do fonoaudiólogo educacional tão fundamental para promover a prevenção e intervenção de práticas inclusivas e aprimorar o processo de ensino e aprendizagem com suporte das TICs.

Palavras-chave: Adequações pedagógicas; Tecnologia de Informação e Comunicação; Inclusão.

INTRODUÇÃO

Transtornos Específicos de Aprendizagem (TEAs) são condições do desenvolvimento com causas neurobiológicas que afetam, de forma persistente, habilidades fundamentais, como leitura, escrita e matemática (AID, 2017). Já as dificuldades de aprendizagem são causadas por fatores externos, como metodologias de ensino inadequadas ou questões emocionais. Os TEAs, têm origem em fatores internos e impactam diretamente o processo cognitivo do



indivíduo (APA, 2014) e o desenvolvimento acadêmico. É necessário sensibilizar e capacitar educadores para criar ambientes inclusivos e promover o sucesso de todos os estudantes.

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) são um conjunto de tecnologias que facilitam a criação, o acesso, a divulgação de informações e a comunicação entre pessoas, independentemente das distâncias geográficas (Rodrigues *et al.*, 2014). Com o surgimento e a difusão da internet, as TICs passaram a ter um papel central na sociedade moderna, proporcionando o acesso à informação e promovendo a comunicação em tempo real. A evolução das TICs tem transformado os sistemas educacionais, tanto presenciais quanto virtuais, proporcionando novos meios de transmitir conhecimento e formar alunos em diferentes espaços, seja na escola, em casa ou no ambiente de trabalho.

A Constituição Federal (Brasil, 1988) e a Lei Brasileira de Inclusão, Lei nº 13.146/15 (Brasil, 2015), reforçam o compromisso do sistema educacional brasileiro de garantir uma Educação Inclusiva para todos, independentemente de suas necessidades ou condições diagnósticas. A Resolução n. 2/2001 do Conselho Nacional de Educação (Brasil, 2001) assegura a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais em classes comuns.

Esta pesquisa, desenvolvida no Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão da UFF, teve por objetivo a produção de um livro para auxiliar a inclusão dos alunos com transtornos específicos de aprendizagem com o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs).

METODOLOGIA

A pesquisa teve uma abordagem qualitativa e exploratória. Como público-alvo, foram investigados 18 discentes do ano de 2024 com transtornos específicos de aprendizagem entre 7 e 14 anos, do Ensino Fundamental e seus docentes, do Colégio Nossa Senhora da Assunção em Niterói/RJ, uma instituição particular de ensino inclusiva, que atende da Educação Infantil ao Ensino Médio. Para compreender o perfil desses alunos, foram consultados os diagnósticos validados por profissionais da saúde e relatórios disponíveis na escola.



Foi realizado um (1) encontro de 50 minutos com cada discente e a pesquisadora da área da Fonoaudiologia, para aplicação de protocolos cientificamente comprovados a serem definidos conforme as necessidades específicas do público, seguindo padrões do Conselho Federal de Fonoaudiologia, como TDE - II (Stein, 2019). O TDE II foi elaborado usando-se critérios modernos de desenvolvimento de instrumentos de avaliação, ampliando sua abrangência a todos os nove anos do Ensino Fundamental. A partir desse mapeamento, estratégias promotoras de leitura, de escrita, de raciocínio quantitativo e de cálculos puderam ser mais efetivamente selecionadas e aplicadas no contexto clínico e no educacional, para tornar o desenvolvimento mais bem-sucedido e diminuir o impacto no cotidiano de dificuldades ou de transtornos específicos de aprendizagem. O objetivo do uso do TDE II foi avaliar habilidades básicas de leitura, escrita e aritmética, como uma triagem universal do processo de aprendizagem desses três domínios do desempenho escolar, instrumento de avaliação ou como parte de uma bateria de instrumentos com fins diagnósticos e clínicos de planejamento e intervenções clínico-educacionais.

Por três (3) meses, cada discente foi submetido a três (3) intervenções individuais com atividades adaptativas através da Tecnologia de Informação e Comunicação. A seguir, o desempenho foi avaliado através da observação e de uma (1) reavaliação fonoaudiológica de 50 minutos aproximadamente. Foram realizadas: uma (01) avaliação prévia, três (03) intervenções pedagógicas por aluno e uma (01) de reavaliação após intervenção. A carga horária total das atividades foi de 90 períodos de 50 minutos durante três (03) meses. A participação dos docentes foi voluntária, nos mesmos horários de suas aulas. Para investigar as dificuldades e superações alcançadas após as intervenções pedagógicas, foi solicitado aos docentes o preenchimento de um questionário elaborado no *Google Forms*.

RESULTADOS

A pesquisa comprovou que foi possível melhorar o desempenho dos discentes com transtornos de aprendizagem com intervenções fonoaudiológicas e pedagógicas. Os docentes puderam acompanhar e conhecer todo o trabalho.



Foi produzido um livro impresso, lançado na Reitoria da UFF (04/07/2025). Como desdobramento da pesquisa, ele participou em mostras no Museu Aeroespacial - Musal Airshow, no Rio de Janeiro, em espaço cedido pelo Instituto Oceano Azul (19/07/2025), no Dia Nacional de Luta da pessoa com deficiência organizado pelo Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (25/09/2025), na Festa Literária Internacional realizada pela Prefeitura de Niterói no Reserva Cultural (18/10/2025) e no Café com Integração durante a inauguração do Espaço Multidisciplinar INTEGRA Neuro em Niterói (25/10/2025).

CONCLUSÃO

Os objetivos da pesquisa foram alcançados junto ao público-alvo, sendo constatado que a integração das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) potencializou as adequações pedagógicas, ampliando possibilidades de personalização e suporte ao ensino.

O papel do educador na escola é crucial. Ele deve estar apto a atuar e assumir a responsabilidade de identificar e superar barreiras atitudinais e práticas discriminatórias às necessidades individuais dos alunos. Tal abordagem permite apoiar cada estudante nas suas especificidades, promover aquisição de conhecimento, motivação e engajamento.

Para uma compreensão das necessidades de cada indivíduo é fundamental que ocorram avaliações educacionais interdisciplinares com profissionais da saúde, psicólogos, fonoaudiólogos e educadores. Com essa análise colaborativa, é possível identificar limitações, planejar intervenções que façam a diferença no desempenho do aluno. O livro produzido já alcança a comunidade acadêmica e externa.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE DISLEXIA – AID. **Dislexia na sala de aula: o que todo professor precisa saber**. Baltimore: Associação Internacional



de Dislexia, 2017. Disponível em: https://lance.paginas.ufsc.br/files/2020/03/LANCE-Tradu%C3%A7%C3%A3o-IDA-_Dislexia-na-Sala-de-Aula.pdf Acesso: 12 out. de. 2024.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm . Acesso: 20 out. de 2024.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução n. 2**, de 11 de setembro de 2001, institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília: CNE/CEB, 2001.

BRASIL. **Lei n. 13.146**, de 6 de jul. de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm . Acesso em: 24 out. 2024.

RODRIGUES, R. B. *et al.* A cloud-based recommendation model. *In: EURO AMERICAN CONFERENCE ON TELEMATICS AND INFORMATION SYSTEMS*, 7., 2014. Proceedings... 2014.

STEIN, L. M.; GIACOMONI, C. H.; FONSECA, R. P. **Teste de Desempenho Escolar - II** (TDE - II), 2017.



VISUALIDADE E MATERIAL BILÍNGUE PARA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE ALUNOS SURDOS: PROTAGONISMO DO PROFESSOR SURDO

Augusto Machado dos Santos, Mestre em Diversidade e Inclusão (UFF/CMPDI),
augumachadodeaf@gmail.com

Osilene Maria de Sá e Silva da Cruz, Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem
(LAEL/PUC-SP), osilenecruz@id.uff.br

RESUMO

Este trabalho aborda a importância do protagonismo do professor surdo na criação de materiais didáticos e bilíngues para o processo de alfabetização e letramento de alunos surdos. A pesquisa teve como objetivo desenvolver uma maquete de uma casa, integrando Libras e Língua Portuguesa, com os vídeos acessíveis por QR code. Como metodologia, foi realizada pesquisa bibliográfica e qualitativa. Como resultado, além de estudos teóricos voltados para a temática da educação (alfabetização e letramento) de alunos surdos, foram construídos dois produtos: i. uma maquete de uma casa com todas as informações em português e em Libras (QRCode) - LAR BILÍNGUE DE SURDOS - e ii. um livro com informações sobre a construção da casa e seus componentes, pois todos os materiais utilizados são reciclados. Conclui-se que o material didático pode favorecer a aprendizagem visual e promover o contato com o português como segunda língua (L2), respeitando as especificidades linguísticas e culturais dos discentes surdos. Os resultados evidenciam que materiais didáticos autênticos e visuais fortalecem o processo de ensino-aprendizagem e contribuem para o desenvolvimento linguístico e cultural dos alunos surdos.

Palavras-chave: Educação bilíngue, Alfabetização e letramento de surdos, Materiais didáticos, Libras e Português escrito.

INTRODUÇÃO

O professor surdo tem grande responsabilidade de ensinar surdos na escola, utilizando recursos visuais e a língua de sinais, de modo que o aluno aprenda mais rápido, incluindo, em sua prática, conteúdos sobre a cultura surda e a Língua Portuguesa como L2. É importante pensar na relação de afinidade linguística e cultural entre docente e discente surdos. Por ser um par linguístico do aluno (Machado, 2018), normalmente, tem estratégias visuais e didáticas, tornando possível, muitas vezes, a interação e a predisposição dos alunos de estarem na escola, na sala de aula, aprendendo e desenvolvendo seu potencial.



Os alunos surdos, ao chegarem à escola, costumam conversar sobre suas rotinas, vivências, alguma notícia de televisão ou mesmo alguma situação que aconteceu na rua. Assim, o professor pode aproveitar o contexto e conversar sobre determinada notícia ou fato importante ou urgente, pode discutir com os alunos sobre algo que tenha acontecido ou o que eles tenham visto antes de chegar à escola.

Com relação ao uso de materiais pedagógicos, a escola deve oferecer recursos adequados para alfabetização em Libras e em Língua Portuguesa, utilizando-se a Libras para a aprendizagem do português escrito. Por isso, é importante o professor surdo bilíngue, por ter contato e usar duas línguas, configurando-se como profissional bilíngue, que atua como um modelo de cultura e identidade para os alunos nos contextos das escolas públicas e privadas, regulares ou bilíngues.

OBJETIVO

Apresentar a maquete de uma casa, incluindo a estrutura e rotina em Libras e em português escrito para alunos surdos em fase de alfabetização e letramento.

ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Ao chegar à escola, normalmente, é preciso que o professor surdo ensine duas línguas. Na verdade, o aluno deveria ter adquirida a L1 antes de entrar na escola, para aprimorá-la, e não aprender desde o início, apesar de que a realidade mostra o contrário, ou seja, a criança não domina nem a Libras muito menos o português. Então, o professor surdo precisa assumir essa responsabilidade de receber essas crianças e fazer o trabalho de aquisição linguística, conversando com elas para que se sintam capazes de aprender e usar a Libras, ainda que sejam sinais mais simples.

A trajetória de alunos surdos na escola mostra que, às vezes, na fase de alfabetização, eles conhecem as letras do alfabeto, mas não conhecem a



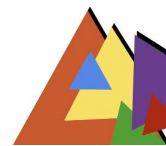
palavra em português, que fazem parte de sua convivência familiar e social, por exemplo, ABELHA, ANEL, AVIÃO, BOLA. A criança, então, não compreendeu, porque a maioria das famílias não têm conhecimento da Libras nem da cultura surda. Falta, portanto, comunicação.

Digiampietri (2009) relatou que as famílias, normalmente, demoram alguns anos para perceberem a falta de audição de seus filhos, uma vez que muitos pais ouvintes não têm histórico de surdez na família e não percebem sinais de que a criança não interage por causa da (falta de) audição. Esse tempo pode ser crucial, pois a ausência de diagnóstico retarda a conscientização e a atuação da família sobre as necessidades da criança, tanto linguísticas quanto escolares.

A aquisição linguística por crianças surdas inicia-se por volta dos 12 meses de idade, por isso, é importante que a Libras seja utilizada com essa criança em suas interações antes mesmo de ela entrar na escola. Em se tratando de família surda, o uso da língua de sinais, ocorre integralmente e previamente. Quadros (s.d.) estudou sobre uma filha de pais surdos e verificou que o estágio inicial de comunicação por meio de sinais ocorreu por volta de 6 meses, enquanto uma criança ouvinte iniciaria a linguagem oral em torno dos doze meses ou mais.

A leitura precisa ser pensada pelo viés de leitores surdos, usuários da Língua Brasileira de Sinais, que leem em Libras e leem em português escrito. É necessário abordar a alfabetização das crianças surdas para que possam adquirir conhecimento da língua escrita visual. De acordo com Fernandes (2006), é através da leitura que o sujeito surdo constrói sentidos nas práticas de escrita. Nesse contexto, a alfabetização pode envolver estratégias linguísticas adequadas, por meio de recursos visuais e práticas pedagógicas específicas para garantir a aprendizagem.

Foi realizada uma pesquisa exploratória para proporcionar maior familiaridade com o tema da pesquisa e explicar sua ocorrência. O trabalho percorreu algumas etapas: 1. Levantamento bibliográfico sobre ensino para surdos em fase de alfabetização; 2. Pesquisa sobre materiais didático-pedagógicos para alunos surdos em fase de alfabetização; 3. Análise de documentos jurídicos que amparam a educação de surdos; 4. A elaboração da maquete da casa: Planejamento, Contato com um profissional marceneiro



surdo, Recebimento da maquete original, Pintura da casa, Criação dos móveis e utensílios; 5. Elaboração de vídeos em Libras com QRcode sobre a casa e sua estrutura.

RESULTADOS

O resultado consolidou no produto: a maquete de uma casa, chamada LAR BILÍNGUE DOS SURDOS, constituída por 06 cômodos (02 quartos, 01 sala, 01 cozinha, 01 banheiro e 01 área de serviço).

Figura 1: maquete da casa e apresentação em Libras



Fonte: arquivo pessoal do autor



Todos os componentes da casa foram criados pelo autor e estão na maquete, que apresenta, também vídeos em Libras, acessíveis por QR code, com explicações sobre a estrutura e os utensílios. Além da parte estrutural da casa, no vídeo há provocações e interação, que podem ser utilizados por professores e responsáveis de crianças surdas em fase de alfabetização e letramento.

CONCLUSÃO

O estudo demonstra a importância da criação de materiais didáticos autênticos para surdos e do estímulo do ensino de L2 para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. É importante o processo de construção do material didático, para estimular docentes e discentes com relação a práticas melhores voltadas para as habilidades de leitura e de escrita em português.

REFERÊNCIAS

SANTOS, Augusto Machado dos. **Estratégias de um professor surdo para o ensino da língua portuguesa escrita a alunos surdos**. Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES / Departamento de Ensino Superior, Curso Bilíngue de Pedagogia. Monografia. 2017.

DIGIAMPIETRI, Maria Carolina Casati. **Narrativas de mães ouvintes de crianças surdas**: oralidade, metáfora e poesia. 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
doi:10.11606/D.8.2009.tde-07122009-145603. Acesso em: 2025-10-27.

FERNANDES, Sueli F. **Práticas de letramento na educação bilíngue para surdos**. Curitiba: SEED, 2006.



ÍNDICE REMISSIVO

A

Aee, 20, 44, 45, 62, 63
Ah/sd, 75, 76, 77, 78
Alfabetização, 113, 114, 115, 117, 120, 128, 132
Arte, 13, 15, 16, 17, 22, 23, 24, 25, 106, 120
Assistente virtual, 65, 66, 68
Audiovisual, 93, 94, 95, 96, 97, 121

B

Bílingue, 47, 48, 70, 71, 72, 73, 89, 91, 92, 113, 114, 117, 132

Ch

Chatbot, 65, 66, 68

C

Criatividade, 51, 61, 76, 77, 88
Cultura surda, 55, 91, 113, 115, 126, 129

D

Deficiência intelectual, 22, 32, 33, 34, 35
Diversidade, 7, 13, 16, 20, 25, 27, 28, 29, 31, 37, 38, 39, 40, 41, 44, 54, 55, 59, 60, 61, 80, 85, 86, 87, 103, 104, 121, 129, 130, 133
Diversidade, 7, 11
Docente, 13, 14, 16, 17, 19, 20, 21, 30, 31, 32, 35, 43, 45, 62, 72, 81, 82, 83, 90, 113, 123, 129, 130
Dsm-v, 34, 36

E

Educação a distância, 27, 28, 126
Educação básica, 13, 14, 16, 19, 75, 77, 92, 112
Educação de surdos, 47, 117, 120, 126, 129, 130
Educação especial, 18, 19, 22, 42, 44, 45, 62, 64, 75, 76, 112, 120, 121, 123, 126, 127, 129, 132
Educação infantil, 18, 19, 21, 24, 92, 109, 126, 127
Educação sensorial, 22

F

Fisioterapia, 98, 102, 132
Fonoaudiologia, 110
Formação de professores, 22, 129

I

Idosos, 98, 99, 100, 101
Inclusão, 7
Informática, 75, 76, 77, 78

Interdisciplinaridade, 80, 83, 130
Intérpretes, 29, 47, 49, 50

J

Joseph renzulli, 76

L

Legislação, 18
Libras, 28, 29, 30, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 70, 71, 72, 73, 89, 90, 91, 92, 113, 114, 115, 116, 117, 120, 121, 124, 126, 129
Literatura, 16, 28, 30, 77
Ludicidade, 89

M

Matemática, 47, 48, 49, 50, 51, 121
Metodologias ativas, 80, 83, 84

N

Neurodesenvolvimento, 37, 39, 57

O

Ouvinte, 73, 90, 115

P

Pedagogia da diferença, 13, 15
Pei, 13, 14, 15, 17, 19, 63, 67
Políticas públicas, 57, 59, 60, 61, 62, 64, 75

Q

Quadrinhos, 103, 107

R

Roda de conversa, 86

S

Salas de recursos, 44, 45
Síndrome, 67, 69, 105
Superdotação, 60, 75, 76, 79
Surdos, 28, 30, 47, 48, 49, 50, 53, 55, 56, 70, 71, 72, 73, 74, 89, 90, 91, 92, 113, 114, 115, 117, 120, 126, 129, 132



T

Tdah, 8, 37, 38, 39, 41

Tea, 9, 57, 59, 60, 61, 62, 63

Teatro, 37

Tecnologia assistiva, 42, 43, 44, 45, 46, 57, 129, 130

Tecnologias de informação e comunicação, 108, 109

Teoria dos três anéis, 76

Tics, 108, 109, 111

Transtorno, 37, 38, 39, 59, 64, 132



SOBRE OS AUTORES

Adezilton Cordeiro de Lima

Mestre em Diversidade e Inclusão pela UFF (2024). Especialista em Ciência, Arte e Cultura na Saúde da Fundação Oswaldo Cruz-Fiocruz (2021). Especialista em Literatura Infantil e Juvenil; formado na pós-graduação lacto-sensu da Letras-UFRJ. Possui graduação em Licenciatura em Educação Artística Com Habilitação em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2016) e graduação em Licenciatura em Educação Artística - Desenho pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2013). Tem experiência em sala de aula na área de Artes e Desenho Geométrico, além de produções artísticas independentes. Atualmente, está envolvido em projetos de animação e quadrinhos que incentivam a alfabetização e a inclusão social de pessoas com deficiência.

Ana Paula Matos Ximenes

Possui graduação em Pedagogia pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos, pós graduada em psicopedagogia pela Universidade Cândido Mendes, Pós Graduada em Libras pela Uniassevi, pós-graduada em Educação Especial: Deficiência Auditiva pela Uniassevi, pós graduada em Atendimento Educação Especial pela Fasul e mestrada em Diversidade e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense - UFF. Atualmente é tutora do Instituto Nacional de Educação de Surdos pela parceira da Universidade Aberta Brasil (UAB) e professora substituta do CAPUERJ.

Ana Regina e Souza Campello

Possui graduação em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Santa Úrsula (1981), graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1996) e doutorado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (2008). Atualmente é coordenadora do gt libras - (ABRALIN) Associação Brasileira de Linguística, pesquisadora da Universidade Federal Fluminense, pesquisadora da Universidade Federal Fluminense, pesquisadora da Universidade Federal Fluminense, pesquisadora da Universidade Federal Fluminense, pesquisadora da Universidade Federal Fluminense, pesquisadora da Universidade Federal Fluminense, vice coordenadora do gt libras da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, membro do nde - nucleo docente estruturante - Departamento de Ensino Superior - CEAD / INES, associada da Associação Catarinense de Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais, sócia da Associação de Tradutores Intérpretes e Guia-intérpretes de Língua de Sinais, pesquisadora do Curso de Mestrado Profissional de Diversidade e Inclusão, docente do Curso de Mestrado Profissional de Diversidade e Inclusão, docente - Pós Graduação de Ciências, Tecnologia e Inclusão, pesquisadora - Pós Graduação de Ciências, Tecnologia e Inclusão, pesquisadora - Pós Graduação de Ciências, Tecnologia e Inclusão, primeira tesoureira do Centro de Integração de Arte e Cultura Surda, professora associada do Instituto Nacional de Educação de Surdos, pesquisadora do Instituto Nacional de Educação de Surdos, professora adjunta do Instituto Nacional de Educação de Surdos e pesquisadora do Instituto Nacional de Educação de Surdos. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: libras, língua de sinais, educação, educação dos surdos e ensino de libras.

Augusto Machado dos Santos

Possui graduação em Licenciatura em Pedagogia pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) / Departamento de Ensino Superior (DESU) (2017). Tem pós graduação em Ensino de Português para alunos surdos pelo Departamento de Ensino



Superior (DESU/INES) (2019). Atualmente, estou mestrandando pela UFF no Curso de Mestrado em Diversidade e Inclusão. Trabalhou como professor regente do Ensino Fundamental I - 1 ao 5 ano: Língua Portuguesa, Ciências, Matemática e Língua Brasileira de Sinais como primeira língua L1 e Língua Portuguesa como L2 para alunos surdos na sala de aula no Instituto Nacional de Educação de Surdos - SEF1). Trabalha na Escola Municipal Zélia Braune, no Município do Rio de Janeiro e na Escola Municipal Sete de Setembro em Duque de Caxias. Participa do grupo de pesquisa Compreensão e Produção escrita por alunos surdos e do grupo de extensão com enfoque no ensino de Língua Portuguesa como segunda língua L2 para aulas surdos e elaboração de material didático voltado para esses aprendizes. Já atuou como Instrutor de Libras e Assistente Educacional de Surdos em salas de recurso e nas salas de aula, em vários municípios do Rio de Janeiro e de Duque de Caxias. Tem experiência na área de Educação de Surdos, com ênfase em Educação Bilíngue para Surdos.

Cristiane Naegele Fernandes Bon

Educadora com experiência na área da Educação, atuando como professora, orientadora educacional e coordenadora pedagógica. É graduada em Comunicação Social, com habilitação em Relações Públicas, pela Universidade Estácio de Sá (1994), e em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro Faculdade de Formação de Professores (UERJ/FFP, 2002). Atualmente é mestrandando no Programa de Pós-Graduação em Diversidade e Inclusão da Universidade Federal Fluminense (CMPDI/UFF). Integra o grupo de estudo e pesquisa em Linguagem e Filosofia Diálogos Transdisciplinares: para que filosofar? (DITrans) e o grupo de estudo sobre Altas Habilidades ou Superdotação (CMPDI/UFF). Servidora concursada da Fundação Municipal de Educação de Niterói, exerce a função de Professora I, dedicando-se à promoção de práticas educacionais inclusivas e ao desenvolvimento integral dos estudantes.

Dagmar de Mello e Silva

Possui graduação em Psicologia pela Universidade Gama Filho (1985), Mestrado em Educação pela Universidade Federal Fluminense (2002), Doutorado em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2009), Pós-Doutorado em Filosofia da Educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2014) e Pós-Doutorado em Comunicação, Audiovisual, Cultura e Educação na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. É Professora Associada da Universidade Federal Fluminense - Faculdade de Educação. Professora permanente dos Programas de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Ciências, Tecnologias e Inclusão - Doutorado (PGCTIn) e Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF (PPGE/UFF). Atua em pesquisas que relacionam questões éticas e estéticas entre Educação e Imagens em processos de ensino e aprendizagem e afirmação das diferenças em políticas de inclusão. Desenvolve atividades de extensão e ensino voltadas a formação continuada de professores tendo como temáticas questões relacionadas a inclusão e diversidade, cultura audiovisual, imagens e mídias. Coordena no Laboratório de audiodescrição de imagens e é uma das coordenadoras da RIA - Rede internacional de ações coletiva, além de ser associada da AIIIIPE - Associação Internacional de Inclusão, Interculturalidade e Inovação Pedagógica e uma das responsáveis pelo GT de Direitos Humanos.

Edicléa Mascarenhas Fernandes

Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Procientista do Estado do Rio de Janeiro. Coordenadora do Núcleo de Educação Especial e Inclusiva e Líder do Grupo de Pesquisa do CNPQ Produção de Materiais Didáticos Acessíveis para Alunos com Deficiências em Contextos Formais e Informais de Educação. Doutora em Ciências pela FIOCRUZ, Mestre em Educação pela UERJ, Psicóloga pela UFRJ e Pedagoga pela UNIGRANRIO. Professora Permanente do Programa de Pós Graduação



em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, Mestrado e Doutorado FEBF/UERJ, do Mestrado em Diversidade e Inclusão e Doutorado em Ciências, Tecnologia e Inclusão da Universidade Federal Fluminense. Coordenadora da disciplina de Educação Especial da Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do RJ, onde é membro da Comissão para Estudos e Propostas para Alunos com Necessidades Especiais. Membro do Conselho Estadual para Política para Pessoas com Deficiências, presidente nos mandatos 2014/2015; 2017/2018; 2023/2024, Conselheira dos Conselhos Municipais da Pessoa com Deficiência de Duque de Caxias e São João de Meriti. Integrante do Conselho Científico da Fenapestalozzi (Federação Nacional das Associações Pestalozzi). Integrante dos Comitês Estaduais de Doenças Raras e de Política de Enfrentamento para saúde crianças com Síndrome Congênita do Zika Vírus e outras STORCHS e do Comitê Municipal para a Política da Primeira Infância em São João de Meriti. Membro do Grupo Interdisciplinar de Investigação em Educação e Inclusão (GIEI). Membro voluntário de Lions Internacional, Acadêmica da Cadeira Pedro Ernesto da Academia de Letras e Ciências de Lions. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Especial, atuando principalmente nos seguintes temas: educação inclusiva, educação especial, formação de professores, práticas pedagógicas, acessibilidade e adequações curriculares em contextos formais e informais de educação; educação precoce, atendimento educacional em ambiente hospitalar, inclusão no mundo do trabalho de pessoas com deficiências. . Medalha Paulo Freire pelos serviços prestados no campo da Educação Especial no município de Duque de Caxias. Medalha Tiradentes pela Assembleia do Estado do Rio de Janeiro pelos serviços prestados na área de Educação Especial. Pro Cientista do Estado do Rio de Janeiro 2021/2024.

Elisabete Cristina Cruvello da Silveira

Possui mestrado em Educação pela Universidade Federal Fluminense (1992), mestrado em Políticas Educativas e Investigación para la Toma - Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales - Argentina (1994) e doutorado em Política Social pela Universidade Federal Fluminense (2015). Atualmente é professora associada da Universidade Federal Fluminense. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em CIENCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO, atuando principalmente nos seguintes temas: metodologia comparada: ensino de sociologia escolar; ,formação de professores, agenda social da ONU, diversidade e inclusão, arte e sociologia.

Erica da Costa Barros

Possui mestrado profissional em Diversidade e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense (2021), especialização em Orientação Educacional e Pedagógica pela Universidade Cândido Mendes (2009), graduação em Letras - Português/Literaturas pela Universidade Estácio de Sá (2005). Atualmente é professor da Fundação Pública Municipal de Educação de Niterói. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação infantil, educação especial, formação de professores, avaliação adaptada e avaliação.

Fabiana Martins Ribeiro

Graduada em Fonoaudiologia pela Escola de Ensino Helena Antipoff (Pestalozzi, 1997). Pós-graduada em Informática Educativa (Unicarioca, 2002), Qualificação para Magistério Superior (Estácio de Sá, 2003) e Planejamento, Implementação e Gestão de EaD (UFF, 2016). Pós-Graduada em Especialização em Avaliação e Intervenção em Linguagem Infantil com Prática em Habilidades (Faculdade Censupreg, 2023), Pós-Graduada em Linguagem, com Ênfase nos Distúrbios de Aprendizagem e na Atuação Educacional pelo CEFAC (Saúde e Educação, 2023). Mestre em Diversidade e Inclusão da Universidade Federal Fluminense (UFF, 2024). Fonoaudióloga concursada da Prefeitura de São Gonçalo. Atende pacientes portadores de necessidades especiais, com patologias de voz, fala e linguagem. Tem experiência na área de Educação e



Educação Especial, e atua na área de Informática Educativa e Docência Superior. Ministra aulas de Informática Educativa há 31 anos numa escola particular de ensino regular; Ministra cursos de extensão de Como falar em público e realizar apresentações eficazes, Técnicas de Oratória e Impostação e Projeção Vocal e Neurociências da Aprendizagem.

Fernanda Serpa Cardoso

Doutora em Ciências e Biotecnologia pela Universidade Federal Fluminense. Possui graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas - Faculdades de Barra Mansa (1992), especialização em Microbiologia (1994), especialização em Mediação Pedagógica em EAD (2010) e mestrado em Ciências (Pós graduação em Ensino em Biociências e Saúde - FIOCRUZ -2007. Atualmente é docente do Departamento de Biologia Celular e Molecular e do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão (CMPDI) da Universidade Federal Fluminense. Atua como coordenadora do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Coordenadora da Escola de Inclusão - UFF e Vice-coordenadora do grupo DIECI UFF. É ainda coordenadora do Curso de Férias para Alunos Superdotados da UFF- DIECI, em parceria com o CMPDI e a Escola de Inclusão. Membro do grupo DIECI - Desenvolvimento e Inovação no Ensino de Ciências, atuando e orientando projetos e trabalhos de conclusão de curso principalmente nos seguintes temas: altas habilidades ou superdotação; interdisciplinaridade; ensino de Ciências/Biologia; Divulgação Científica; ensino de Biologia em Direitos Humanos.

Flávia Câmara Neto Athayde Gonçalves

Doutora em Ciências Tecnologias e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense (UFF-2024). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ-2009). Psicopedagoga pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ-2006). Especialista no Atendimento Educacional Especializado AEE pela Universidade Federal do Ceará (UFC-2014). Pedagoga pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio 2001). Professora Titular do Colégio Pedro II, chefe do Núcleo de Atendimento à Pessoa com Deficiência do campus Tijuca I; pesquisadora do Núcleo de Estudos em Saúde e Diversidade Nased (UFF). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, atuando principalmente nos seguintes temas: protagonismo na aprendizagem, identidade individual, coletiva e institucional, currículo, cultura, avaliação, diversidade, inclusão e Atendimento Educacional Especializado (AEE - Sala de Recursos Multifuncionais). Autora do conceito de Inclusão Transescolar.

Helio Ferreira Orrico

Doutor em Educação pela Universidade Estadual Paulista (2011), Mestre em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (2005). Possui graduação e Licenciatura em Psicologia - Faculdades Integradas Maria Thereza (1996) e Graduação em Enfermagem e Obstetrícia pela Universidade do Grande Rio (1986). Psicólogo clínico, Professor de Ensino Superior com atuação em cursos de graduação presenciais e a distância nas áreas de Administração e Pedagogia, ministrando as disciplinas de Psicologia Organizacional, Psicologia Geral, Psicologia do Desenvolvimento e Psicologia da Aprendizagem. Nos cursos de pós-graduação, leciona as disciplinas de Tópicos Especiais em Ciência Cognitiva e Psicologia da Educação com ênfase na aprendizagem e no desenvolvimento humano. Exerce a docência nos cursos de Mestrado em Diversidade e Inclusão, Gestão Integrada,. Especialização em Educação Especial e Psicopedagogia. Tutor do Curso de Administração Pública UFF/ CEDERJ. Analista do Seguro Social com Formação em Psicologia, aposentado onde atuou na Administração Pública Federal nas área de: Treinamento e Desenvolvimento do Instituto Nacional do Seguro Social, Coordenador do Setor de Qualidade de Vida. integrante do Grupo de Pesquisa de Produção de Material Didático Acessível. Pesquisador colaborador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva da



Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Amplo engajamento na área social, participando de organizações do 3º setor atuando na área de inclusão social da pessoa com deficiência. É Conselheiro do Conselho de Defesa de Direitos da Pessoa com Deficiência de Duque de Caxias. e São João de Meriti. Atuando principalmente nos seguintes temas: inclusão social, educação inclusiva, psicologia social, psicologia clínica e organizacional, gestão, práticas institucionais, práticas pedagógicas, análise de discurso, educação especial e recursos de acessibilidade.

Isabelle Barboza Maia

Graduada em Bacharelado em Administração pela Universidade do Grande Rio, Graduada em Licenciatura de Letras - Libras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Graduada em Pedagogia na UniCV, Especialista em Libras na Uniasselvi, Especialista em Atendimento Educacional Especializado na FASUL Educacional, Pós Graduada em Tradução e Interpretação e Docência e Libras na Unintese e Mestra de Diversidade e Inclusão pela UFF RJ . Atualmente é Mediadora/Tutora da Universidade Aberta do Brasil, Professora Substituta de Libras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Letras Libras.

Izabelle Moreno

Sou psicóloga e mestranda em Diversidade e Inclusão pela UFF. Tenho 16 anos de experiência na educação pública, com atuação voltada à inclusão de estudantes com deficiências e transtornos do neurodesenvolvimento. Na pesquisa, investigo as intersecções entre famílias, paternidade e vulnerabilidade social, compreendendo os efeitos emocionais e relacionais da ausência paterna. No campo clínico, trabalho com adolescentes e desenvolvo intervenções em grupo que unem educação emocional, fortalecimento de vínculos e construção de sentido.

Jacqueline de Faria Barros Ramos

Graduada em Letras pela Universidade Federal Fluminense (1997), Mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense (2002), Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (2007) e Pós-doutora em Estudos de Linguagem, Educação e Filosofia da Linguagem, pela UFF (2013/2014) e em Ciência, Tecnologia e Inclusão (PGCETin), na UFF. Pedagoga, Psicanalista, pelo SEPAI, e Neuropsicopedagoga. Atualmente, é Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Diversidade e Inclusão, Instituto de Biologia (CMPDI/UFF). Atuou como Coordenadora Pedagógica em unidades escolares estaduais, incluindo o Instituto de Educação de Niterói e o CEM Joaquim Gomes de Sousa Intercultural Brasil-China onde também exerceu a função de Diretora Adjunta. Atuou durante 25 anos como docente da Língua Portuguesa e da Literatura e, hoje, é Professora Titular do Ensino Superior (desde 2008), ministrando as disciplinas de História da Pedagogia no Brasil, Linguística, Língua Portuguesa, Teoria da Literatura, Narrativa Brasileira, Literatura Africana, Literatura Infanto-Juvenil, Metodologia da Pesquisa, História da Língua e Literatura Portuguesa na Graduação da Faculdade Lusófona do Rio de Janeiro, situada em São Gonçalo, onde exerceu, também, a função de Coordenadora do Instituto de Educação da Faculdade de Letras, de 2016 até 2017. Na Lusófona do RJ, ministra a todos os cursos (Direito, Pedagogia, Tecnólogos e Administração). Professora Especialista do Ensino Especial Inclusivo do quadro permanente da Secretaria Municipal de Educação de Niterói/FME, desde 2017, na Educação Infantil. Em 2013, foi professora conteudista da Faculdade Unyleya (AVM) desenvolvendo material pedagógico para as disciplinas de Teoria da Literatura, Latim e Filologia Românica. De 2011 a 2013, exerceu atividade como bolsista conteudista da Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do RJ, (CECIERJ/CEDERJ), realizando as revisões curriculares estaduais dos Currículos Mínimos de Língua Portuguesa e Literatura. Ainda produziu o Currículo Mínimo de Produção Textual do Ensino Regular e foi Articuladora Acadêmica do Currículo de Língua e Literatura do Ensino Normal, Formação de Professores.



Permaneceu como conteudista, elaborando materiais pedagógicos para a Nova Eja e todo o material de Orientação Pedagógica Curricular para o ensino médio e fundamental da SEEDUC. Trabalhou no CECIERJ, durante 10 anos, como tutora/mediadora dos Cursos de Atualização para Professores do Estado do Rio de Janeiro e como Revisora da Revista Educação Pública, de 2021 a 2025. É membro do Grupo de Extensão e Pesquisa Língua, Literatura e Cidadania: democratizando o acesso ao Ensino Superior, no CAP-UERJ, e do Núcleo de Inclusão Projeto Galileu Galileu, na UFF (CMPDI). Teve sua tese de doutorado selecionada para publicação em livro pela EDUFF, Niterói, publicada, em 2017, sob o título TRILOGIA DE SOMBRAS: Saramago, Santo Agostinho e Heidegger. Publicou, recentemente, nova obra, agora, ficcional, sob o título Contos Resistentes. Tem experiência nas áreas de: Letras, Pedagogia, Turismo e Direito, com ênfase em Língua Portuguesa, Produção Textual, História da Língua, Literatura Portuguesa, História da Educação e Filosofia, atuando principalmente nos seguintes temas: leitura, análise, José Saramago, conto, arte, poesia, educação e cinema.

Janie Garcia da Silva

Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Santa Úrsula (USU, 1977), Mestre em Ciências Biológicas (Botânica) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, 1983) e Doutora em Biociências pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, 1998). Professor Associado IV da Universidade Federal Fluminense-UFF. Orienta alunos, ministra aulas para cursos de Graduação e Pós-Graduação entre eles o Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão - CMPDI/UFF. Desenvolve projetos de pesquisa e extensão em Botânica Aplicada, Educação Ambiental, Educação Inclusiva, Florística, Recuperação de Áreas Degradadas, Taxonomia Vegetal e Conservação da Biodiversidade. Em 1995 propôs a criação de uma infraestrutura para atender ao Ensino, à Pesquisa e à Extensão em Botânica Aplicada na UFF, implantada em 1997, no Campus da Praia Vermelha: o Laboratório Horto-Viveiro (LAHVI-UFF). O LAHVI estabeleceu-se como um centro de Produção de Mudanças de espécies nativas de restinga e Mata Atlântica, além de ornamentais destinadas ao Paisagismo do Campus da UFF, cultivo de espécies nativas, principalmente de Restinga e Mata Atlântica. Recentemente, executou e coordenou atividades do Termo de Cooperação entre a UFF e o Ministério do Meio Ambiente visando à Recuperação de Áreas Degradadas e de Preservação Permanente no Morro do Gragoatá, Niterói/RJ (08/2014-12/2019). Desenvolveu projeto de extensão em parceria com o Núcleo de Ações Integradas (NAI) da Fundação Municipal de Educação de Niterói. Foi responsável, na UFF, pelo Termo de Cooperação com a UFF e Secretaria de Meio Ambiente, Recursos Hídricos e Sustentabilidade (SMARHS), colaborando na execução do Projeto de Restauração Ecológica de Niterói, financiado pelo BNDES (12/2018-12/2021).

Krysamon Deoclécio Barbosa Cavalcante

Doutorando em Ciências, Tecnologias e Inclusão (PGCTIn) na Universidade Federal Fluminense (UFF), mestre em Diversidade e Inclusão (CMPDI/UFF) e graduado em Design Gráfico pela Universidade Estácio de Sá (UNESA). Professor concursado de Computação Gráfica na Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro (FAETEC), onde atuou na Coordenação de Pesquisa, Extensão e Memória (DESUP/DIRSUP) e, atualmente, integra a Vice-Presidência Educacional (VPE), com responsabilidade sobre a coordenação de publicações acadêmicas. É pesquisador nos grupos Formação de Professores e Tecnologias Educacionais (FORPROTEC/FAETEC-CNPq), com projeto financiado pela FAPERJ (Edital n 06/2022); Grupo de Investigação em Educação Online e Aprendizagem em Rede (GIEAp/UNESA/CNPq); Núcleo de Educação Especial e Inclusiva (NEEI/UERJ); e Núcleo de Investigação e Pesquisa Luso-Brasileiro em Tecnologia Educativa (NIPTecEdu), vinculado à Escola Superior de Educação do Politécnico de Coimbra (Portugal). Na pesquisa de mestrado desenvolveu o Assistente I.A.R.A. (Inteligência Artificial para Raras Assistências), um protótipo de chatbot informativo voltado à inclusão e disseminação do conhecimento em doenças



raras. O projeto uniu bases confiáveis como Orphanet e protocolos do SUS a uma arquitetura de IA generativa, resultando em uma ferramenta inédita de difusão científica em ambiente online. Suas áreas de atuação incluem Comunicação e Cultura, Tecnologia Educativa, Pensamento Computacional, Inteligência Artificial e Tecnologias Emergentes, com experiência em editoração acadêmica pelo selo editorial Hypatia da Conectar Editora. Também pesquisa políticas educacionais, novos modelos pedagógicos mediados por tecnologia, literacia digital e ciberliteratura. Atualmente concentra-se no potencial da inteligência artificial para promover aprendizagem autorregulada, emergência cognitiva e inclusão epistêmica, tendo a inclusão como princípio estruturante.

Lenilda de Matos Pinheiro

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense (2000) e graduação em Letras pela Universidade Salgado de Oliveira (2002). Especialista em Leitura e Produção de Textos - UFF, Psicopedagogia Institucional - UCB, Educação Especial - UNIRIO e Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância - PIGEAD-UFF. Mestrado em Diversidade e Inclusão - CMPDI - UFF. Atualmente é Articuladora Acadêmica e Mediadora Presencial do Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro, professor - Secretaria Estadual de Educação e técnico em assuntos educacionais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação

Luciane Rangel Rodrigues

Atualmente, é Professora Assistente I de Libras na UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, no departamento de Letras, Campus Multidisciplinar, Nova Iguaçu. Possui doutorado pelo Programa de Ciências, Tecnologia e Inclusão - PGCTIn da UFF - Universidade Federal Fluminense (2023). Mestra em Diversidade e Inclusão pelo Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão CMPDI/UFF - Universidade Federal Fluminense (2015). Possui pós-graduação em Educação Especial e Libras pelo EFICAZ de Maringá (2011), pós-graduação em Coaching e Psicologia pelo Estudo sem Fronteira e possui graduação em Pedagogia pela UVA - Universidade Veiga de Almeida (1999). Autora do livro infantil Ane e Jota, amigos de mundos diferentes, cujo objetivo é ajudar no reconhecimento da cultura linguística dos surdos e ensinar o respeito ao sujeito surdo no dia a dia. É também coautora de livros didáticos e histórias infantis para surdos e ouvintes, crianças e adultos, junto à empresa LSB Vídeo. A matéria didática Mundo em Libras, no INES Instituto nacional de Educação de Surdos. Tem experiência na área da Educação como professorado ensino fundamental (1996 a 1997) no CES Centro Educacional de Surdos Pilar Velásquez, professora da creche (1998 a 1999) e gestora (2000 a 2007) na creche Professor Geraldo Cavalcanti, na APADA - Associação de Pais e Amigos dos Deficientes da Audição, em Niterói - RJ, com ênfase na Educação Infantil Bilíngue. Atua principalmente nos seguintes temas: Libras como primeira língua para surdos, Libras como segunda língua para ouvintes, educação de surdos, atendimento aos surdos e valorização da língua de sinais e cultura surda. Pesquisadora da área de Libras como L1 e L2, participante do projeto da coordenadora prof. Dra. Ana Regina Campello e Souza, no INES /DESU. Membro do Núcleo de Desenvolvimento de produtos e Processos Inclusivos na Perspectiva da Surdez de CMPDI no Curso Mestrado Profissional de Diversidade e Inclusão de UFF desde 2013. A partir do ano 2023, faz palestras, cursos e oficinas a respeito da empatia com surdos, com a criação de um jogo com 100 cartas e caderno de exercícios sobre o tema, voltado para ouvintes a partir de 7 anos. Seu objetivo é auxiliar este a ter empatia, conscientização e valorização das pessoas surdas

Marcela Gonçalves de Oliveira Pinto



Pesquisadora dos processos pedagógicos e o aluno surdo no contexto educacional e a inserção do bilinguismo (Libras e Língua Portuguesa modalidade escrita) nas escolas públicas. Mestre em Inclusão e Diversidade na Universidade Federal Fluminense (UFF) Doutoranda em Ciências, Tecnologia e Inclusão (UFF). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). É especialista em Neuropsicologia, Psicopedagogia, Orientação Pedagógica e Educacional, Neurocientista, Neurolinguística. Foi Orientadora Pedagógica concursada no município de Araruama e Supervisora Pedagógica concursada no município de São Pedro da Aldeia. Atualmente é orientadora pedagógica concursada da Prefeitura Municipal de Maricá e Professora de Educação Especial concursada atuando em Salas de Recursos na Prefeitura de Araruama com estimulação precoce. Atua como docente em curso preparatório lecionando a disciplina Conhecimentos Pedagógicos. Atua como docente na Universidade de Vassouras no curso de Pedagogia com foco nas disciplinas de Educação Especial e Inclusão. Atuou no curso de Pós Graduação de Orientação Pedagógica e Supervisão da Universidade de Vassouras. Tem experiência na área de Educação na área da Educação Infantil, no Ensino Fundamental e na Educação de Jovens e Adultos, na Educação Inclusiva e na Docência. Atua no Grupo de Pesquisa Instrução de Libras como primeira e segunda língua coordenado pela professora doutora Ana Regina Campello e Souza e atua no Grupo de Pesquisa Integrada em História, Patrimônio Cultural e Educação coordenado pelo professor doutor Luis Filipe Bantim de Assumpção. Participou da subcomissão dos grupos de trabalhos destinados à realização de estudos, pesquisas e elaboração de proposta de implementação das Diretrizes Pedagógicas da Rede Pública Municipal de Maricá.

Maria de Fátima de Oliveira Freitas Barbosa

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Salgado de Oliveira - UNIVERSO (2003-2006). Trabalha como Professora II da Educação Especial da Prefeitura Municipal de Mesquita desde 2013, atuando principalmente em Classe Especial e em Sala de Recurso Multifuncional. Pós-Graduada em Gestão Educacional pela Universidade Castelo Branco (2006-2007), Educação Especial Inclusiva pela Faculdades Integradas de Jacarepaguá - FIJ (2012-2012), O Processo De Letramento E Alfabetização Do Aluno Com Deficiência Visual (Cegueira ou Baixa Visão) - Da Educação Infantil Ao Primeiro Ano Do Ensino Fundamental pelo Instituto Benjamim Constant / Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro - ISERJ (2012-2013), Psicopedagogia Clínica E Institucional pela Universidade Cândido Mendes - UCAM (2014-2015), Educação De Jovens E Adultos Na Diversidade E Inclusão Social pela Universidade Federal Fluminense - UFF (2015-2016) e em Educação Especial e Inovação Tecnológica pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ (2022-2023). Concluiu o Mestrado Profissional Em Diversidade E Inclusão pela Universidade Federal Fluminense - UFF (2017-2020).

Mariana da Silva Fonseca

Mestranda do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão (CMPDI) na Universidade Federal Fluminense (2024). Licenciada em Pedagogia pela Universidade Cruzeiro do Sul (2021) em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2017). Possui especialização em Ensino de Língua Inglesa pela Universidade Estácio de Sá com Certificação Internacional pela Bridge (2021) e em Práticas da Educação Bilingue pelo Centro Universitário UniDomBosco (2024). Atualmente atua na área de educação como professora do Ensino Fundamental I, ministrando as matérias de inglês, matemática e ciências em uma escola canadense da rede privada com currículo bilíngue (Maple Bear Niterói). Já atuou como professora e como coordenadora pedagógica em cursos de inglês em Niterói e no Rio de Janeiro. Acredita que é possível transformar vidas por meio da educação, dedica-se a ensinar e pesquisar sobre estratégias de sala de aula, formação de professores e gestão escolar. Seus interesses



de pesquisa são bilinguismo, altas habilidades, diversidade, inclusão, voltados para a atuação na educação básica.

Neyse de Carvalho Ribeiro

Doutoranda em Ciências, Tecnologias e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense. Mestra em Diversidade e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense. Possui especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade Cândido Mendes, graduação em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense. É Técnica em Assuntos Educacionais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense. Atuou como coordenadora pedagógica do IFF campus Avançado Maricá. Compôs a equipe de Implantação do IFF campus Itaboraí. Atuou como responsável pelo Ensino e Coordenação Pedagógica do campus Itaboraí, coordenadora do Núcleo de Atendimento à Pessoa com Necessidades Específicas (NAPNE) e responsável pela coordenação da Educação de Jovens e Adultos do campus Itaboraí. Tem experiência na área de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, Educação Profissional e Tecnológica, Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos. Atuou como docente dos anos iniciais do ensino fundamental na Prefeitura Municipal de Itaboraí, atuando como professora da Educação de Jovens e Adultos e da Sala de Leitura. Atuou com o docente na prefeitura Municipal de Cachoeiras de Macacu em turmas de educação especial e de alfabetização. Atuou como supervisora pedagógica de turmas de alfabetização com alunos incluídos.

Renata Rocha Egger Blakeley,

Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense (2010). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Interpretação Teatral e produção cultural artística. Atualmente, representante da Fim Commission Niterói - Escritório de Apoio ao Audiovisual (de maio de 2021 até o momento) Renata Rocha Egger Blakeley Endereço eletrônico: renata_egger@hotmail.com renatablakeley@gmail.com DRT: 0039718/RJ 2- FORMAÇÃO ACADÊMICA Bacharel em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). 3- FORMAÇÃO COMPLEMENTAR - Oficina para Atores- 15 horas- Ministrada pela Companhia Ensaio Aberto e Fernando Lobo, realizada pela Companhia Ensaio Aberto (Armazém da Utopia), nos dias 17, 18 e 19 de fevereiro de 2020. - Curso de Interpretação para TV com Vera Freitas- De Março 2016 até Abril de 2017. A oficina foi realizada na Indústria para TV, localizada em Niterói/RJ - Workshop "O resto é silêncio"- 12 horas- Ministrado por Renato Rocha (Royal Shakespeare Company) realizado e promovido pela petropolitana Cia Teatral Língua de Trapo- Petrópolis/RJ - Jul 2014. - Oficina "Introdução ao estudo da Biomecânica"- 20 horas- Ministrada por Fabrício Moser Oficina realizada durante o 35º Festival da FETAERJ em Rio das Ostras/RJ2013 - Oficina Leitura Nelson Rodrigues- Módulo I- 16 horas- Ministrada por Moacir Chaves- Oficina fez parte do projeto de residência artística Alfândega 88- 2012. - Oficina para Atores, Rei Lear de Shakespeare-16 horas- Ministrada por Moacir Chaves- Oficina fez parte do projeto de residência artística Alfândega 88- 2012. - Oficina de Voz Cantada para Teatro- 20 horas- 34º Festival Estadual de Teatro da FETAERJProfessor: Getúlio Nascimento- RJ- 2012. - Oficina de Voz Falada e Voz Cantada ? 20 horas ? 31º Festival Estadual de Teatro da FETAERJ ? Professores: Fabrício Ramos e Karina Ochoa? RJ- 2009. - Oficina de Talentos em Teatro no SENAC Rio ? 192 horas ? Professor: Ribamar Ribeiro ? 2009. - Laboratório do Ator - 32 horas- Ministrado por Ana Kfoury-. RJ- 2005. - Curso Prático de Teatro ? Diretor Raimundo Miranda (SATED 18061/RJ)- 1996- 2003. 4- ATIVIDADES ACADÊMICAS - Programa Mais Educação - de Set de 2012 até Dez 2014. O Programa Mais Educação, criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007, aumenta a oferta educativa nas escolas públicas por meio de atividades optativas que foram agrupadas em macrocampos como acompanhamento pedagógico, meio ambiente, esporte e lazer, direitos humanos, cultura e artes, cultura digital, prevenção e promoção da saúde, educomunicação, educação científica e educação econômica. Cargo: Monitora de Artes



Cênicas Atividades desempenhadas: Interagir com os alunos através de oficinas de teatro e cidadania objetivando ao fim do módulo, montagem teatral tendo como tema o cotidiano escolar e cidadania 5- PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA E ARTÍSTICA Trabalhos artísticos em artes cênicas, cinema e televisão Espetáculos O Quintal do Manoel (março de 2020) Texto: Simone Bibian Direção: Fabio Fortes Função: atriz Elenco: Amaury Lorenzo, Luan Vieira e Renata Egger Direção de Arte: Eric Fully Suspenso em virtude da pandemia. Espetáculo infantil que apresenta a obra de Manoel de Barros. O quarto de Bianca ou o inventário do que cabe dentro de uma mala (2020-2012) Texto e Direção: Rafael Cal. O monólogo da Interferência Companhia Teatral teve sua pré-estréia em Janeiro de 2012 em São Paulo-SP. Local: Instituto Cultural MundoMundano localizado em Pinheiros e sua estreia em julho de 2013 no 35º Festival da FETAERJ- Festival Estadual de Teatro Associativo do Estado do Rio de Janeiro, realizado em Rio das Ostras-RJ (Prêmio de destaque de Atriz) (2013) Em abril de 2017, o espetáculo ficou em cartaz às terças no Teatro Lamartine Babbo, no Centro Cultural Light. Em novembro de 2019 participou do FESTAR- Festival Nacional de Teatro de Araruama e recebeu indicações nas seguintes categorias: Melhor Monólogo, Melhor Texto e Melhor atriz

Osilene Maria de Sá e Silva da Cruz

Graduada em Letras - Português/ Inglês AEDB; Especialista em Atualização Pedagógica UFRJ; Mestra em Estudos Linguísticos/Estudos de Tradução UFMG e Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) - PUC SP; Pós-doutoranda na Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP. Atualmente, é professora Adjunta de Língua Portuguesa como L1 e L2 no Instituto Nacional de Educação de Surdos INES/RJ para o curso de Pedagogia presencial e a distância (docência e orientação de TCC) e para os cursos de Pós-Graduação do INES (docência e orientação de TCC). Atua como professora formadora e professora conteudista do Curso de Pedagogia do Instituto Nacional de Educação de Surdos. Atua como professora permanente do curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão - UFF/CMPDI e como professora visitante do Programa de Pós-Graduação em Ciências, Tecnologias e Inclusão - UFF/PPGCTIN. Outras áreas de atuação envolvem o ensino de Língua Inglesa, de ensino de Língua Portuguesa como L1 e L2, Estudos de Tradução, elaboração de material didático, análise do discurso, redação acadêmica, metodologia de pesquisa. Participa de bancas de elaboração e correção de provas de vestibular de português e inglês. É líder de dois grupos de pesquisa: Grupo de Pesquisa Compreensão e produção escrita em Língua Portuguesa como Segunda Língua: experiências, desafios e Grupo de Pesquisa O Passado em história: representações do INES em documentos oficiais e extraoficiais à luz da Linguística Sistêmico-Funcional. Os interesses por pesquisa envolvem ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa como L2 para alunos surdos, ensino de Língua Inglesa, tradução (produção e processo), cultura surda, gêneros acadêmicos, escrita acadêmica e profissional, análise do discurso com ênfase na Linguística Sistêmico-Funcional e Teoria de Avaliatividade. Orienta graduandos e pós-graduandos cujos temas de pesquisa estejam relacionados à educação de surdos, tradução/interpretação Libras/Português, diversidade e inclusão em contextos escolares e profissionais. Atua também em atividades de extensão, que envolvem formação docente, com enfoque no ensino de Língua Portuguesa como L2 para alunos surdos e elaboração de material didático voltado para esses aprendizes.

Paola Martins Bagueira Pinto Bandeira

Possui graduação em Pedagogia pelo Centro de Ciências Humanas e Sociais do Instituto Isabel (1986). Mestrado em Diversidade e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense. Doutora em Educação pela Universidade Estácio de Sá com pesquisa voltada para a Formação de Professores e a Produção de Materiais adaptados e de Tecnologia Assistiva de baixo custo, na perspectiva da Educação Especial e Inclusiva. Atualmente, é professor da sala de Recursos Multifuncionais e professora de Apoio



Educacional Especializado da Fundação Municipal de Educação de Niterói. Vasta experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Especial, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação de professores, Atendimento Educacional Especializado, materiais adaptados, e de Tecnologia Assistiva, aprendizagem.

Rejany dos Santos Dominick

Licenciada em Educação Física (1984) e em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1986). Mestra em Educação pela Universidade Federal Fluminense (1993) e doutora em História, Filosofia e Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2003). Atualmente é professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Coordena projetos de Extensão, de Pesquisa, de Ensino e de Inovação Social articulados às tecnologias na educação. É uma das editoras da RevistAleph, que tem como categoria geradora as experiências instituintes. Professora do Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão (IBio). Tem pesquisado a formação de professores e as tecnologias na escola básica.

Ruth Maria Mariani Braz

Pós-doc no programa de pós-graduação em Ciências, Tecnologia e Inclusão da Universidade Federal Fluminense. Doutora em Ciências e Biotecnologia, do Instituto de Biologia da Universidade Federal Fluminense; Reconhecido o nível pela Universidade do Minho do doutoramento em ciências da Educação e realizei o doutoramento sanduiche na Universidade do Porto. Especialista Lato Sensu em Educação Física Especial (Universidade Castelo Branco). Tenho a graduação em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Sou professor docente I - Secretária de Educação do Estado do Rio de Janeiro e professor do Curso de mestrado profissional em Diversidade e Inclusão da UFF. Atuei como coordenadora executiva do projeto Internacional Spread The Sign no Brasil e coordeno o núcleo de Inclusão Galileu Galilei e participo do grupo de pesquisa TeCEADI+: Tecnologias Computacionais no ensino e aprendizagem na ótica da Diversidade, Inclusão e Inovação Sou orientadora de alunos do curso de Mestrado Profissional de Diversidade e Inclusão do Instituto de Biologia da UFF. Desenvolvo pesquisas ligada aos temas: Educação Inclusiva, Educação de Surdos, Tecnologia Assistiva, gêneros; confecção de materiais didáticos adaptado, didática com o intuito de auxiliar os alunos com deficiências nas classes regulares de ensino, filosofia esta que defendo e é adotada atualmente nas instituições na qual trabalho. Tenho experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Inclusiva, tecnologia e didática, atuando principalmente nos seguintes temas: formação de docentes, políticas públicas, diversidade, Interdisciplinaridade, sensibilização, adaptação e confecção de materiais didáticos e brincar.

Tainara Chagas Matschuck

Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Ciências, Tecnologias e Inclusão (PGCTin) - UFF. Mestra em Diversidade e Inclusão pelo CMPDI - UFF. Graduada em Pedagogia com licenciatura Plena pela Universidade Estácio de Sá. Pós graduada em "Psicopedagogia Clínica e Institucional" pela Universidade Cândido Mendes e em "Gestão do trabalho pedagógico: Gestão, Orientação, Inspeção e administração escolar" pela Faculdade Venda Nova do Imigrante. Compõe o quadro de Funcionária Pública concursada no Município de Araruama e Cabo Frio, atuando na equipe de Orientação Pedagógica pela Secretaria Municipal de Educação, atualmente na função de Diretora Adjunta na gestão do Complexo Esportivo de Excelência e Qualidade de Ensino Professor Darcy Ribeiro. Leciona no curso de Pedagogia da Universidade de Vassouras - Saquarema/RJ.

Thalane Alves Cunha



Mestre em Diversidade e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Graduada em Gestão de Recursos Humanos pela Universidade Estácio de Sá (2014). Chefe da Divisão da Coordenação de Cultura. Atuou como Conselheira Suplente no Conselho de Pesquisa, Ensino e Extensão da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) em 2023. Entre 2021 e 2024, integrou o Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da UNIRIO, desenvolvendo ações voltadas à promoção da acessibilidade atitudinal e da inclusão de pessoas com deficiência. Suas áreas de interesse incluem acessibilidade arquitetônica, políticas de inclusão no ensino superior e direitos das pessoas com deficiência.

Thiago Corrêa Lacerda

Láurea Acadêmica com CR 9,2 em 2010, no Instituto de Física da UFF. Possui Licenciatura em Física pela Universidade Federal Fluminense (2009), Bacharelado em Física pela Universidade Federal Fluminense (2010) e Mestrado (2011) e Doutorado (2015) em Física pela Universidade Federal Fluminense na linha de pesquisa Física das Radiações Aplicada (Radioecologia) e Pós-Doutorado em Ciências e Biotecnologia em andamento (2023). Possui experiência na área de Radioatividade Aplicada, Ensino de Ciência e Educação Inclusiva. Na área de Radioatividade, trabalha com espectrometria e entendimento de fenômenos ambientais usando radionuclídeos como rastreadores. No ensino, se dedica a novas metodologias e práticas experimentais que permitam acessibilidade às ciências, o que reflete em temas sobre inclusão e integração do corpo discente de forma geral e ampla. É professor concursado em Física Básica no Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Rio de Janeiro no campus Niterói, com atuação no nível superior e em cursos técnicos de nível médio. Está credenciado no Curso de Mestrado Profissional de Diversidade e Inclusão e no Programa de Pós-Graduação em Ciências, Tecnologias e Inclusão (Nível doutorado acadêmico) do Instituto de Biologia, da Universidade Federal Fluminense, com ênfase em ambientes inclusivos em todos espaços escolares dos estudantes com altas habilidades e notório saber, sendo, também, colaborador do Laboratório de Radioecologia e Alterações Ambientais, no Instituto de Física da UFF

Vera Lúcia Prudência dos Santos Caminha

Possui doutorado em Engenharia de Sistemas e Computação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (COPPE/UFRJ), mestrado em Ciência da Computação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e graduação em Engenharia Civil pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Atualmente é professora associada IV da Universidade Federal Fluminense e diretora do Instituto de Ciências Exatas (ICEx) da Universidade Federal Fluminense. Além disso, é Coordenadora do projeto de pesquisa e extensão ADACA (Ambiente Digital de Aprendizagem para Crianças Autistas) desenvolvido na UFF campus Atterrado em Volta Redonda. Faz parte do quadro permanente de professores do Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão (CMPDI) da UFF. Tem experiência na área de Ciência da Computação com ênfase em Inteligência Artificial, atuando principalmente nos seguintes temas: Aprendizado de Máquina, Neurociência Computacional e Autismo.

Viviane de Oliveira Freitas Lione

Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2001), Mestrado em Microbiologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2003) e Doutorado sanduíche em Biociências Nucleares pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro / Universidade Federal de São Paulo (2007). É pós-doutora pela Universidade Federal de São Paulo com ênfase em microscopia confocal e eletrônica (2008). Pós-doutora em Ciências Farmacêuticas pela Faculdade de Farmácia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2009). Atualmente é Prof Adjunta da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal do Rio de Janeiro ? Coordenadora do Laboratório de Bioensaios Farmacêuticos, atuando em bioensaios para o



desenvolvimento de fármaco e medicamentos. Na área de Biofarmácia desenvolve modelos in vitro e ex vivo de permeabilidade de fármacos. Tem experiência na área de Cultivo de células animais, humanas, bacteriana e parasitos, atuando nos temas de screening de moléculas, bioensaios de atividade e citotoxicidade. É professora do Programa de Pós Graduação em Nanobiosistemas - UFRJ. Atua também na área de Ensino e Educação Especial como professora do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão - IB-UFF e do Programa De ciências, Tecnologia e Inclusão - Nivel Doutorado - IB-UFF, nas linhas de transtorno, síndromes e deficiências, com interesse em Autismo, neurociências e educação, produção de material didático inclusivo e estratégias pedagógicas para atendimento a pessoa com deficiência. Também é coordenadora do Grupo de Estudos em Transtorno do Espectro Autista (GETEA-UFRJ), Conselheira civil do Conselho Municipal da Pessoa com deficiência de Maricá e Coordenadora do Programa de Atendimento da Associação Caminho Azul.

Viviane da Silva Pinheiro

Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Ciências, Tecnologias e Inclusão (UFF) sob a orientação da Profa. Dra. Viviane Lione. Mestra em Diversidade e Inclusão na Universidade Federal Fluminense sob a orientação da Dra. Osilene Cruz. Com especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional e Ensino de Língua Portuguesa como L2 para surdos. Graduada em Pedagogia no Instituto Nacional de Educação de Surdos. Também me especialize em Gestão de Pessoas (MBA) e em Educação Especial. Atuei como coordenadora setorial da Secretaria Municipal da Pessoa Com Deficiência (CLT), lecionei em turmas com alunos surdos, atuei como intérprete de Libras, trabalhei como mediadora pedagógica e coordenação pedagógica e de inclusão. Durante toda minha trajetória docente, busco aprimorar minha prática juntamente com a formação para que cada vez o abismo entre prática e teoria seja amenizada.

Waneska Ferreira Cavalcante

Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e em Fisioterapia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pós-graduada em educação especial inclusiva pela Faculdade Internacional Signorelli. Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense (CMPDI - UFF), com pesquisa direcionada a elaboração de materiais de alfabetização de discentes com deficiência intelectual. Trabalha como professora na sala de recursos e no primeiro seguimento do ensino fundamental na Prefeitura Municipal de Duque de Caxias (PMDC). Tem experiência na área de Educação e alfabetização e Educação especial, atuando principalmente nos seguintes temas: deficiência intelectual, surdez, deficiência física e atendimento educacional especializado, alfabetização e produção de materiais. Engajada no processo de alfabetização, letramento de pessoas com deficiência e aprendizagem da língua portuguesa como segunda língua. Busca contribuir para a discussão de assuntos relacionados ao desenvolvimento do educando enquanto pessoa ativa na sociedade. Orienta alunos da graduação na área de Pedagogia bilíngue (INES). Participa do grupo de pesquisa Compreensão e Produção de material de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa como L2 para surdos (INES). Pesquisa e desenvolve materiais didáticos para o ensino de português escrito para alunos surdos e ouvintes.



AGRADECIMENTOS

A Comissão Organizadora do Evento de Egressos do CMPDI expressa seu mais profundo agradecimento a todos os participantes do Seminário de 2025. Os trabalhos apresentados refletem o compromisso do CMPDI com a formação de profissionais que unem **teoria e prática** para promover a **inclusão** e a **diversidade** no ensino. As pesquisas desenvolvidas pelos egressos estão moldando novas abordagens educacionais, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Esta obra, que reúne a programação do evento e os resumos dos trabalhos apresentados, é um testemunho do impacto do CMPDI na área do ensino e um convite para continuarmos avançando na busca por um ensino verdadeiramente inclusivo e diverso.

